BIZZ

ROLLING STONES

VEM AÍ O MEGA SHOW DO VERÃO

CARO DE DOER

TODA A VERDADE SOBRE O PREÇO DO CD NO BRASIL

PRÊMIO BIZZ 94

CHEGOU A HORA DE VOTAR

DEATH METAL

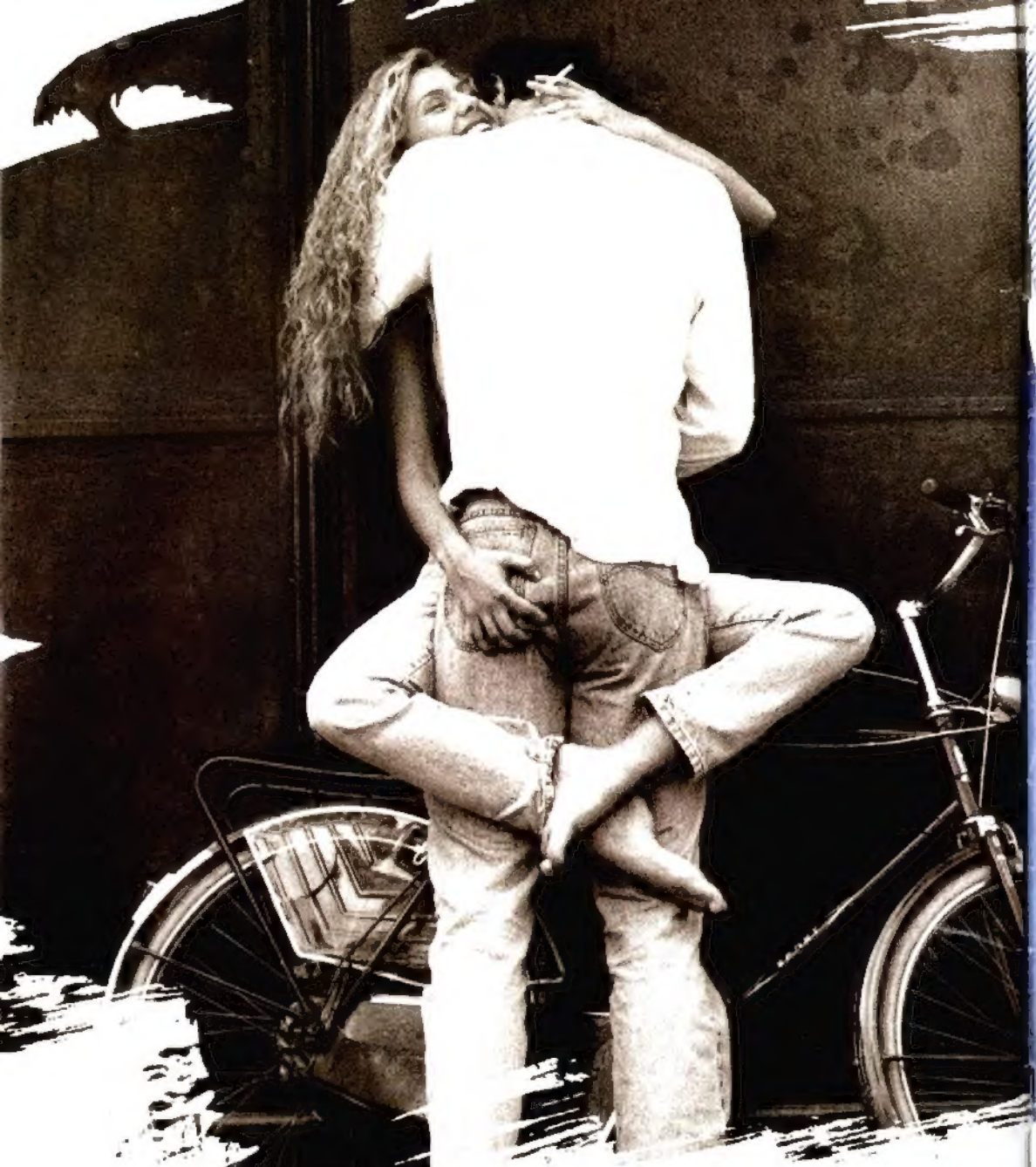
APAVORA O NATAL INGLÊS

Jimmy Page e Robert Plant pilotam

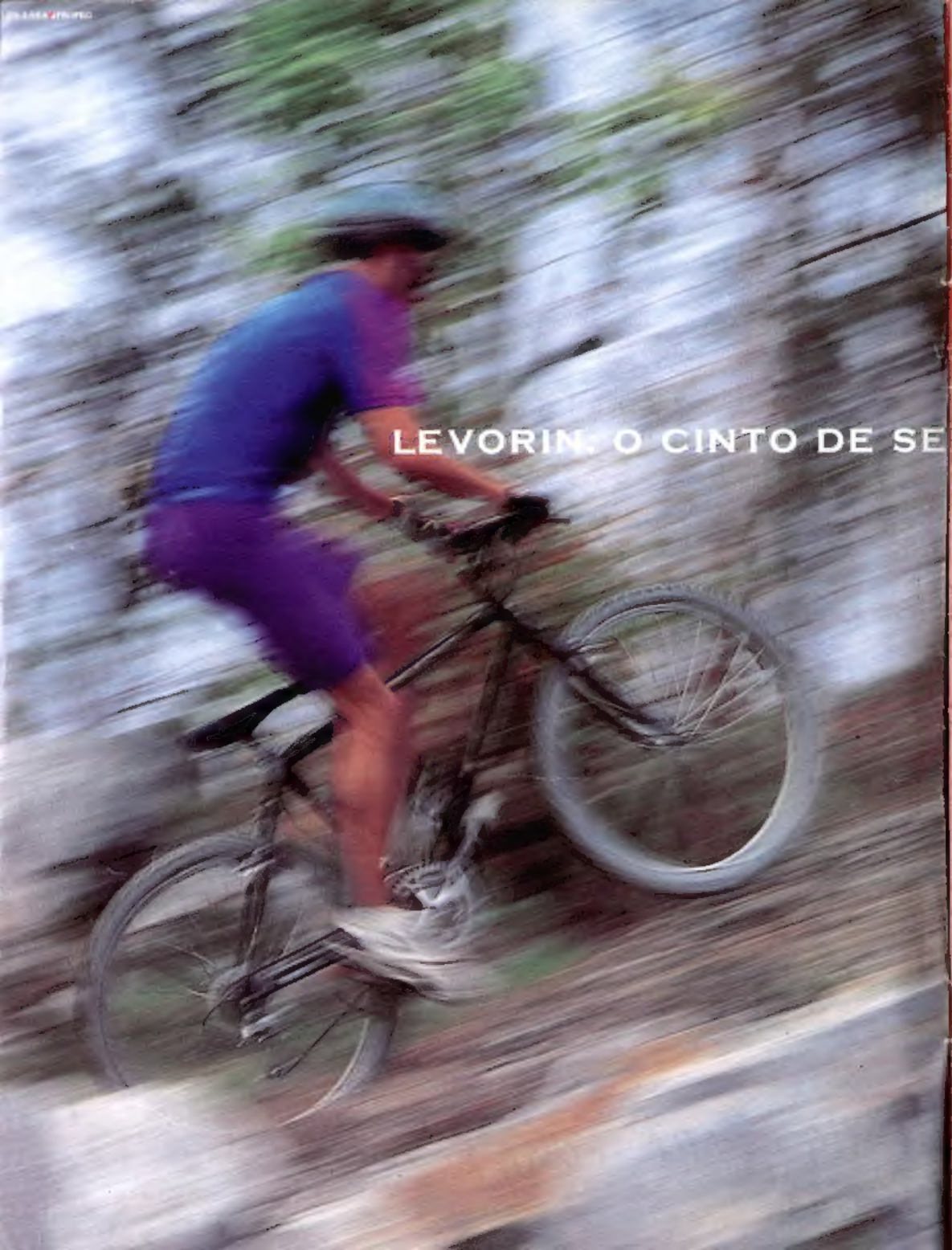
A NOVA DECOLAGEM DO

Led ZEPPELIN

BBB1 • ANO 10/Nº 12 • EDIÇÃO 113 • R$ 3,25
ISSN 0101-1642



VOCÊ NÃO TEM Q. SER LIGHT PARA FUMAR HOLLYWOOD LIGHTS.



LEVORIN. O CINTO DE SEGURANÇA DA SUA BIKE.

Quanto menos contato sua boca tiver com a lama ou sua clavícula com o ortopedista, mais contato seus olhos terão com a natureza. A Levorin leva isso em conta na hora de fazer pneus para mountain bike. São nove modelos de pneus, todos eles testados de acordo com normas japonesas de qualidade e desempenho. Isso inclui 5.000 km num simulador de rodagem que imita todos os tipos de terreno e obstáculos do universo mountain. Tanto que hoje nossos pneus são peças originais dos maiores fabricantes de bike do Brasil. Além de serem exportados para Europa e América Latina.
Levorin. Porque quem tem que ter contato permanente com o solo é o pneu, não você.

levorin

PNEU PARA QUEM VAI LONGE.

EDITORIAL

Se a gente fosse definir a trilha sonora para os anos 70, ela teria que ser Led Zeppelin. Peso, lirismo, guitarras trovejantes, vocais afiados e "cozinha" arrasadora (com o baixista John Paul Jones e o finado baterista John Bonham): ingredientes que fizeram do quarteto britânico o ícone máximo do heavy setentista. Pois não é que, após quase quinze anos do fim da banda, o duo que a impulsionou - o guitarrista JIMMY PAGE e o cantor ROBERT PLANT - volta a trabalhar junto a partir do material de seu antigo grupo em disco e vídeo? A cobertura completa do reencontro está nesta última edição de 94.

Ilustração: Matanga

E já que o ano está acabando, nada mais apropriado do que avaliar o que rolou de melhor nos últimos doze meses. Assim, trazemos o encarte para você votar no PRÊMIO BIZZ 94. E mais: confrontamos a polêmica - dita racista - do livro americano A CURVA DO SINO com gente do meio musical, colhendo opiniões de Q.I.s "nada inferiores" sobre o assunto. Investigamos a razão do ALTO PREÇO DO CD no Brasil, através das "tramóias monetárias" do mercado, desde a fabricação até ele chegar às suas mãos. Para aguar mais ainda sua boca, trazemos a ficha completa dos tão aguardados shows dos ROLLING STONES por aqui. PS: com esta edição praticamente pronta, soubemos da repentina visita de Page e Plant ao Rio para promover o seu trabalho. Lógico que fomos atrás dos caras, que inclusive não foram nada polidos com o ex-colega, Jones. Confira na reportagem. A Redação

ESTUDAMOS DETALHADAMENTE
O MOVIMENTO HUMANO.
ANALISAMOS PROFUNDAMENTE
A SUSPENSÃO DOS CARROS.
OUVIMOS SISTEMATICAMENTE
A OPINIÃO DOS ORTOPEDISTAS.
COPIAMOS DESCARADAMENTE
A ESTRUTURA DOS PNEUS.

(E AÍ SÓ DEMOS
UMA MEIA-SOLA.)

AMORTECIMENTO AJUSTÁVEL POR
REGULAGEM DE PRESSÃO.

ADIDAS TUBULAR. O ÚNICO COM BOMBA DE PRESSÃO COM VISOR DIGITAL, QUE PERMITE AJUSTE DE AMORTECIMENTO NO SOLADO, DE ACORDO COM O PESO E A ALTURA DO ATLETA.

THE BRAND WITH THE THREE STRIPES

adidas
tubular

BIZZ

Ano 10 • Nº12 • Edição 113 • Dezembro, 1994

42 **JIMMY PAGE & ROBERT PLANT**, a dupla central do Led Zeppelin, retomou a parceria em disco e vídeo – que os dois vieram promover em passagem pelo Brasil. Seria a volta do lendário grupo?

50 **A CURVA DO SINO** é um livro em que dois americanos tentam provar que o Q.I. dos negros é inferior ao dos brancos. BIZZ foi saber o que os artistas pensam da tese

58 Rap hop progressivo? Pop pesado? Confira qual é a praia do quarteto feminino **LUSCIOUS JACKSON**, grande revelação de 94, numa entrevista exclusiva de José Emílio Rondeau

64 Por que o CD custa "os olhos da cara" para o consumidor no Brasil? Se você perde, saiba quem é que ganha no processo, nesta investigação sobre o **MERCADO NACIONAL DE CDs**

este mês

Capa Led Zeppelin
foto Divulgação

CARTAS
10 A gata das guitarras e a bronca dos fãs de Daniela Mercury

SHOWBIZZ
12 A ficha dos shows brasileiros dos **Rolling Stones**
14 **The Black Crowes** e sua capa censurada
16 Entrevista com **Roger Corman**, o mestre dos filmes "B"
18 O baterista dos **Spin Doctors** em exclusiva para BIZZ
20 [illegible], **Slash** em disco solo e a sensação do **Portishead**
22 Quem detonou este ano revela o que pretende para 95
26 [illegible] **Maskavo Roots** e **Kristin Dunst**

MIX
28 Fotos exclusivas de [illegible], a Billboard faz um século de vida

ENJOY IT
30 Especial com os melhores modelos de **DiscMan** do mercado

SATÉLITE
34 **"Terroristas Satânicos"** ingleses e [illegible] da Flórida e do Havaí

DEZ PERGUNTAS + 1 PARA...
36 O polêmico craque palmeirense **Edmundo**

AO VIVO
70 Um registro especial do Free Jazz Festival

LANÇAMENTOS
74 Rap (**Public Enemy, Terminator X**) e rap metal (**Body Count**)
77 [illegible] brasileiro, **Oasis** e **The Reverend Horton Heat**
78 **Nirvana** acústico e o [illegible] do **Slayer**
86 **Peter Gabriel** ao vivo, **DeConstruction** e o lendário **Johnny Cash**

CLÁSSICOS
98 **Rolling Stones**, **New York Dolls**, **Erasmo Carlos** & **Simonal**
102 **The Temptations**, **Big Joe Turner**, **Bootsy Collins** e mais
104 **Volume**, o CD-magazine interativo e o livro-bombade **Nick Kent**
105 O resgate do subestimado trio **The Walker Brothers**, na Jukebox

DISCOTECA BÁSICA
106 Peso e psicodelismo, com [illegible], do **Cream**

Cartas

AVALANCHE!

Nunca tinha visto a revista (edição 111) tão cheia de informação e tão diversificada. A propósito, vocês não teriam por acaso o telefone da linda arjinha que acompanhava aquelas guitarras?

Edinei Souza, *Planaltina/DF*

Sacanagem da BIZZ na edição 111. Deixar aquelas malditas guitarras atrapalharem a nudez daquela maravilhosa modelo!" Foi difícil suportar mas mesmo assim agradeço.

Luis Carlos Damário, *São Paulo/SP*

Sou assinante da BIZZ há dois anos. Todas as matérias são bem interessantes, mas na edição de outubro vocês capricharam na matéria com as guitarras e a linda e gostosa Lita Faleiro.

Irineu Júnior, *Guarulhos/SP*

Gostei da reportagem "Asas Para O Desejo", embora vocês deveriam ter mostrado a (*impublicável*) dela e ter deixado ela de (*também impublicável*).

Wagner Rogério da Silva, *Maceió/AL*

Dois pontos me deixaram deslumbrado com a BIZZ 111: o primeiro foi a matéria sobre os horrores de um repórter na guerra, e o outro é a reportagem sobre "sexo solitário", trabalho no qual não encontramos um pecadinho sequer, sem trocadilhos.

Paulo Roberto Ramos, *Rio de Janeiro/RJ*

A matéria sobre guitarras ficou muito boa. Falando em boa, a arjinha é demais! A propósito, adorara ver a Renata e a outra deusa (*do ensaio da edição 109*) nas próximas edições.

Sidnei de Oliveira, *São Paulo/SP*

Fiquei fascinadíssimo com a beleza do anjo da matéria "Asas Para o Desejo". Se vocês publicarem um anjo como esse por mês na revista, até São Pedro vai solicitar uma assinatura. Valeu!

Carlos Magalhães, *Mogi das Cruzes/SP*

Então é assim! Ficamos horas e horas bolando matérias diferentes, comportamentais, sobre assuntos novos... E agora vocês vêm dizer que o melhor da revista são as mulheres. OK, meninos, não se preocupem. Essas maravilhas não deixarão as páginas da BIZZ.

E TEVE O LEÃO SERVA...

A matéria com Leão Serva e as suas fotos são da mais alta categoria, apesar de a guerra ser uma triste situação. Eu fico imaginando como Serva se sentiu largando o mundo londrino para presenciar as crueldades de uma guerra.

Ana Paula Barros, *Campinas/SP*

Parabenizo a revista pela reportagem do Leão Serva sobre as guerras na Somália, Bósnia e Angola. Continuem sempre audaciosos, fazendo desta uma revista diferente.

Paulo Sérgio Martins, *Embu/SP*

Me comovi com a reportagem do Leão Serva. Lendo sobre os momentos que ele passou entendi que é de gente assim que o Brasil precisa.

Claudio M. da Silva, *Corapicuíba/SP*

A reportagem do ex-correspondente de guerra Leão Serva é um exemplo da nova linha editorial da BIZZ: pretendemos cada vez mais trazer reportagens comportamentais, que ampliem o nosso universo roqueiro. Obrigado!

"Ao comprar a BIZZ 111, esperava ler apenas sobre música. Mas não. Acabei lendo sobre modelos bouzudas, cinema, programas de TV e desenhos animados, casas noturnas, jumentos bregas, guerras, churrasco, sexo, Hollywood e... guitarras peitudas!" Bruno Pachkes, São Luís/MA

A POLÊMICA FALCÃO

O que está acontecendo com a BIZZ? Odiei a entrevista com o Falcão na edição de outubro. Esse cara não canta porra nenhuma.

Celso Adriano Veras, *Crateús/CE*

Tenho notado que vocês têm demonstrado breguice em demasia, mas a entrevista com o Falcão ultrapassou todos os limites do ridículo. Pelo amor de Deus, parem agora com esse negócio de dança do jegue, paródia de corno, etc...

Irley Pinheiro Kretli, *Palmas/TO*

Na estréia da seção *10+1*, na edição 111, meu conterrâneo Falcão disse que espera "uma boa administração" do ministro Ciro Gomes. Espero o mesmo, pois sua administração como governador foi horrível, ele só investiu em turismo.

José Nilton da Silva, *Iguatu/CE*

Vamos lá. Será que alguns leitores não pegaram o espírito da coisa? Como todo mundo já sabe, o Falcão é o eterno "musa" da música pop nacional, gente. Quanto ao caso de nosso dileto ministro, sem comentários.

A.R. E OS FÃS DE DANIELA

Apesar do comentário nada elogioso sobre o novo disco da elétrica Daniela Mercury, o crítico Alexandre Rossi cometeu uma falha imperdoável para um crítico musical: não conhece a discografia da grande cantora baiana. O último disco de Daniela não é o segundo e sim o terceiro de sua carreira. Então, da próxima vez que o sr. for "massacrar" um artista, por favor pesquise pelo menos a discografia do "massacrado" para não cometer uma tremenda gafe como essa.

José Luiz, *Maceió/AL*

Alexandre Rossi responde: "Caríssimo José Luiz, obrigado por responder ao comentário que escrevi sobre o novo disco de Daniela Mercury. Achei que nenhum fã da cantora se desse ao trabalho de ler o que se escreve sobre ela. Você está certo. Não fui feliz em desconsiderar o primeiro disco dela gravado em 91. Mas se for por aí, deveríamos contar Música De Rua *como o quarto disco de sua carreira, já que seu primeiro registro após sair da cola de Gilberto Gil foi à frente do grupo de 'axé music' Companhia Clic. Se eu fosse você, pegava uma corona atrás do Trio Elétrico ao invés de ficar se descabelando com o que os outros acham de seus artistas preferidos. Axé!"*

NOTA DA REDAÇÃO: Para colocar um ponto final nessa polêmica, esclarecemos que Daniela Mercury lançou até hoje cinco discos, dois como vocalista do grupo Companhia Clic (selo Eldorado), e outros três em carreira solo, que são: Daniela Mercury *(selo Eldorado),* O Canto Da Cidade *e* Música De Rua *(ambos pela gravadora Sony).*

"PISADAS" DE OUTUBRO

Na resenha da coletânea *Strictly Rhythm – The Sound Of New York* (pg. 76), o selo Paradoxx foi citado como sendo nova-iorquino. Na verdade, ele é o representante brasileiro do selo Strictly Rhythm.

Mil perdões aos leitores mas, por um lamentável erro, a cantora da banda Echobelly foi quem ilustrou a nota sobre o grupo Drugstore (pg. 20). Eis aqui abaixo a verdadeira foto de Isabel Monteiro, a vocalista da banda.

Sinéad O'Connor

"Poucas vezes no pop alguém colocou, com tanta sinceridade, a alma para tocar numa aparelhagem de som".

Tarik de Souza

O novo álbum Universal Mother

CD K7 LP

EMI

O maior show da Terra no Brasil

Agora é só ter paciência. Os **ROLLING STONES** tomam conta do Hollywood Rock 95 e chegam ao Brasil para realizar o sonho de uma legião de fãs. A banda de Keith Richards e Mick Jagger toca dias 27 e 28 de janeiro em São Paulo (estádio do Morumbi) e 2 e 4 de fevereiro no Rio de Janeiro (Maracanã). Todos os quatro shows serão abertos por Spin Doctors, Barão Vermelho e Rita Lee.

Os Stones trazem ao Brasil sua *Voodoo Lounge Tour*, uma gigantesca caravana de 140 pessoas e toneladas e mais toneladas de equipamentos. Os números impressionam, a começar pela potência sonora de 3,8 milhões de watts.

A estrutura

O palco é um capítulo à parte. Ele mede 30 metros de altura por 72 de largura, com 26 metros de profundidade. No fundo, um telão de alta definição exibe os detalhes do show. Em uma das extremidades do palco, uma enorme estrutura maleável de aço, iluminada por quase mil lâmpadas, completa o cenário. Dois palcos gêmeos serão trazidos ao Brasil, assim como ocorreu quando Madonna esteve por aqui.

É claro que o show tecnológico só será colocado em prática no espetáculo dos Stones, que prometem repetir aqui o êxito que vêm obtendo nos Estados Unidos desde 1º de agosto. Antes de chegar ao Brasil, a *Voodoo Lounge Tour* passa pelo Canadá e o México. Depois, a banda passa por Argentina, Chile, Ásia e Europa.

A *Voodoo Lounge Tour* já entrou para a história. Em 18 de novembro, alguns dos 40 milhões de computadores ligados na rede mundial Internet assistiram o primeiro show de rock transmitido ao vivo.

Segundo a Promoter, empresa organizadora do evento, os shows dos Stones devem durar cerca de 120 minutos. O público esperado nos quatro dias chega a 360 mil pessoas.

Os Stones ensaiaram nada menos que 60 canções compostas nos 31 anos da banda. O repertório de cada show é decidido pouco antes de seu início, o que transforma cada um dos espetáculos num acontecimento único.

Das 15 canções de *Voodoo Lounge*, a banda apresenta o hit "Love Is Strong" e ainda "You Got Me Rocking", "The Worst", "Out Of Tears", "I Go Wild", "Brand New Car" e "Sparks Will Fly". Quanto aos clássicos, uma coisa parece ser certa: até agora, todos os shows da turnê foram fechados com uma versão arrasa-quarteirão de "Jumpin' Jack Flash".

Quem é quem

Sem o baixista Bill Wyman, os Rolling Stones escalaram uma banda de feras para a turnê. Além dos *glimmer twins*, o baterista Charlie Watts e o guitarrista Ron Wood, sobem ao palco o saxofonista Bobby Keys (considerado um "stone não oficial" desde a virada dos anos 70), o baixista Darryl Jones e o diretor musical da turnê, o tecladista Chuck Leavell (que está com Stones há dez anos e deu uma senhora força a Eric Clapton em seu *Unplugged*). Completam o time os vocalistas Bernard Fowler e Lisa Fischer, que também marcaram presença na última turnê dos Stones, em 89.

Com essas armas, os Stones correm os Estados Unidos há seis meses. Agora, é esperar o auge do verão e cair no ritmo irresistível da eterna maior banda de rock'n'roll do planeta. A temperatura já começa a subir.

Helio Gomes

INGRESSOS

São Paulo, estádio do Morumbi:
Arquibancada - R$ 18
Gramado - R$ 25
Cadeira Superior - R$ 80
Cadeira Inferior - R$ 120

Rio de Janeiro, estádio do Maracanã:
Arquibancada - R$ 15
Gramado - R$ 25
Cadeira - R$ 50
Cadeira Especial - R$ 150

Os ingressos estão à venda nas lojas Mesbla de todo o país e nas lojas de conveniência dos postos Shell.

CENSURADA CAPA DOS BLACK CROWES

O lançamento do terceiro disco dos **BLACK CROWES**, *Amorica*, vem causando muito barulho nos dois lados do Atlântico. E tudo por causa da capa do álbum. Nela, está estampada uma foto que mostra uma mulher vestindo a parte inferior de um biquini, com seus pêlos pubianos à mostra. Como se não bastasse, o biquini reproduz a bandeira americana.

Nos Estados Unidos, o disco acabou saindo com duas capas, uma com a tal foto e outra "maquiada", mostrando apenas o biquini sobre um fundo preto (confira as duas capas nesta página). A escolha fica por conta do lojista.

Já na Inglaterra, os cartazes promocionais do álbum foram banidos pela companhia do metrô. No norte do país, uma agência de publicidade também negou-se a distribuir os cartazes por considerá-los "obscenos". A solução encontrada pela gravadora foi colocar uma tarja estrategicamente sobre os pêlos e redistribuir os cartazes.

Chris Robinson, vocalista dos Crowes, anda se divertindo muito com a história: "Nós não conseguimos fazer uma foto de um chumaço da Liz Phair, então acabamos ficando com esse mesmo". Robinson ainda alfinetou seu país natal: "Você pode comprar uma arma quando quer, mas quando você mostra pêlos púbicos as pessoas ficam chocadas".

Por causa do excesso de pêlos (acima), os americanos malharam a capa dos "corvos"

Foto Cláudia Dantas

Desceu a inspiração no homem e ele arranjou parceiros na África

SÉRGIO DIAS FAZ WORLD MUSIC MUTANTE

O ex-mutante **SÉRGIO DIAS** continua seu caminho fora do Brasil. Depois de passar temporadas nos Estados Unidos e na Inglaterra, Dias lançou-se num audacioso projeto com músicos da África do Sul. "Fui até lá para tocar num festival de jazz e acabei ficando dois meses", conta. Lá, o guitarrista iniciou as gravações de um álbum que mistura elementos musicais dos dois países e ainda conta com a participação de músicos zulus. "Foi um raio de sol na minha vida", define Dias. Batizado provisoriamente de *Southern Cross* (Cruzeiro do Sul, em inglês), o disco não tem previsão de lançamento, "ele está indo pro forno agora", disse o ex-mutante às vésperas das mixagens.

Hélio Gomes

DÊ OUVIDOS A QU

LINHA PANASONIC DE ÁUDIO. MAIOR POTÊNCIA E QUALIDADE PARA SEUS OUVIDOS.

COMPARE.

A Panasonic está com uma linha incrível de Stereo Music Systems. Equipamentos de som integrados que tem entre seus opcionais o CD Player, para quem gosta de cd, vinil ou os dois juntos. E tudo isso com todos os recursos que você e seus ouvidos merecem. Porque quando você compra um Panasonic, você leva junto o máximo em potência, qualidade e design. Com a Panasonic você não precisa ver para crer. Basta ouvir. Mas a gente recomenda que você veja. Porque vai ser a primeira coisa que suas visitas vão olhar quando entrarem na sua sala. Pode acreditar.

DÊ OUVIDOS A QUEM MAIS ENTENDE DE SOM.

SC-HM 560
- Potência de saída 300W (PMPO)
- Analisador de Espectro de 6 faixas de freqüência
- On timer (temporizador programado para ligar)
- Controle remoto de 32 teclas

SC-HM 140
- Potência de saída 80W (PMPO)
- Equalizador gráfico de 3 faixas de freqüência
- Super Bass
- Indicador de nível (Level Meter)
- Caixas acústicas de 2 vias + 1 woofer passivo (Sistema Extra Bass)

Panasonic
Antecipa o futuro

Como gasta pouco com seus filmes, Roger Corman é só sorrisos

O HOMEM DE 270 FILMES

Roger Corman foi uma das figuras mais assediadas na Mostra Banco Nacional, que aconteceu em setembro no Rio de Janeiro, e no mesmo mês em uma versão diminuta em São Paulo. A Mostra exibiu uma retrospectiva dos filmes mais representativos da carreira de diretor e produtor. Entre outros feitos de sua carreira, estão ter dirigido mais de 200 filmes, lançado atores como Jack Nicholson, e diretores como Francis Ford Coppola e Jonathan Demme.

O que achou de sua visita ao Brasil?

Vim ao Brasil como turista várias vezes, gosto muito daqui. Mas não é a primeira vez que venho para trabalhar. Estive aqui para procurar locações para um filme que rodei em Quito e na parte peruana da Amazônia. Conta a história de um seringueiro em conflito com madeireiros e acaba sendo assassinado.

O filme chama-se *800 Léguas Amazônia Adentro*. Mas ainda não o lancei comercialmente porque os atores principais, Sandra Bullock (de *Velocidade Máxima*) e Craig Sheffer (de *Vem Dormir Comigo*) não tinham a mesma fama que gozam hoje. Estou esperando o momento certo para lançá-lo. Só não posso demorar muito senão perco a oportunidade.

Parecido com a história de Chico Mendes, não?

Sim, isto está claro. Mas não há no filme, dirigido por Lucho Llosa (que fez *O Especialista*, com Sylvester Stallone e Sharon Stone) todas as implicações políticas que a história real de Chico Mendes.

O último filme que leva a sua assinatura na direção é *Frankenstein, O Terror Das Trevas*, de 90. Por que não dirige mais com tanta freqüência?

Uma produtora exige muito trabalho. A minha, New World, foi fundada em 71 após as rodagens de *Águias Em Conflito*. Foi o último que dirigi antes de *Frankenstein* e um dos mais cansativos. Resolvi que queria um descanso. Por isso, fundei a produtora. No final, acabei crescendo mais do que gostaria. E trabalhando tanto quanto deveria, também.

Qual a sua rotina de trabalho hoje em dia?

Produzo cerca de 20 filmes de baixo custo (*entre 1 e 2 milhões de dólares*) por ano. São basicamente filmes que ganham o mercado de vídeo e televisão a cabo. Somente alguns vão para as salas de cinema, é um trabalho árduo, que não dá muito tempo de pensar nos projetos de direção.

No que está empenhado no momento?

Vou trabalhar no lançamento de *A Sinfonia Assombrada* e *O Enterro Do Rato*, dois filmes que produzi. Em seguida, começo a produzir três novos filmes.

Para quem tem mais de 200 filmes no currículo, fica difícil dizer qual é o preferido.

São 270, incluindo produções e direções. O meu xodó é *Eu Te Odeio (The Intruder*, 61). É um dos meus filmes mais pessoais e subjetivos. Paguei-o com dinheiro do meu próprio bolso. Conto a história de um professor e seu trabalho nas escolas sulistas na época da integração racial. Ganhou boas críticas e alguns festivais. O que não bastou para me salvar do prejuízo.

Alessandro Gianoni

notas

Uma opção alternativa a Gaceland, a mansão-santuário de Elvis Presley, **JERRY LEE LEWIS** abriu seu rancho para visitas. Por 5 dólares é possível fazer um passeio por sua casa, jardim e a maravilhosa piscina em forma de piano, além de serem recebidos pelo killer em pessoa e sua esposa** Na Pensilvânia, menores de 18 anos não podem comprar um CD do **SNOOP DOGGY DOGG** sem a autorização dos pais. Por conter "mensagens sujas", Snoop está enquadrado na mesma lei que proíbe a venda de álcool, tabaco e armas a menores de idade** O baterista do **NIRVANA**, David Grohl, se incorporou à banda de Tom Petty, The Heartbreakers* Os **BEASTIE BOYS** cancelaram a turnê européia que fariam em novembro e dezembro. A razão oficial: o percussionista Eric Bobo teria machucado o braço. Detalhe: além de não ser efetivo no grupo, Bobo machucou a mão há mais de um mês.

A loira fatal volta com sua antiga banda

***DEBORAH HARRY** (foto) remontou o **BLONDIE** e coloca a sua banda em turnê no primeiro semestre de 95.

QUEM MAIS ENTEND

LINHA PANASONIC DE ÁUDIO. MAIOR POTÊNCIA E QUALIDADE PARA SEUS OUVIDOS.

COMPARE.

A Panasonic sempre deixou tudo muito claro entre você e ela.
Por isso, ela lançou para você esta linha de Mini Systems. São equipamentos que além de práticos, foram concebidos com toda tecnologia de qualidade, potência e design. E o que é melhor, ocupando o mínimo de espaço para você esbanjar o máximo em volume e com tudo sob controle.
Inclusive o remoto.
Com a Panasonic é assim : você entra com os ouvidos e ela com a qualidade. Entendeu?

DÊ OUVIDOS A QUEM MAIS ENTENDE DE SOM.

SC-CH80

- Potência de 600W (PMPO)
- Equalizador eletrônico programado de 5 modos
- Duplo deck auto-reverse
- CD Changer com capacidade para 3 discos (MASH)

SC-CH51

- Potência de 550W (PMPO)
- Analisador de Espectro com 7 faixas de freqüência
- Equalizador Eletrônico Programado de 5 modos
- Funções completas para karaokê

SC-CH60

- Potência de 350W (PMPO)
- Equalizador gráfico de 3 faixas de freqüência
- CD Changer com capacidade para 3 discos (MASH)
- Sintonizador digital com 2 faixas

SC-CH31

- Potência de 300W (PMPO)
- Equalizador gráfico de 5 faixas de freqüência
- Sintonizador digital com 4 faixas
- Duplo deck auto-reverse

Panasonic
Antecipa o futuro

DOUTORES ROCK 'N' ROLL

Na época em que o baterista Aaron Comess concedeu esta entrevista à BIZZ, nem ele sabia que em janeiro o **SPIN DOCTORS** estaria no Brasil fazendo quatro shows de abertura para os Rolling Stones. Os shows do grupo, que além de Comess, é formado por Chris Barron (vocal), Eric Shenkman (guitarra), Mike White (baixo) fazem parte da turnê de lançamento de *Turn It Up Side Down*. É mais uma etapa em uma carreira do quarteto que em menos de quatro anos saiu dos esfumaçados clubes de Nova York para os braços das platéias do mundo inteiro graças ao álbum *Pocket Full of Kryptonite* – mais de seis milhões de cópias vendidas. Os brasileiros terão oportunidade de ouvir e ver de perto o grupo a quem os Stones concederam o privilégio de tocar no mesmo palco. Não é pouco, diga-se.

Havia notícias de que vocês iriam tocar no Brasil ainda este ano. Mas parece que isso não aconteceu nem vai acontecer... Por que cancelaram os shows aqui?

Nós vínhamos excursionando sem parar há dois anos e meio. Todo mundo estava muito cansado e já nos preparávamos para fazer um novo álbum. Então, resolvemos adiar as apresentações no Brasil. Mas é certo que vamos tocar aí no começo do próximo ano.

O que mudou no novo disco em relação ao primeiro álbum?

O som é o mesmo. Porém, está mais rápido, maduro e mais evoluído em termos de estilo.

Você vê como algo diferente ou uma continuação de *Pocket Full Of Kryptonite*?

Acho que é uma continuação. Quero dizer, você tem que acompanhar o ritmo dos outros, tem que seguir em frente...

Como foi sair de pequenos bares de Nova York e, de repente, estar fazendo shows para milhares de pessoas?

É verdade. Isso foi legal. Tocar para um

"Nosso disco mais recente é uma continuação do trabalho do Spin Doctors, só que mais rápido e mais evoluído em termos de estilo" (Aaron Comes)

pequeno público num *pub* é muito divertido, mas um grande show tem uma atmosfera diferente. Acho bacana alternar as duas coisas.

Agora, sobre as canções de *Turn It Up Side Down*, bem, elas têm uma grande mistura de estilos, como funk e folk.

É verdade. Claro que no grupo cada um tem seu gosto musical. Então, todo mundo coloca suas influências e suas predileções, do folk ao funk ao blues, rock e uma porção de outras coisas. É essa mistura que define o nosso estilo.

Você poderia citar algumas influências do Spin Doctors?

Claro: Parliament, The Who, Rolling Stones, Led Zeppelin, Beatles e um monte de outros caras. Também tem um pouco de jazz, tipo Miles Davis. As influências são muitas.

Quais as bandas atuais que você considera importantes?

Várias. Acho que a mais importante sem dúvida foi o Nirvana.

Bandas como Counting Crowns, Blind Mellon e até o Spin Doctors têm um quê de revival na forma de se comportar. Você acha que isso está se transformando em uma espécie de "onda"?

Não. Acho que esse é um tipo de coisa que tem sido feita há anos. Quero dizer, pegar influências do passado. Mas as pessoas estão fazendo as coisas à sua maneira, e estão fazendo agora. É uma questão de tempo.

E como está a nova turnê?

Bom, estamos na estrada há três meses aqui na América. Quando acabarmos esta etapa, iremos para a Europa, onde ficaremos por seis semanas. Abriremos alguns shows dos Rolling Stones. Então, vamos dar uma parada de uma ou duas semanas para decidir quais os próximos locais de nossa turnê.

Então, vocês ainda não decidiram em que lugares irão tocar?

É, não sabemos direito por onde começar. Só sei que a nova etapa começa em janeiro. Provavelmente vamos fazer mais alguns lugares nos Estados Unidos e então iremos para a América do Sul e Japão. JEFFERSON DE SOUZA

NTENDE DE SOM.

LINHA PANASONIC DE ÁUDIO. MAIOR POTÊNCIA E QUALIDADE PARA SEUS OUVIDOS.

COMPARE.

Olha só o que a Panasonic quer mostrar para você: uma linha chocante de Rádio Gravadores com ou sem CD Player, Pocket Stereo e CD Player Portátil.
Práticos e modernos, esses equipamentos foram desenvolvidos com toda tecnologia que só a Panasonic oferece. E com um detalhe importante: eles vão acompanhar você em qualquer lugar do planeta.
Isso porque o volume que eles vão fazer, é você quem controla com um simples toque.
Portanto, se você quer tecnologia, qualidade, potência e design, entre nessa para não entrar numa gelada.

DÊ OUVIDOS A QUEM MAIS ENTENDE DE SOM.

RX-DS15
- Potência de 50W(PMPO)
- Sintonizador digital FM estéreo /AM
- CD Player com edição sincronizada
- Programação para reprodução de até 16 faixas do disco

SL-S170
- Design compacto
- Capacidade de reprodução de até 8 horas
- XBS-Sistema Extra Bass
- Visor de cristal líquido (LCD) multifunção

RX-FS 430
- Potência de 26W (PMPO)
- Sintonizador FM estéreo/MW/SW1/SW2
- Parada automática
- Sistema de 2 vias / 4 alto-falantes

RQ-P30
- Toca-fitas estéreo com parada automática
- Teclas para avanço/retrocesso da fita
- Reprodução de fitas de metal
- Presilha para prendê-lo a cintura
- Fone de ouvido estéreo incluído

RQ-V186
- Sintonizador digital AM/FM com 20 memórias
- Visor de cristal líquido (LCD) multifunção
- Fone de ouvido com anel rotacional anatômico
- Auto-reverse
- Reproduz fitas de metal /CrO_2

RX-CT810
- Potência de 38W (PMPO)
- Equalizador gráfico de 5 faixas
- Dupla deck com reprodução contínua de fitas
- Caixas acústicas de 2 vias/4 alto-falantes

Panasonic
Antecipa o futuro

OUÇA ESSA

"Eu tinha muito ciúmes de Jimi Hendrix. Quando as pessoas me perguntavam dele após a sua morte, eu me comportava como se Hendrix fosse uma ex-namorada ou um irmão meu que tinha morrido." **ERIC CLAPTON**, na *Guitar World*

"Eu amo meu trabalho, amo a posição que estou e amo todos os benefícios que ela me proporciona. Mas continuo odiando fazer turnês e provavelmente vou continuar fazendo." **MICHAEL STIPE** (R.E.M.), na *Rolling Stone*

"Eu tenho encontrado toda essa gente que costumava ver na TV nos últimos anos e é incrível! Joey Ramone, Michael Stipe... eu não sabia que essas pessoas eram reais." **TRE** do **GREEN DAY**, na *New Musical Express*

"Masturbação: eu não posso fazer isso com uma mão ou outra fingindo que uma delas poderia ser uma garota." **STEVEN TYLER** do Aerosmith, na *Rolling Stone*

"Eu não acredito em Deus, não acredito na América, não acredito no rock'n'roll. Eu acredito em mim." **BILLY CORGAN** do **SMASHING PUMPKINS**, num ataque de modéstia em entrevista à revista americana *Spin*

"Mesmo se eu tocar muito bem, a única coisa com que as pessoas estão interessadas sobre mim é o fato de eu ser uma garota da classe média cantando palavras sujas." **LIZ PHAIR**, na *Rolling Stone*

"Eu pensava que havia roubado a música 'Crush with Eyeliner' do Sonic Youth. Mas, na verdade eu roubei de um comercial da Coca-Cola." **MICHAEL STIPE**, em entrevista à revista americana *Request*

"Eu adoro sexo e drogas. Quem não gosta? São os meus *hobbies*, como colecionar selos." **BRETT ANDERSON** do **SUEDE**, na revista *The Face*

[illegible] divulga disco solo

SLASH DÁ UM TEMPO NO GUNS

Calma, o cara só está lançando um disco solo. *It's Five O'Clock Somewhere* (em português, "São Cinco Horas Em Algum Lugar") será lançado em fevereiro de 95 e foi produzido pelo próprio SLASH e Mike Clink, que também trabalhou com o Guns N'Roses.

O guitarrista define o trabalho como "um projeto de rock espontâneo com apenas duas baladas. É *hard rock* cheio de gritaria". Além de Slash, a banda é formada por Matt Sorum (outro gunner, na bateria), Mike Inez (baixo, ex-Alice In Chains), Gilby Clarke e Eric Dover (guitarra e vocais). Slash ainda desmentiu os rumores do fim do Guns N'Roses e anunciou o substituto de Gilby Clarke na banda. O escolhido foi Paul Huge, um antigo amigo de Axl Rose.

A DUPLA QUE FAZ O MUNDO BABAR

[illegible] hip hop atmosférico [illegible] misteriosa

Geoff Barrow (músico/produtor/remixador) e Beth Gibbons (voz... e que voz!) se conheceram num curso para desempregados. Segundo a lenda, logo o duo estava criando incríveis trilhas sonoras imaginárias num estúdio em Bristol. Algum tempo depois, o mundo inteiro babava. Qual é o segredo do **PORTISHEAD**?

Geoff não gosta de atribuir seu som a Bristol, a cidade que nos deu Tricky e Massive Attack, entre outros: "É lisonjeador ser comparado a eles, mas a verdade é que cada um de nós faz uma música diferente". Uma coisa é certa: o hip hop atmosférico do LP de estréia *Dummy* é um dos melhores acontecimentos de 94. Quem sabe seja a mistura de influências: "... filmes de Hitchcock, A Tribe Called Quest, John Barry, Astrud Gilberto". A voz e as letras de Beth Gibbons (que mantém o mistério e não dá entrevistas) nos leva a bares esfumaçados onde se ouve jazz e se curtem fossas. O curta-metragem feito pelo Portishead, *To Kill A Dead Man*, confirma a fantasia: carros luxuosos, gangsteres, branco-e-preto.

Agora todo mundo quer o som do Portishead. "Vou parar de fazer *remixes* para outras pessoas", declara Geoff, cansado de gente querendo sua marca registrada. Qual é o ingrediente secreto, então? "Não sei... estou sempre à procura de sons. Mas tenho três regras de sampleagem: não uso nada que já tenha sido sampleado, não sampleio discos de hip hop e nunca sampleio trilhas sonoras."

Anamaria Lemos

O FUTURO É DOS QUADRINHOS

Dois filmes que prometem virar *cult* em 95 são baseados em quadrinhos. *Judge Dredd*, do jovem diretor inglês Danny Cannon (26 anos), baseado no clássico dos quadrinhos, traz **SYLVESTER STALLONE** no papel principal. Se passa no século 22, numa cidade futurista, decadente – chamada Mega-City One – e conta a saga de Dredd (Stallone), que é banido do local por um crime que não cometeu e volta para se vingar. O filme demorou dois anos para ser realizado devido à sua complicada produção de cenários, duas vezes maior que a Gotham City (da série do cinema *Batman*). Há efeitos de computação de primeira, maquiagem e figurinos primorosos. Outro filme é *Tank Girl*. A história se passa no ano de 2033, após a destruição parcial da Terra por um meteorito. Tank Girl (Lori Petty) é uma sobrevivente – para os homens, ela é um símbolo sexual; para as mulheres, o último ícone feminista. Uma das grandes atrações do filme é a participação do rapper Ice-T no papel de um canguru mutante (!). Os filmes ainda não têm previsão de estréia no Brasil.

O [illegible] Stallone [illegible] futurista

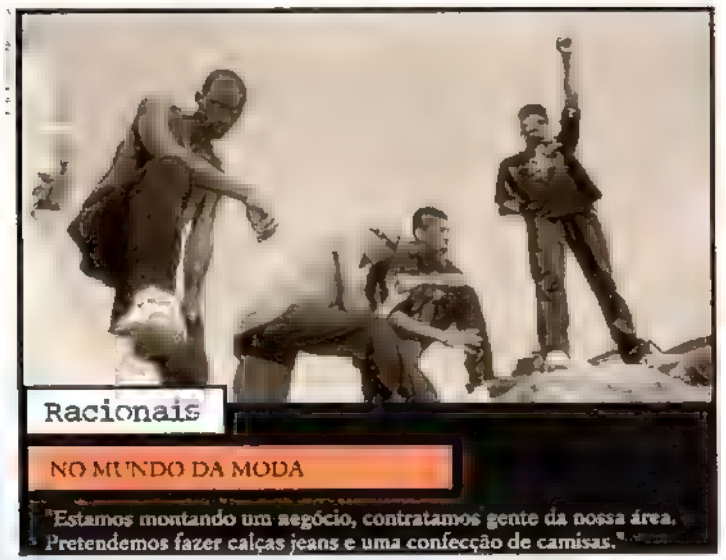
Cláudia Grecco

O QUE PRETENDEM EM 95?

Raimundos

MAIS DESENCANADOS DO QUE NUNCA

O novo disco sai em outubro e vamos continuar a ser os mesmos Raimundos: aqueles que não tiveram que pagar jabá para entrar na mídia. Não temos grandes ambições para o futuro



Racionais

NO MUNDO DA MODA

"Estamos montando um negócio, contratamos gente da nossa área. Pretendemos fazer calças jeans e uma confecção de camisas."

Georgia Worttman

NOVA IMAGEM NA T.V

"Além do talento e força de vontade, eu tive muita sorte em 94. No ano que vem termino a faculdade de comunicação e quero trabalhar com jornalismo de moda na televisão. Quero unir a minha imagem ao novo trabalho. Nesse caso, a TV é perfeita.

Alexandre Herchcovitch

MAIS METALEIROS

"Em 94, a mídia se encarregou de mostrar o meu trabalho como estilista para o Brasil. Hoje eu produzo o figurino da banda P.U.S, mas quero vestir mais bandas de metal. Eu gosto muito dos personagens que compõem esses grupos. Eles são muito carismáticos e curiosos. Se o Sepultura me convidasse para vesti-los faria com o maior prazer."

Claudia Liz

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL

"Basicamente tenho que me organizar melhor. Em 95, meu filho vai estar estudando e vai sobrar mais tempo para mim. Quero fazer uma ponte aérea internacional. Viajar é fundamental para a minha vida pessoal e profissional. Vou fazer também alguns cursos como o de voz e expressão corporal. Não quero nada convencional. Prefiro as coisas que não tenham nada a ver com o teatro."

Reginha

DANDO CERTO AOS POUCOS

"Gosto de fazer as coisas aos poucos, para poder ir dando certo e crescendo. No ano que vem vou estar fazendo shows e lançando meu primeiro disco. Também estou fazendo testes na Globo, onde eu gostaria de estrear numa comédia. Acho que ia me dar bem.

Mundo Livre S.A.

DINHEIRO 24 HORAS

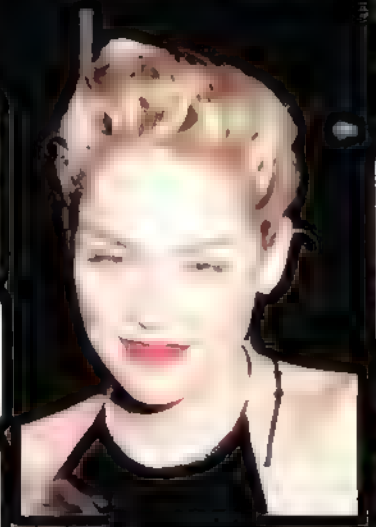
"Com a boa repercurssão do manguebit, deve dar para crescer financeiramente e finalmente vamos abrir uma conta em banco. É para receber o dinheiro dos cachês e direitos autorais. Até hoje pedíamos as contas de amigos ou de pessoas da família. Sempre dá problema! Queremos ter também cartões e acesso a agências 24 horas."

Cravo e Canela

DE BABY-DOLL

"A 'Melô Da Negão' estourou em todos os cantos do Brasil, foi uma febre nacional. Ano que vem, nós pretendemos trabalhar outra música do álbum, chamada 'Vestida De Louca', conhecida como 'Melô Do Baby-Doll'. Também pensamos na possibilidade de tocar em Portugal em março."

DATAS



29/10/94 Jimmy Miller, produtor de clássicos dos Rolling Stones, como *Exile On Main Street*, além de ter trabalhado com o Traffic e com o Motorhead. Morreu em Londres, devido a complicações cardíacas. Miller tinha 52 anos.

10/11/94 morreu a cantora e compositora de jazz Carmen McRae, de complicações cardiorrespiratórias após entrar em coma, em Los Angeles. McRay tinha 72 anos.

14/11/94 começa o julgamento de Heidi Fleiss, também conhecida como Madame Hollywood. A moça tinha uma agência de "modelos" e costumava mandar garotas de programas para figurões do cinema e da música – por exemplo, o cantor Billy Idol.

15/11/94 Stevie Wonder anuncia em Nova York que fará sua primeira turnê em cinco anos. Todo o dinheiro arrecadado com os shows – inclusive as rendas do single "Take The Time Out" – será revertido para uma campanha contra a fome.

07/11/94 Sharon Stone (foto) é confirmada como protagonista da refilmagem de *A Bela Da Tarde*. O filme, dirigido pelo espanhol Luis Buñuel, e que em sua primeira versão teve Catherine Deneuve no papel principal, terá direção de Roman Polanski.

18/11/94 os Rolling Stones mostram sua apresentação em Dallas, via Internet. O grupo autorizou uma companhia de multimídia em Nova York a distribuir as primeiras cinco músicas de seu show a *workstations* do mundo inteiro.

25/11/94 o baixista de funk Bootsy Collins (que entre outras coisas toca em "Sex Machine", clássico de James Brown) deu seu último show do milênio na London Clapham Grand, Inglaterra. Maiores informações sobre a carreira desse deus do funk em *Clássicos*.

06/12/94 é lançado um CD duplo dos Beatles, contendo 56 faixas. Destas, cerca de 30 não fazem parte do repertório da banda: são *covers*, como "Johnny B. Good", que a banda tocava no começo de carreira. O CD ainda traz uma composição inédita da dupla Lennon e McCartney.

31/12/94 o cantor Rod Stewart faz o show do *reveillon* no Rio de Janeiro, num palco armado em frente ao Hotel Copacabana Palace. A apresentação faz parte de um projeto da prefeitura da cidade, que vai de 23 de dezembro a 1º de janeiro, trazendo shows de Daniela Mercury, Tim Maia e outros.

ON THE ROAD

Os shows quentes que rolam na Inglaterra

ZZ Top
22/12 – Nec Birmingham, Birmingham
22/12 – Wembley Arena, Londres

Black Crowes
6/01/95 – Newport Centre, Newport

Tributo a Freddie Mercury & Queen
15/01/95 – Wyvern Teather, Swindow

R.E.M., Blur, Oasis, Cranberries
23/07/95 – The Nationall Ground, Londres

Eis a chance que sua banda esperava. O concurso **SKOL GARAGE BAND** vai escolher doze grupos para participar de uma coletânea da gravadora Sony Music. Para concorrer, basta mandar sua fita demo, com no máximo duas músicas (não vale *cover*) com letras em português para a Caixa Postal 16040 – CEP 22222-970 – Rio de Janeiro – RJ. A fita deverá ter as seguintes informações: nome, estilo da banda e qual sua cidade de origem; nomes dos integrantes e seus respectivos instrumentos, nome e letras das músicas, além de dois telefones de contato. Os finalistas deverão se apresentar num concurso com data e local a serem confirmados. Um juri vai escolher os doze eleitos que vão mostrar seu talento em CD. Importante: as fitas deverão ser mandadas até o dia 15/02. Então, não perca tempo: grave as suas musicas, mande sua fita e boa sorte!

Close-Up Tonic não é apenas uma escova com design avançado, ela é todinha avançada. Suas cerdas Tynex são dispostas em duas alturas, para escovar eficientemente os dentes e massagear as gengivas. Sua cabeça inclinada facilita o acesso aos dentes de trás e seu cabo anatômico tem um jeito legal de pegar.

TONIC. A ESCOVA IMPORTADA CLOSE-UP.

Um jeito hardcore de fazer reggae

Maskavo Roots

De uma banda em que o vocalista já cantou *hardcore* e os guitarristas adoram Pixies e Violent Femmes pode se esperar tudo, menos um disco de reggae convencional. Por isso é que a brasiliense **MASKAVO ROOTS** prepara-se para envergar em disco um dilema tostineano que persegue as apresentações do grupo. Eles se acham muito pesados para o publico de reggae e malemolentes demais para a rapaziada roqueira. "Não sei mais nada sobre esse dilema, mas estou feliz porque o Mundo Livre é ainda mais estranho", compara o guitarrista Carlos Pinduca.

O primeiro deles chega às lojas em janeiro. A banda, que começou fazendo *covers* de Bob Marley sob a alcunha de Cravo Rastafari, tem uma formação quilometrica: além de Pinduca Ricardo Marrara (baixo), Joa Kim (teclados), Rodrigo Pratavieira (bateria), Rodrigo Txotxa (guitarra), Marcelo Vourakis e Joana Lewis (vocais).

A gravação do disco, descrita como "a coisa mais normal do mundo, sem mistérios nem milhares de convidados", foi acompanhada pelos produtores Carlos Eduardo Miranda e Nando Reis, que ajudaram na escolha de timbres e harmonias. Entre as faixas estão a instrumental "Los Grilos", o ska "Besta Mole", o merengue "Yo No Quero Trabajar" e *roots* "Far Away". CARLOS MARCELO

VOCÊ Vai QUVIR Falar DE

Kristin Dunst

As palavras de **KRISTIN DUNST** ecoaram em Hollywood depois de publicadas pelo jornal *Los Angeles Times*. "Por que deveria me sentir intimidada?", quis saber Kristin, do alto de seus oito anos de idade, referindo-se a seu mais famoso co-astro em *Entrevista Com O Vampiro* (que estréia aqui em 16 de dezembro). "Não vim a Terra para agradar Tom Cruise."

"Não disse metade do que saiu no jornal", emendaria Kristin no dia seguinte, falando à **BIZZ** sobre seu trabalho como Claudia, a vampira infantil que passa decadas num corpo de criança enquanto sua mente e seus sentimentos passam a ser o de uma mulher de 30 anos. "Mas é verdade, não me senti intimidada. Tom é muito legal e foi uma honra ter trabalhado com ele."

Mesmo devidamente "instruída" a não ser excessivamente sincera como antes, Kristin não deixa de admitir seu desagrado pela cena em que beija Brad Pitt – no filme o vampiro Louis – na boca. "Acher um nojo, não sei como podem gostar disso." Impulsionada pelo mega-sucesso de *Entrevista* – que rendeu 36 milhões de dólares logo nos três primeiros dias de exibição nos Estados Unidos –, agora Kristin trabalhará no novo filme de Robin Williams, *Jumanji*. Mas não espere vê-la muito mais à frente das câmeras. "Quero ser escritora", diz ela. JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

Tom Cruise chupou o belo pescoço de Kristin

VITALOGY

Use seu cérebro

O Livro da Sabedoria. O Disco da Sua Vida

pearl jam

CD • LP • K7

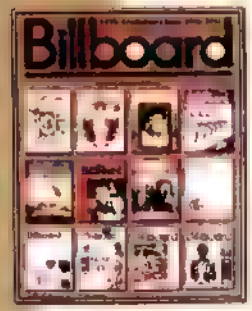
Sony Music

EDIÇÃO LIMITADA! ENCARTE ESPECIAL IMPORTADO NO FORMATO LIVRO

Rock stars na mira

Imperdível: a *Photo* francesa dedicou uma de suas melhores edições do ano às grandes estrelas do rock'n'roll. As imagens foram capturadas pelas lentes de fotógrafos como Greg Gorman (autor do ensaio com **Billy Idol**, *abaixo*). **Sting, David Bowie, Tom Waits, Slash, Axl Rose, Tina Turner** e **Iggy Pop** são outros dos *popstars* retratados na edição. Não deixe de conferir.

Centenária

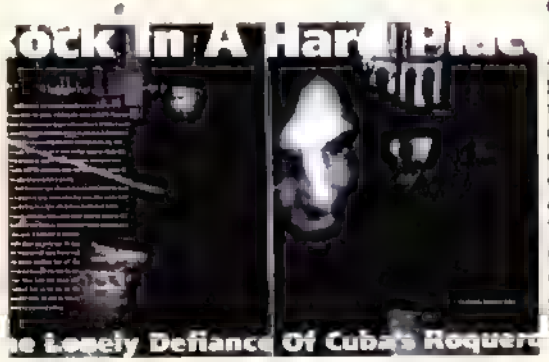


Raríssimos são os veículos de imprensa que conseguem completar uma década de vida. O que dizer sobre um que está há cem anos no mercado? Pois é, quem completa essa memorável data é a *Billboard*, revista essencial para quem quer acompanhar os altos e baixos do mercado fonográfico e as novidades do *showbiz* americano e mundial. Que venha o segundo centenário.

Tinta sobre a pele

A mais bem-sucedida revista especializada em tatuagem do mundo está cada vez melhor. Além de trazer perfis com adeptos inveterados da arte, a *Tatoo* ainda dá espaço a reportagens que dão uma geral no mundinho. Dê uma olhada no **Hendrix** descoberto entre a fauna presente a uma convenção de tatuadores na Austrália.

Cuba libre



A americana *Option* publicou uma bela reportagem sobre os fãs e músicos de rock'n'roll cubanos. A conclusão é óbvia: como em qualquer lugar, os "roqueros" de Cuba enfrentam todos os obstáculos e conseguem cair na farra. Nada mais rock'n'roll.

Helio Gomes

ENJOY IT

CD-Player portátil é a união da qualidade do som laser com a facilidade de transporte do walkman. Mais: você pode conectá-lo ao aparelho de som convencional e até no carro. Confira alguns modelos disponíveis no mercado brasileiro

O **Starlite CD 102** é bem simples, com acabamento plástico e pouca variação de funções. A grande vantagem é o preço. É disparado o modelo mais barato. 109 reais.

O **Kenwood DPC-341** é um aparelho com acabamento excepcional e a qualidade do som também é excelente. O modelo possui pré-equalização e o sistema Bass Boost (ampliador de potência). Com bateria recarregável e memória programável de 20 faixas, é compatível com aparelhos de som convencionais e de carro. 370 reais.

O **Sony DiscMan ESP D-421** é a grande estrela deste verão. É leve, resistente à água e foi projetado para resistir aos impactos e trepidações típicos das atividades esportivas. Também pode ser acoplado ao carro e a bateria é recarregável. 600 reais.

O **Sony D-121** é o modelo mais acessível da fábrica japonesa. Traz fone de ouvido, memória programável, adaptador para corrente elétrica e sistema Mega Bass (amplia a potência dos graves). 360 reais.
A versão **D-122 CK** é o mesmo aparelho, mas vem com vários acessórios, inclusive bandeja para o carro. 476 reais.

O **Casio PZ-800** é funcional e fácil de ser encontrado. Possui memória programável de 20 faixas e pode ser conectado em aparelho de som convencional, 300 reais.

O **Panasonic SI-S170** possui uma trava de disco que evita trepidações e garante maior segurança ao CD. Além do design moderno, também possui procura aleatória de faixas. 265 reais.

O **Samsung MY-CD4** é extremamente compacto com 2,9 centímetros de espessura. Pesa 292 gramas. Tem funções programáveis, Super Bass, seleção aleatória e pode ser acoplado ao aparelho de som. Só é comercializado no Duty Free Shop, em aeroportos internacionais. 149 dólares.

O **JVC XLP-60** tem todas as características de um bom *CD-Player* portátil e é um dos aparelhos mais resistentes e de maior vida útil do mercado. Vem com kit para carro, bateria recarregável e os visores são luminosos. 460 reais.

Pesquisa feita entre os dias 1º e 14 de novembro nas lojas Mappin, Panasonic Mirai (021) 325-6604 Akihabara World (011) 240-8855, Zona Franca (011) 542-3315 e RPS Internacional (011) 851-1033

Are you ready for Philips?

FOR Philips

Mini HI-FI System FW 56

- 460W PMPO (64W RMS)
- Laser CD changer para 7 discos, programável para 70 faixas
- Controle remoto total
- Analisador de espectro de 10 bandas
- Karaokê duet
- Timer/ Sleep
- Digital Sound Control
- Duplo deck logico auto-reverse

7
CD CHANGER

PHILIPS

Metaleiros prometem atear fogo no Natal inglês

TUMBRIDGE WELLS

Alguns ingleses de bandas *death metal* obscuras (Necropolis, Gomorrah, Cradle Of Filth) prometem atear fogo em igrejas e profanar túmulos em cemitérios na noite de Natal. Esses debeis mentais disfarçados de ativistas satânicos dizem fazer parte de um novo movimento que vem se proliferando entre os metaleiros europeus.

Autonomeados "Terroristas Satânicos", a rebelião planejada para o dia 24 foi a forma que eles arranjaram para protestar contra a prisão de Paul Timms, 18 anos, líder do Necropolis. Paul foi condenado a dois anos e meio de cadeia. Crime confesso: entre abril e junho, ele dessacralizou um cemitério e barbarizou sete igrejas.

Toda essa maluquice teve início na Noruega no ano passado. Varg Virkenes (nome artístico: Count Grishnackh), líder da banda de *black metal*, Burzun, foi preso pelo assassinato de Oisten Arseth (nome artístico: Euronymous), do grupo rival Maihem. Foi condenado a 21 anos de prisão.

Integrantes de bandas de metal andam queimando igrejas e vandalizando cemitérios

Virkenes também foi acusado de tocar fogo em várias igrejas norueguesas. Num desses incêndios, um bombeiro morreu. Virkenes confessou que fazia parte de uma congregação de adoradores do diabo denominada "Terroristas Satânicos" e, mesmo preso, estimula os ataques a templos.

Agora, a sandice chegou à Inglaterra. Mais preocupada com as presepadas amorosas de Charles e Diana, a grande imprensa não tem dado muita importância aos fatos. Mas eles são assustadores. Em setembro, além do caso Paul Timmns, muitos outros atentados aconteceram pelo país.

No Brasil, os "Terroristas Satânicos" também possuem adeptos. A banda mineira Sarcófago, em seu último trabalho, perpetra uma elegia a esses retardados na canção "Satanic Terrorism". Os versos "O sopro do vento mostra o seu poder/ Eles são um exército iconoclasta/ Marcado pelo fogo eterno..." não poderiam ser mais explícitos. Como se pode ver, indigência mental não é privilégio de primeiro mundo.

Ivan Miziara

Especial:

O roteiro alternativo para quem vai à Disney

ORLANDO

• Sinta-se em casa no GO LOUNGE O charme do lugar é exatamente a decoração (ou a falta dela): uma pequena sala de estar como a de nossos pais! Som ao vivo na garagem e Barry White, Frank Sinatra e Carpenters (!) rolando na jukebox. Fica na Wall St. Plaza, 27/fone: 407-422-3322

• United Colors: um verdadeiro mix de tudo Freqüentado por heteros, gays, brancos e negros. THE CLUB é um daqueles locais privilegiados onde as beldades se encontram. Fica na N. Orange Ave., 578/fone: 407-426-0005

• Fábrica da loucura O THE EDGE é o ponto de encontro de pós-adolescentes que gostam de música alternativa. Já foi um depósito antes de ser convertido em um enorme *club*. É abastecido por dois bares, pista de dança e uma área a céu aberto. É um ótimo lugar para dançar. Fica na W. Livingston St., 100/fone: 407-426-9166

• Underground O DEKKO'S NIGHT CLUB mantém o povo dançando sob pesadas batidas de house. Tem todos os elementos que costumam fazer a loucura desse tipo de lugar. Fica na N. Orange Ave., 46/fone: 407-648-8727

MIAMI

• Relaxe e goze! Para ouvir R&B e funk, ao vivo ou não, o melhor lugar de Miami é o ROSE'S BAR. Mesas ao ar livre, uma bela vizinhança, boa música... a vida é dura, né? Fica na Washington Ave., 754/fone: 305-532-0228

• Mare Dillon e Madonna costumam dar as caras por lá O AJAXX é frequentado pela "realeza" local: muita gente bonita e badalada. Não segue um estilo musical específico. Rola de tudo na pista de dança. Fica na Washington Ave., 841/fone: 305-673-3020

• Uiuiuí! Prepare seus sais para o *day after* THE WARSAW BALLROOM é adorado por Boy George, garotos musculosos e drag-queens espalhafatosas. Pode ser divertido. Depende exclusivamente das suas preferências sexuais e de seu grau de preconceito. Fica na Collins Ave., 145/fone: 305-531-4555

• Um VELVET que de *underground* não tem nada O visual predominante é o básico "praia-saúde". DJs se revezam nas *pick-ups* que tocam essencialmente rock e hip hop. Fica na Collins Ave., 634/fone: 305-532-0313

Gatas alucinantes desfilam "do jeito que você gosta" no Femme Nu

HONOLULU

Masturbação mental Um punhado de notas de um dólar, muita cerveja na cabeça, rock'n'roll e altas gatas rolando.

No FEMME NU, no Havaí, as gatas desfilam numa passarela, peladinhas. Os marmanjos ficam sentados ao longo da "avenida", bebendo cerveja, apreciando em close as partes íntimas das felinas e metendo dinheiro no elástico preso na coxa das *strippers*. O detalhe pirante é a qualidade do material à mostra. Todas as mulheres são estonteantes, algumas melhoradas por certeiras aplicações de silicone nos peitos e na bunda. As mais agressivas usam *body-piercing* em locais estratégicos, expostos com ajuda de dedos travessos. Um bando de enormes havaianos zela pela integridade física das beldades. Não avance, se não é porrada na certa. A não ser que você tenha 500 dólares no bolso. Aí, talvez uma das deusas do Femme Nu o acompanhe ao hotel para um serviço completo nas internas.

Dica de *insider*: fica bem no centro de Honolulu, não tem erro.

Felipe Zobaran

Se você tem uma banda que vive esbanjando talento na garagem, agora a Skol está dando uma chance de você ir para o estúdio. E deixar a vizinhança bem mais tranqüila. Vem aí o Concurso Skol Garage Band. Leia o regulamento e participe desse grande evento. Skol Garage Band. Onde sua banda vai se dar muito bem e seus vizinhos mais ainda.

REGULAMENTO: **1.** Só poderão participar bandas constituídas de no mínimo 3 e no máximo 8 integrantes, todos maiores de 18 anos. **2.** Cada banda só poderá concorrer com uma fita K7 "demo". Cada fita deverá conter no máximo 2 músicas (em português), porém a banda concorrerá com apenas uma delas. A banda será informada da música que concorreu somente se for uma das 12 bandas finalistas. **3.** As fitas K7 deverão ser enviadas até o dia 15/02/95 para **CONCURSO "SKOL GARAGE BAND"** Cx. POSTAL 16040 - CEP 22.222 970 - RIO DE JANEIRO - RJ **4.** Só poderão participar bandas nos estilos musicais: **Rock, Metal, Reggae, Rap, Blues e Pop.** Caso sejam entregues fitas K7 de bandas de outros estilos, estas serão automaticamente desclassificadas. **5.** A fita deverá vir acompanhada das seguintes informações: nome da banda, estilo musical, nomes dos integrantes e seus respectivos instrumentos, autor(es) da(s) letra(s) e música(s) enviada(s), nome(s) da(s) música(s), letra(s) da(s) música(s) e, ainda, origem (cidade / estado) da banda, endereço e 2 telefones para contato. Também deverá ser encaminhado uma foto da banda, tamanho 9 cm x 12 cm **6.** As bandas participantes, assim como qualquer um de seus integrantes, não poderão ter gravado nenhum disco comercial. Da mesma forma, o(s) autor(es) da(s) música(s) não poderá(ão) ter qualquer música já gravada comercialmente. **7.** As bandas devem se responsabilizar pela originalidade e ineditismo das letras e músicas remetendo, juntamente com a fita, uma declaração de autoria. **8.** Fica proibida a participação de bandas ou músicas "cover". **9.** As fitas enviadas não serão devolvidas. Todavia, serão utilizadas única e exclusivamente para o concurso. **10.** As 12 bandas finalistas deverão se apresentar no final do concurso em show com data e local a serem confirmados. Neste show será escolhida a banda vencedora. Caso a banda tenha que se apresentar fora de sua cidade sede, a SKOL se responsabilizará pelas despesas com locomoção e hospedagem dos integrantes da banda (2 diárias em hotel 4 estrelas). **11.** As 12 bandas finalistas deverão autorizar a edição e impressão em cds de suas músicas (autorização tanto dos autores como dos interpretes e executantes), segundo o que determina a lei 5988/73 **12.** Caso qualquer das 12 bandas finalistas tenham algum impedimento legal que inviabilize a sua participação no concurso, elas serão automaticamente desclassificadas

PREMIAÇÃO: ■ As 12 bandas finalistas terão um cd lançado comercialmente pela Sony Music (cd do show de encerramento do concurso). Importante: ficam cientes os partitipantes de que este cd terá o patrocínio expresso de SKOL. ■ As 12 bandas finalistas assinarão um contrato de exclusividade com a SKOL para uso eventual da música e imagem de seus componentes, pelo prazo de 24 meses. ■ Uma das 12 bandas finalistas poderá ser lançada comercialmente pela Sony. ■ As 12 bandas finalistas estarão à disposição da Sony para eventuais trabalhos promocionais e de divulgação após o show de encerramento do concurso. ■ A banda vencedora terá um clip produzido pela MTV / SKOL, que será veiculado na programação da MTV. ■ A banda vencedora participará de um miniespecial com entrevistas na Rádio 89 FM (SP), no programa "A vez do Brasil", e também terá sua música vencedora executada na programação diária da emissora. ■ A banda vencedora receberá um prêmio em dinheiro no valor de **R$ 10.000,00**

10 + 1 perguntas para Edmundo

Edmundo Alves de Souza Neto é um dos jogadores mais rock'n'roll que existem. Motivos não faltam: seus dribles de "moleque", o jeitão alegre e o temperamento explosivo, que o leva a arrumar brigas e confusões no campo – como a que aconteceu no começo de novembro contra o São Paulo. Para nosso espanto, o craque do Palmeiras, em entrevista exclusiva à BIZZ, revelou gostar mais de música sertaneja e pagode do que de solos de guitarra. Edmundo ainda mostrou sua preocupação com o gramado do estádio do Morumbi – que em janeiro será pisoteado pelos fãs dos Rolling Stones

Qual o tipo de música que você gosta?
Gosto de todos os tipos, especialmente aquelas que têm uma letra bonita. Pelo fato de ter nascido no Rio, eu curto mais samba e pagode. Essas músicas de danceteria eu também gosto, mesmo que não leve muito jeito para dançar.

Você toca algum instrumento?
Não toco nada e essa é uma das minhas maiores frustrações. Numa roda de pagode, eu só canto, mas gostaria muito de tocar alguma coisa.

O pessoal acha que o seu comportamento no campo é super rock'n'roll. Existe alguma relação entre o Edmundo e o rock?
Não muito porque eu gostaria de entender as letras das músicas. Quando ela é cantada em inglês, foge muito da minha alçada porque não conheço a língua. Gosto mais de entender o que estou cantando, não adianta enrolar a língua.

Você gosta de ir a shows?
Vou pouco, mas têm alguns que eu gosto de ir. Quando rola algum show no Olympia, eu vou. Como gosto de entender o enredo da música, prefiro ir a algum show nacional.

Os Rolling Stones vão estar no Brasil em janeiro. Você pretende ver a apresentação deles?
Gosto, mas não iria porque é muito louco, dá muita confusão. Dificilmente vou a esses shows porque não existe lugar para você fugir do assédio. É legal, é bonito, mas na hora do seu lazer você é uma pessoa comum e tem de ter a sua privacidade. O que não acontece nesse tipo de evento.

Falando em Stones, não dá uma dor no coração ao ver o gramado do estádio do Morumbi sendo pisoteado?
É meio complicado. Não sou contra esse tipo de coisa porque vai entrar uma grana para o clube, milhares de jovens vão se divertir. Mas deveria haver um pouco mais de respeito com o jogador de futebol.
Por exemplo: tem um show durante uma semana e no outro final de semana há uma final de campeonato. Vão estar cerca de 120 mil pessoas assistindo o jogo e mais 50 milhões de pessoas na televisão. O cara não vai querer saber que você errou um passe por culpa do gramado. O crucificado vai ser o jogador. Então eu gostaria que arranjassem um meio de garantir a diversão das pessoas sem prejudicar o gramado.

Se você tivesse que ganhar uma música em sua homenagem, quem você acha que deveria cantá-la?
Não tenho preferência, não. Sou um pouco romântico, mas é muita pretensão da minha parte escolher alguém. Se for uma homenagem feita de coração, eu vou ficar feliz. Mas gosto de muita gente: Chiclozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Netinho (vocalista de *axé-music*), Fábio Júnior. Curto também Paralamas, Frejat e Legião Urbana. Se eles fizerem uma música para mim, vou gostar muito.

Você ia ter uma participação como ator (*na peça* Aluga-se Um Namorado, *estrelada pelo ator Eri Johnson, amigo de Edmundo*), que acabou não rolando. Nunca pensou em cantar, também?
Não (*rinda*), a gente (*do Palmeiras*) ensaia um pagode de vez em quando. Um dia fizemos um churrasco e cismamos de tocar um pagode. Tem muita gente que toca instrumento, como o Zinho, o Paulo Isidoro e o César Sampaio. E eu tenho uma facilidade em aprender as letras das músicas. Quando acabou, até pensamos em fazer alguns shows.

Mas chegaram a marcar algumas apresentações especiais?
Não, porque o futebol é complicado. Se um jogador se envolve em outro tipo de atividade e nesse momento você não atravessa uma fase boa, as pessoas não entendem esse tipo de coisa. No momento em que ele está em atividade, não deve fazer outra coisa.

Você teve uma infância pobre. Se identifica quando ouve alguma música sobre esse tema?
Muito. Tem uma música do Zezé Di Camargo e Luciano, chamada "Meninos De Rua", que reflete a infância de muita criança no Rio. Me emociono sempre que escuto essa música porque eu poderia ser o enredo dela. A minha sorte é que eu tinha talento para o futebol, mas e se a minha carreira de jogador não desse certo? *Sergio Martins*

É ELA? NÃO.
É QUASE
A IRMÃ GÊMEA DELA.

SE NO SEU EQUIPAMENTO DE SOM
É TUDO QUASE,
VOCÊ TEM QUASE UM GRADIENTE.

A Gradiente possui a maior e mais completa linha de equipamentos de áudio. Tem um tipo de Gradiente para cada tipo de pessoa. O Laser Boy, por exemplo, é um som que agrada pais e filhos. Com ele fica muito fácil organizar um festival de rock, a qualquer hora, em qualquer lugar, sem ter que ficar ouvindo pai reclamar da altura e da potência do som: é só levar o Laser Boy pra bem longe e curtir o som. Por inteiro.

SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor (011) 814 8222

GRADIENTE. O SOM POR INTEIRO.

gradiente

Os Comandantes do Zeppelin

A maior banda dos anos 70 está de volta quatorze anos depois. Jimmy Page e Robert Plant reatam a velha parceria e lançam um disco semi-acústico, cheio de influências de música oriental. Seria esta a nova encarnação do Led Zeppelin?

Page & Plant

"Nós só queríamos escrever canções, contar um monte de mentiras e fazer um som do cacete." Assim um irônico Robert Plant resumiu à revista inglesa *Vox* seu (re)encontro com Jimmy Page. No passado, os dois foram os principais compositores do Led Zeppelin.

Depois da morte do baterista John Bonham, em 80, a dupla passou quatorze anos tocando suas carreiras solo – nada animadoras, diga-se de passagem – e se alfinetando mutuamente através da imprensa. Até que um dia deixaram as velhas diferenças de lado e soltaram *No Quarter: Jimmy Page And Robert Plant UnLEDded*, um álbum-vídeo que incluiu gravações em Londres, no Marrocos e no País de Gales, feito sob encomenda para a MTV europeia. "Achamos que agora daria certo voltarmos a trabalhar porque nós tínhamos um futuro e não apenas um passado em comum", diz Plant.

Page comprou a mansão que pertencia ao mago Aleister Crowley, apontada por muitos como a razão da "zica" que veio assolando o grupo na segunda metade dos anos 70 – como os acidentes com a banda (Plant se estourou em seu carro nas ilhas gregas) e a morte em circunstâncias misteriosas de Karac, filho de Plant, além de Bonham ter morrido no mesmo castelo após virar quarenta doses de vodca com suco de laranja.

Eis que a união de Page e Plant se dá num momento extremamente favorável ao Led Zeppelin: enquanto a imprensa inglesa inventa uma sensação musical a cada semana, a garotada descobriu que ninguém misturou blues, rock pesado e sonoridades orientais (na época não havia o rótulo *world music*) com tanta competência quanto os caras.

Basta dizer que o quarto disco deles (o "sem nome") ainda frequenta as paradas da revista *Billboard*. E mais: "Stairway To Heaven" foi eleita a melhor música da década de 80 por jovens americanos e The Black Crowes e Pearl Jam utilizaram as influências do Led Zeppelin à exaustão em seus discos mais recentes. Some-se a isso o fato de que na primeira exibição ao mundo, em 17 de outubro, o vídeo *No Quarter* bateu recordes de audiência da MTV europeia.

Mas mesmo com todos esses fatores a seu favor, Page e Plant optaram por não requentar o passado. Fizeram um disco próprio para quem está beirando os 50 anos, em que o talento de arranjador do primeiro e o carisma vocal do colega estão presentes. Os saracoteios e os hits fáceis – nem passou pelas cabeças dos dois tocar "Stairway To Heaven", por exemplo – cederam lugar a uma orquestra de dezoito pessoas, além de uma banda de apoio – a qual incluiu Porl Thompson, ex-The Cure, no banjo, e a nova namorada de Plant, a cantora hindu Najma Akhtar.

Ao lado de músicas mais conhecidas como "Since I've Been Loving You" e "Thank You" (tocada por Plant na sua apresentação no Hollywood Rock), eles mostraram novas canções como "Yallah" e "Wonderful One". Hoje os dois renegam o rótulo de heavy metal dado à sua música e se voltam para o som oriental: trocam o Mississippi pelo Ganges (rio sagrado para os hindus), aquela pauleira de "Rock'N Roll" por "Kashmir". Estão mais para os trinados do paquistanês Nusrat Fateh Ali Khan do que para os lamentos bluesísticos de Willie Dixon e Muddy Waters. A mudança espanta os antigos fãs do grupo? Plant acha que não. "Quem nos conhece a fundo sabe que há mais de nós nesses estilos do que em 'Black Dog' e 'Whole Lotta Love'."

> "Fomos para Bombaim em 72 e gravamos 'Friends' e 'Four Sticks' com músicos hindus. Isso enquanto ainda estavam querendo saber como eu toquei 'Whole Lotta Love'!" (Page)

O Led Zeppelin foi a banda símbolo dos anos 70. Elevou à última potência o peso de bandas como Cream e The Jimi Hendrix Experience, ao mesmo tempo em que fazia voos acústicos (em *Led Zeppelin III*) e usava instrumentos exóticos, como o theremin usado por Page em "Whole Lotta Love".

A cozinha do grupo contava com uma locomotiva na bateria (John Bonham) e um baixista tecladista de formação clássica (John Paul Jones). Do alto de suas madeixas douradas, Robert Plant possuía mais *sex appeal* que Ian Gillan e Ozzy Osbourne juntos. E o quarteto ainda tinha uma aura de misticismo de dar inveja ao Black Sabbath e ao Paulo Coelho juntos. Plant adotava um estilo de vida hippie, enquanto Page era um fanático por ocultismo.

Page confirma a tese de que a *world music* já fazia parte do passado do Led Zeppelin: "Fomos para Bombaim (Índia) em 72 e gravamos 'Friends' e 'Four Sticks' com músicos hindus. Isso enquanto as pessoas ainda queriam saber como eu toquei 'Whole Lotta Love'!"

Por enquanto a dupla não pensa em turnês, apenas viaja por alguns países para promover *No Quarter*. A romaria musical de Page e Plant já passou pelo Japão, Austrália e Brasil (onde o vídeo deles foi exibido na praia do Arpoador no Rio de Janeiro), e este mês estão no Marrocos à procura de músicos tuaregues e mais parcerias com o universo sonoro oriental. Então apertem os cintos, pois o Led Zeppelin parece que está pronto para novos vôos.

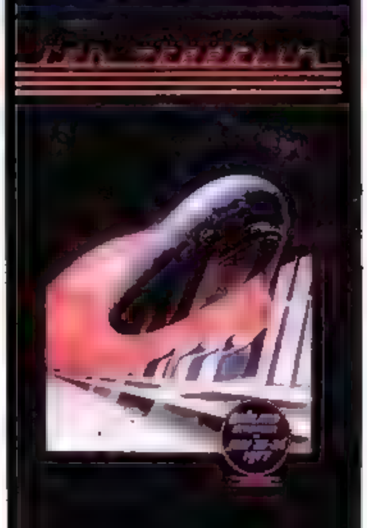
SERGIO MARTINS

VOCÊ SABIA?

Acima, Jimmy Page tocando com Les Paul, em 92, no aniversário do inventor da célebre guitarra. Ao lado, The Band Of Joy, com Bonzo (o primeiro à esq.) e Plant (o quarto, da esq. para dir.).

- **OURO NA ESTREIA** *Led Zeppelin I* foi o primeiro álbum britânico a ganhar disco de ouro [illegible]
- **EMINÊNCIA PARDA** [illegible]
- **BATISMO PRECOCE** John Paul Jones: "Quando gravávamos 'Beck's Bolero', com o Jeff [illegible]
- **PIRATARIA** [illegible] Led Zeppelin [illegible] Há centenas de fitas cassete e dezenas de CDs [illegible]
- [illegible]
- [illegible]
- [illegible]
- [illegible]
- **FILHOS, NETOS & BASTARDOS** Coisas como Whitesnake e Def Leppard [illegible]
- **QUEIMANDO A LÍNGUA** "Foi a melhor coisa que eu já fiz desde o Led Zeppelin [illegible]

Celso Pucci



JIMMY PAGE AND ROBERT PLANT

PolyGram

No Quarter: Jimmy Page And Robert Plant UnLEDded

O reencontro de dois dos maiores ícones do rock, alma e coração da maior banda dos anos 70, não poderia ser melhor. Afinal, aqui está um disco sólido, sincero e muito bem realizado. Um álbum que dá um passo além num dos caminhos musicais trilhados pelo Led Zeppelin – a viagem rumo ao Oriente –, resgata e dá nova vida a obras fundamentais.

UnLEDded é múltiplo: nove das quatorze músicas foram registradas em agosto, em um especial quase acústico feito sob encomenda para a MTV européia. Três foram gravadas em Marrakesh com músicos locais e outras duas – as novas versões para "No Quarter" e "Nobody's Fault But Mine", do *bluesman* Blind Willie Johnson – foram o resultado de sessões realizadas no País de Gales.

Essa polivalência musical e a aparente harmonia entre Page e Plant, durante este projeto, garantiram ao álbum um frescor surpreendente, mesmo quando as incursões orientais descambaram para um "baticum" quase sem sentido.

Já no vídeo dirigido por Aubrey Powell ficou clara a interação entre Page e Plant, seja nas montanhas do país de Gales ou nas ruas de Marrakesh. No palco, Oriente e Ocidente foram representados estrategicamente por músicos da London Metropolitan Orchestra e do grupo Egyptian Ensemble. Como no mapa-múndi, à esquerda estavam os ingleses e à direita os egípcios.

Outra revelação gratificante foi a performance de Jimmy Page. Finalmente – como já esboçara com David Coverdale em 93 –, o guitarrista conseguiu recuperar a sua velha forma. Aquela imagem de "farrapo humano" dos anos 80 se desfez e o brilhante instrumentista e arranjador dominou a cena.

Apesar do abismo aberto em quatorze anos de separação, esta reunião de Jimmy Page e Robert Plant não decepcionou. Muito pelo contrário, surpreendeu. Uma lição destes calejados dinossauros. *Hélio Gomes*

John Paul Jones, o esquecido

Nem tudo são flores na reunião de Jimmy Page e Robert Plant. Se há uma razão para não chamar o reencontro dos dois de uma "volta do Led Zeppelin", ela se chama John Paul Jones.

O baixista e tecladista do grupo, um dos músicos britânicos mais respeitados dos anos 70, foi simplesmente ignorado por Plant e Page no projeto que resultou no disco *No Quarter*. Como se não bastasse, o título do álbum é o mesmo de uma das canções compostas por Jones com o seu antigo grupo.

Aos 48 anos, Jones é dono de uma carreira brilhante. Em meados dos anos 60, era um dos músicos de estúdio mais requisitados da Inglaterra, assim como Jimmy Page.

Depois de trabalhar com os Rolling Stones, The Yardbirds, Jeff Beck e outros nomes da *swinging London*, ele embarcou no Led Zeppelin. Com a morte do baterista John Bonham e o final da banda, em 80, Jones iniciou uma bem-sucedida carreira como produtor, compositor erudito e, sobretudo, arranjador de bandas do porte do R.E.M. e de *popstars* como Peter Gabriel. Agora, está envolvido num projeto com a cantora grega Diamanda Galas, com quem fez o álbum *The Sporting Life*.

Mesmo "esquecido" pelos ex-colegas de banda, Jones aparenta não ter mágoas. Em entrevista à revista americana *Entertainment Weekly*, o músico colou um ponto final no assunto: "Ninguém sequer falou comigo. Agora é meio embaraçoso porque todo mundo fala comigo sobre o assunto e tenho que me explicar. Se tivesse sido convidado, até poderia estar no projeto, mas tocar canções que fizemos há vinte anos não seria tão interessante. Já fiz isso com a melhor banda. E nós as tocávamos muito bem."

LOUCOS PELO BRASIL

O calor do público brasileiro foi a principal razão para Robert Plant e Jimmy Page divulgarem *Un-LED-ded* aqui – os dois deram uma entrevista coletiva em novembro no Rio de Janeiro depois de terem passado pelo Japão, Austrália e Buenos Aires.

"Escolhi a América do Sul porque achei que o coração latino ia entender melhor a batida do norte da África de nosso trabalho", dissePlant,

referindo-se às influências de música oriental do disco. "Além disso, meus shows (*Plant esteve no Hollywood Rock de 94*) agradaram o público daqui."

Sorridentes, Plant e Page responderam à maioria das perguntas com piadas. Como quando perguntados da presença de Porl Thompson (que há tempos se vestia de preto e tocava guitarra no The Cure) na banda. "Porl saiu do Cure porque estava meio cansado do som pop que eles faziam. Se bem que ele é meio moderninho: usa até uma barbichal", brincaram, se referindo ao visual usado pela maioria dos cantores grunge.

A dupla preferiu não comparar seu trabalho com o de Paul Simon e Peter Gabriel, que também costumam buscar inspiração musical em outros países. "Cada um tem seu jeito de compor. Mas eu gosto do trabalho dos dois", disse Plant.

O cantor ainda lamentou o fim da Fluminense FM, a única rádio rock do Rio, e revelou que a situação das rádios inglesas também não é muito animadora. "Algumas rádios não tocam Pantera e Nine Inch Nails durante o dia e a maior parte delas prefere tocar George Michael e dance music", acrescentando não esperar uma execução maciça do novo trabalho da dupla.

Mesmo assim, Plant confessa que o momento está bem mais favorável. "As portas estão muito mais abertas para o Led Zeppelin agora do que nos anos 80."

À inevitável pergunta: "Por que vocês não chamaram John Paul Jones para pelo menos fazer os arranjos das músicas do disco?", os dois reagiram com pouco caso.

"Quem te falou que John Paul Jones era um bom arranjador? Só se for para o Donovan *(baladeiro escocês)*",

reagiu Plant. "Não chamamos John Paul Jones porque queríamos ver se a química da dupla ainda funcionava."

Plant e Page planejam uma turnê do *UnLEDded*. Deve começar em março de 95 nos Estados Unidos. CLÁUDIO CAMPOS

CRIE UMA CAPA PARA O DEPECHE MODE E GANHE UM KIT DE CD's IMPORTADOS.

A revista BIZZ e a Warner Music estão dando a você a chance de ganhar uma fantástica coleção com 4 CD's importados do Depeche Mode. Tudo que você precisa fazer é criar uma capa para um disco do grupo. Use sua imaginação: pode ser foto, ilustração, colagem, o que você quiser. Os autores dos 10 melhores trabalhos ganharão um estojo exclusivo com 4 CD's da banda. Serão escolhidos ainda mais 20 trabalhos, cujos autores receberão o mais recente LP do Depeche Mode. Leia atentamente o regulamento ao lado e ...mãos à obra!

PROMOÇÃO

REVISTA BIZZ

Warner Music

REGULAMENTO

1) Os trabalhos deverão ser enviados para: Promoção Depeche Mode, Editora Azul, Av. das Nações Unidas, 5777, São Paulo, SP, CEP 05479-900, acompanhados dos dados completos do participante (nome, endereço, telefone e idade)
2) O prazo para o envio dos trabalhos é 20/01/95, valendo a data de postagem
3) Cada participante poderá participar com quantos trabalhos quiser, mas apenas um poderá ser premiado
4) Uma comissão julgadora fará a seleção dos trabalhos mais originais e criativos.
5) Os ganhadores serão avisados por telefone e terão seus nomes publicados na revista BIZZ, nº 116, em bancas a partir de 17/03/95.
6) Pela cessão dos direitos autorais, os 10 melhores trabalhos serão premiados com uma coleção exclusiva contendo 4 CD's do Depeche Mode e um poster importado do grupo. Outros 20 classificados receberão o LP "Songs of Faith Devotion", do Depeche Mode. Nenhuma das obras participantes será utilizada comercialmente.
7) Esta promoção é de cunho artístico-cultural, aberta a todas as pessoas residentes em território nacional, sem qualquer modalidade de sorte ou pagamento pelos participantes, nem vinculação destes à aquisição ou uso de qualquer bem, direito ou serviço.

Dicas de HIDRATAÇÃO

Gatorade

Só GATORADE é absorvido 30% mais RÁPIDO que a ÁGUA.

QUANTO MAIS RÁPIDO, MELHOR.

Quando você se exercita, seu corpo produz calor

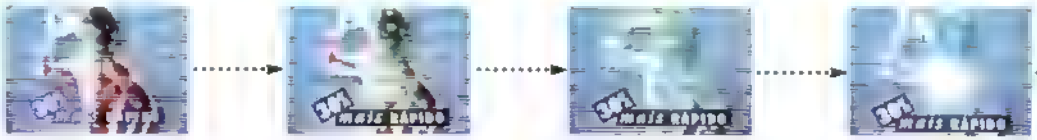
A temperatura aumenta e precisa ser abaixada

Aí vem o suor, que se espalha e evapora levando junto o calor. Com o suor, você perde líquidos e sais minerais. Você se desidrata. Para uma correta recuperação, você precisa de uma bebida que reponha rapidamente tudo o que seu organismo perdeu. E quanto mais depressa isso acontecer, melhor. Gatorade é absorvido 30% mais rápido que a água.

MESMO SEM SENTIR SEDE VOCÊ SE DESIDRATA.

A sede nada mais é do que um aviso que o nosso organismo nos manda. Mas quando ela chega, o processo de desidratação já está em pleno andamento. Por isso, você deve ingerir quantidades apropriadas de líquidos antes, durante e depois de uma atividade física ou prática de esporte.

repondo líquidos e sais minerais em todas as partes do seu corpo rapidamente.



UMA CORRIDA CONTRA O RELÓGIO.

A VELOCIDADE DE ABSORÇÃO É A CHAVE PARA UMA RÁPIDA RECUPERAÇÃO.

Quanto mais carboidratos tiver uma bebida, mais devagar ela será absorvida pelo organismo. Bebidas mais doces que Gatorade, portanto com maior quantidade de carboidratos, não são usadas como reidratantes por demorarem muito para surtir efeito. As bebidas gaseificadas, principalmente os refrigerantes além de maior quantidade de carboidratos, apresentam também uma alta concentração de gás carbônico dissolvido, provocando um efeito mecânico de distensão do estômago e causando aquela sensação desagradável de estufamento. Gatorade, ao contrário, tem a dosagem certa de carboidratos e sódio para rapidamente repor líquidos e sais minerais, sem pesar no estômago.

QUEM PODE TOMAR GATORADE?

Por todas as suas características, cientificamente comprovadas por mais de 25 anos nos EUA, pode-se dizer que Gatorade é uma bebida que pode ser tomada por qualquer pessoa, de qualquer idade.

GATORADE É ABSORVIDO 30% MAIS RÁPIDO QUE A ÁGUA.

ingredientes suculentos

Depois de estourar no Lollapalooza '94 e causar sensação com seu segundo álbum, *Natural Ingredients*, o **Luscious Jackson** promete ser uma das bandas mais quentes de 95. Nosso correspondente **José Emilio Rondeau** encontrou-se com a tecladista da banda em Los Angeles e revela algumas das sacadas das "afilhadas dos Beastie Boys": "ainda há muito preconceito sexual na música pop", diz Vivian Trimble

Vivian Trimble, tecladista do grupo de hip hop progressivo Luscious Jackson, manda logo de cara: "A coisa toda se resume ao seguinte: tentar dormir, comer e achar um banheiro decente".

Ela boceja muito – e se desculpa a cada novo bocejo – na manhã chuvosa de final de outono, enquanto se refere às necessidades de uma turnê. Vivian está muito cansada – não, está exausta. E a excursão – com o *neo blues* de Ben Harper abrindo os shows – começou há apenas três semanas.

O público tem se mostrado receptivo e barulhento, e quase todos os shows têm estado lotados. Mas a estrada tem aquele poder de minar a resistência e o ânimo de qualquer um, ao obrigar as pessoas a vagar de cidade em cidade. Não demora muito até tudo se tornar um mesmo borrão de quartos de hotel, asfalto e noites maldormidas.

Na noite anterior, as quatro meninas do Luscious Jackson – Vivian, mais Jill Cunniff (voz/baixo), Kate Schellenbach (bateria) e Gabby Glaser (voz/guitarra) – haviam tocado em Cleveland, Ohio. Naquela noite, o show seria em Columbus. "Temos um pouquinho de estrada pela frente hoje", diz Vivian, referindo-se às seis horas de viagem que elas enfrentarão daqui a pouco, antes de subir ao palco.

O Luscious Jackson: da esq. para dir., Vivian, Jill, Gabby e Kate

Mesmo no bagaço, Vivian e suas colegas não têm do que reclamar. Para o Luscious Jackson, o ano de 94 "tem sido agitado", segundo Vivian. No início do ano, a banda fez shows pela Europa, junto com The Breeders e o Urge Overkill. No verão, após o lançamento de seu segundo álbum, *Natural Ingredients*, elas cruzaram os Estados Unidos, tomando parte da badalada turnê Lollapalooza. Agora, depois de uma parada em que o quarteto voltou aos palcos pela primeira vez na condição de atração principal de uma turnê, a transformação de novidade interessante em atração principal que se opõem na banda não passou despercebida por Vivian. "Durante o Lollapalooza atravessamos uma enorme região do centro-oeste americano", ela explica, detalhando os benefícios da participação do Luscious Jackson na megaturnê que se tranformou na principal vitrine da música pop alternativa nos Estados Unidos. "Estamos de volta aqui, porque nossos shows no Lollapalooza foram bem recebidos."

> "Uma porção de gente que veio aos nossos shows nos descobriu no Lollapalooza" – Vivian Trimble

Um monte de gente veio para nos ver daquela vez – e muitas pessoas nos descobriram nos shows que fizemos na turnê. E agora, durante nossa excursão, há muitos shows que têm lotações esgotadas. O pessoal sabe quem somos, conhece nossas músicas e ainda consegue cantar todas as letras."

O Lollapalooza foi um trampolim mas a atual excursão tem mais vantagens. "Dessa vez estamos tocando em clubes pequenos – e de noite –, e isso torna os shows mais íntimos, o que me agrada porque você se relaciona melhor com o público. No Lollapalooza era aquela coisa gigantesca, ao ar livre e de dia."

No Lollapalooza o LJ conviveu com a banda mais ligada a seu nascimento e a sua popularidade: os Beastie Boys. O LJ grava para o selo Grand Royal, fundado por Mike D, um dos meninos dos BB. E se não fosse por uma desavença seria entre eles talvez o Luscious Jackson jamais tivesse nascido.

Kate era dos Beastie Boys na época em que eles *faz am hardcore*", diz Vivian. Daí eles começaram a fazer rap – meio que de brincadeira, para ser sincera – e *(o produtor)* Rick Rubin ouviu o som deles e achou que aquilo poderia fazer sucesso. Mas para tanto, na opinião de Rubin, Kate deveria sair da banda – ele não gostava do som de uma voz de mulher cantando rap. Kate não aceitou muito bem a situação, mas depois a banda e ela fizeram as pazes. Naquela época, Rick Rubin mexeu com a cabeça *(dos Beastie Boys)* e todo mundo tomou uma atitude preconceituosa.

Durante um tempo eles deixaram de se falar", prossegue Vivian, "os Beastie Boys se mudaram para Los Angeles – onde moram até hoje – e nunca mais viram Jill, Gabby e Kate. Só se reencontraram por acaso no enterro de um amigo, três anos atrás, na época em que Gabby e Jill preparavam uma fita demo. Voltaram a se falar depois, quando a fita ficou pronta. Elas perguntaram a Mike se ele conhecia alguém que poderia se interessar em ouvi-la. Como ele estava abrindo seu próprio selo, o *timing* foi perfeito: Luscious Jackson passou a ser a primeira contratação do novo selo."

Todas as integrantes do Luscious Jackson nasceram e se criaram em Nova York, exceto Vivian – que mudou-se com sua família para a Europa aos seis meses de idade.

Primeiro moraram na Suíça – o pai, cantor lírico, havia sido contratado para a ópera de Berna –, depois em Viena, na Áustria, e por fim, em Paris, onde os pais, hoje separados, ainda moram. "Foi muito legal", diz Vivian, de volta a Manhattan desde os 18 anos e hoje fluente em inglês, alemão e francês – o que é quase uma aberração em termos de jovem americano, dado a ficar na língua pátria e mais nada. A banda começou em Nova York com Gabby e Jill trabalhando no estúdio com o engenheiro de som (que depois seria o co-produtor do novo disco) Tony Mangurian. Vivian havia aprendido piano na adolescência ("mas não tanto quanto deveria. Depois me arrependi, indo estudar mais tarde") na Europa. E também dançava e fazia coreografia para uma companhia de balé nova-iorquina, a John Kelly Company, quando conheceu Jill. Ambas davam aulas de inglês em um curso americano para operários imigrantes, equivalente ao supletivo brasileiro. Alguns deles eram praticamente analfabetos.

"Jill e eu estávamos enlouquecendo", recorda Vivian, rindo. "Era duro. Nós começamos a fazer música juntas e formamos uma banda, Hippies With Guns, que só durou uma única festa." Morta no berço, não tinha coisa alguma a ver com o Luscious Jackson, "era música country. Foi muito divertido", Naquela noite, Kate tocou com Jill e Vivian.

Depois disso, elas foram convidadas para abrir um show dos Beastie Boys "mas preferiram não se apresentar acompanhadas apenas de uma fita DAT (com a instrumentação contida na demo, que àquela altura já era um EP pronto para ser lançado pelo selo Grand Royal, com distribuição da gravadora Capitol), seria mais divertido tocar com gente de verdade, uma banda, e chamaram a mim e a Kate para fazer o show". Naquela noite, três anos atrás, nascia o Luscious Jackson.

Hoje a banda tem um DJ para shows – o inglês Alex Young, o único homem no palco, que elas conheceram numa festa em Sheffield em 93. "Ele é maravilhoso", diz Vivian. "Ele acrescenta *scratching* e algo mais às nossas músicas."

> Kate, que era da formação original dos Beastie Boys, foi convidada a sair pelo produtor Rick Rubin

Sempre assunto de entrevistas mas raramente explicado satisfatoriamente, o nome da banda é uma brincadeira com um jogador de basquete que nos anos 60 foi do time 76'ers, de Filadélfia. "Ele se chamava Luscious Jackson e toda hora soletravam errado o nome dele na imprensa". Vivian explica: "Muitas vezes saía Luscious *(suculento, em inglês)*. E é claro que agora, no nosso caso, Luscious Jackson sempre é escrito mais errado ainda, a torto e a direito." A conexão esportiva não para. Uma das canções do novo disco, "Pelé Merengue", é dedicada ao melhor camisa 10 que a seleção brasileira já teve.

Estar numa banda só de mulheres "é desvantajoso pelas razões óbvias". Para Vivian, "porque muita gente ainda acha que uma banda de mulheres é uma novidade, embora já estejamos na década de 90. Ainda há muito preconceito sexual, quando vamos fazer uma sessão de fotos e ficam tentando nos fazer vestir roupas extravagantes e chamativas, e precisamos explicar – novamente – que não somos modelos, que não estamos lá para ser enfeitadas, que nós preferimos usar nossas próprias roupas e ser deixadas em paz".

LUSCIOUS JACKSON

Grand Royal/Capitol

Natural Ingredients

Junte uma bateria envenenada, uma guitarra dosada na medida, baixos saltitantes, samples escolhidos a dedo e vocais daqueles que não saem da cabeça. Ingredientes naturais, misturados ao ponto.

Quando a receita é preparada pelas meninas do Luscious Jackson não há erro.

Esse Natural Ingredients, *encontrável por enquanto somente nas importadoras, é uma pedrada daquelas que alugam o seu CD-player sem avisar quando vai sair.*

Mas não pense que você está diante de um "Beastie Boys de saias". Ok, a ligação pessoal que existe entre meninas e meninos é muito forte, mas para quando o assunto é personalidade musical...

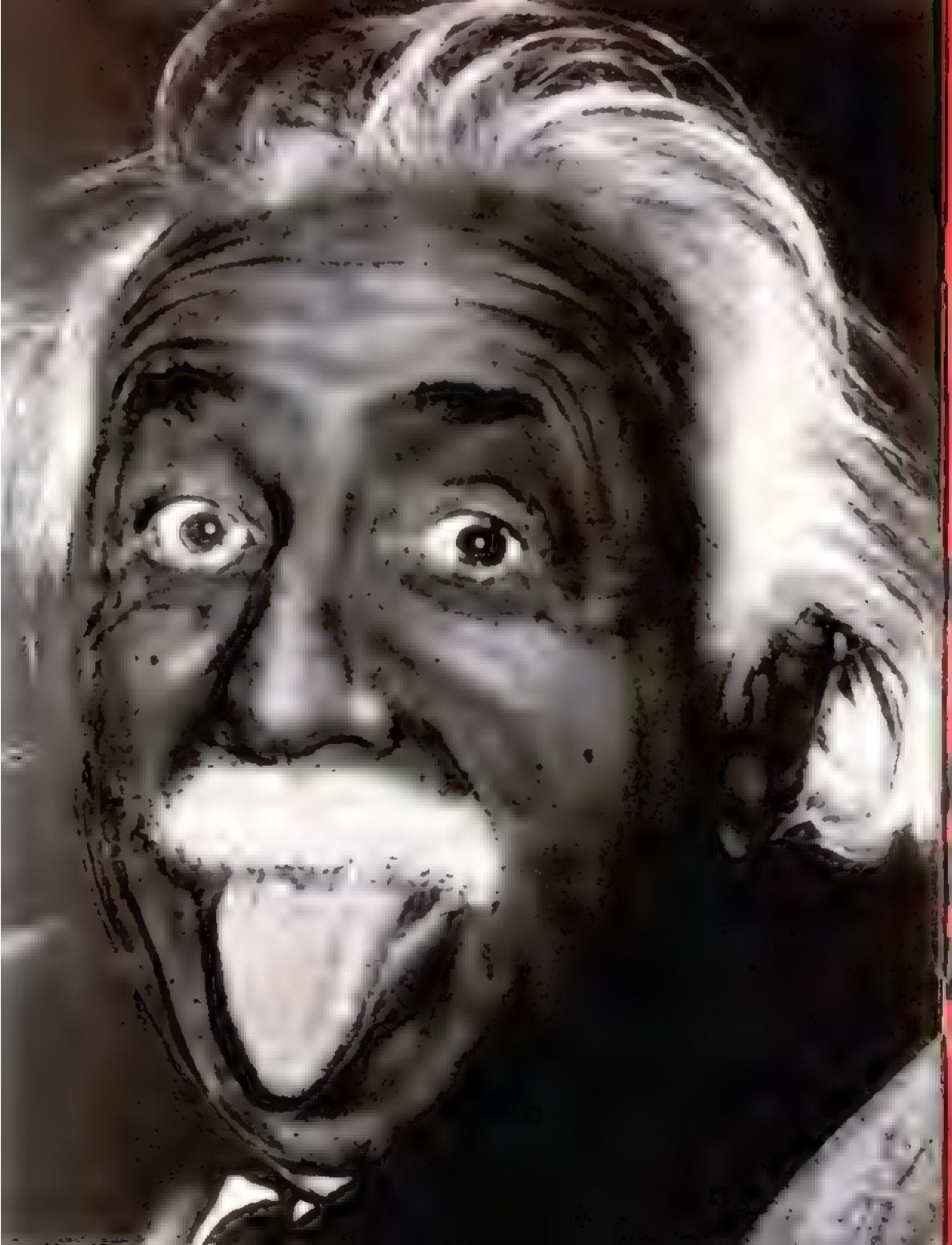
Apesar de gravar pelo selo de Mike D, o Luscious Jackson faz música nitidamente pop, que passeia com naturalidade pelos terrenos infernais do funk, do rock e – por que não dizer? – do rock alternativo. Aí está o porquê do alarde feito em cima das garotas no Lollapalooza.

E há as letras, em sua grande maioria inspiradas e pertinentes. As desventuras da paixão são tema recorrente: "Eu me sinto tão pequena quando estou a seu lado/Eu me sinto grande quando te esqueço/ Porque você me faz sentir tão pequena?", pergunta Jill Cunniff na deliciosa "Deep Shag".

Essa unidade musical que se faz sentir entre as catorze faixas deste disco não acontece por acaso.

Mais uma vez, a mitológica figura da dupla de compositores reaparece. Agora, estamos diante de Cunniff e Glaser, Jagger e Richards? Lennon e McCartney? Esqueça as tentativas de paralelismo e saiba de uma coisa: as meninas são muito boas. E isso é o que conta. HÉLIO GOMES

Fotos das bandas classificadas no Fest Valda - Rio - 94



INTELIGÊNCIA NÃO TEM COR

NO LIVRO THE BELL CURVE (A CURVA DO SINO), LANÇADO RECENTEMENTE NOS EUA, CIENTISTAS AMERICANOS DEFENDEM, BASEADOS EM TESTES DE Q.I., QUE AMARELOS E BRANCOS SÃO MAIS INTELIGENTES QUE OS NEGROS. O BARULHO DA TESE ECOOU FORTE ENTRE OS MÚSICOS E BIZZ FOI CONFERIR A OPINIÃO DE CABEÇAS PENSANTES SOBRE O BADALO RACISTA DO SINO DOS GRINGOS

O BADALO DO SINO

Os cientistas americanos Charles Murray (ph.D em Ciência Política pela Universidade de Harvard) e Richard Herrnstein (ph.D em Psicologia pela Universidade de Harvard) abusaram da capacidade de criar dogmas e conceitos absurdos. Eles são os autores do livro *The Bell Curve* (A Curva do Sino), em que tentam provar, através de testes de Q.I., que os negros são intelectualmente inferiores aos brancos. E que os amarelos são os mais inteligentes.

Dizem ainda que a inferioridade negra é determinada por fatores genéticos e que, sendo assim, o governo americano não deveria gastar bilhões de dólares em escolas para negros e pobres. Segundo os cientistas, os negros são naturalmente burros e seria muito mais proveitoso investir tal dinheiro no aprimoramento da "elite cognitiva" (leia-se brancos ricos), abençoada por uma natureza superior. Tem mais: defendem também o controle de natalidade da população negra, para evitar o crescimento de uma população burra.

A tese caiu como uma bomba atômica sobre a sociedade americana, e sua radiação se espalhou pelo resto do planeta. O livro vem sendo discutido e analisado nos principais jornais do mundo, inclusive no Brasil.

Não é preciso ser nenhum superdotado intelectualmente, com Q.I. acima de 140, para perceber a nefasta intenção racista dos tais branquelos americanos. Tudo bem, a teoria foi desenvolvida em cima de análises científicas, baseadas em pequisas e estatísticas. A questão é o quanto valem essas pesquisas. A credibilidade desse tipo de medição de inteligência vem sendo discutida há anos. Testes de Q.I. na verdade medem a capacidade do sujeito em realizar testes de Q.I., não necessariamente a sua capacidade intelectual.

Segundo a tese dos "gentais" cientistas americanos, nesse tipo de avaliação os amarelos são insuperáveis. Portanto são mais inteligentes que os brancos. Conclusão: está criada uma cadeia intelectual. Os amarelos são mais capazes intelectualmente que os brancos, que são mais capazes intelectualmente que os negros. Partindo desse princípio, um estudo dessa categoria deveria ser feito por dois japoneses, que certamente são mais capazes intelectualmente que os brancos Murray e Herrnstein.

MURRAY (ACIMA) E HERRNSTEIN (ABAIXO) DIZEM QUE OS NEGROS SÃO, SEGUNDO [illegible], INTELECTUALMENTE INFERIORES. MAS A MÚSICA NÃO ESTÁ RELACIONADA COM ESSE TIPO DE RACIOCÍNIO? MÚSICA ESCRITA [illegible] PODE

The Bell Curve explica em detalhes, com um gráfico em forma de sino (que dá nome ao livro), onde exatamente o negro é inferior ao branco. Murray e Herrnstein colocam que os negros são inferiores no que eles chamam de capacidade lógico-matemática, o que, segundo a dupla, explica a superioridade esmagadora dos negros sobre os brancos em segmentos como o esporte e a música. É essa a parte que nos toca. Mesmo para o mais panaca dos cientistas, não é possível negar (e Murray e Herrnstein não negam) que a grande maioria dos estilos musicais consumidos atualmente no mundo ou foi diretamente inventada e aperfeiçoada pelos negros, ou é fruto disso. Aplica-se aí o jazz, o funk, o blues e consequentemente o rock e adjacências.

A questão é a seguinte: o quanto a música está relacionada com um raciocínio lógico-matemático? Música escrita (usada intensamente no jazz, por exemplo) é matemática pura e o jazz baseia-se no improviso rapido sobre essa matemática escrita (*leia mais em quadro a frente*).

A teoria de *The Bell Curve* é dura e claramente tendenciosa. O eco que ela vem causando principalmente na sociedade americana – que sabidamente traz entranhada nas suas bases uma forte herança racista, é assustador. Com um mês de lançamento, as primeiras edições do livro esgotaram-se rapidamente nos EUA.

Num país onde o posicionamento "politicamente correto" chega ao ponto dos termos "negro", "amarelo" e "índio" serem praticamente proibidos e substituídos respectivamente por "*african american*", "*asian american*" e "*indian american*", não se sabe até que ponto idéias idiotas como a de controle de natalidade de pessoas com Q.I. mais baixo podem ser levadas a sério.

A responsabilidade dos autores vai muito além de terem somente desenvolvido uma tese com bases duvidosas. Será que, quando o movimento neonazista cresce na Europa, este é o momento para se discutir sobre uma suposta superioridade entre as raças?

Se Jimi Hendrix, Bob Marley, B.B King, Marvin Gaye, entre outros, influenciassem, o mínimo que fosse, a vida de Murray e Herrnstein, essa história seria diferente...

Robert Halfoun

"História interessante, essa... Esses cientistas são falidos e antimusicais. Onde está escrito Murray, lê-se 'burro enrustido'. Herrnstein é um 'nazista frustrado'. É bom para sabermos onde mora o inimigo."
Jorge Benjor

"Uma das coisas mais medíocres que existem é a afirmação de que um tipo de etnia ou religião pode ser superior ou inferior. Me dá uma raiva quando alguém diz que um povo pode ser superior! Isso é uma das coisas que mais estragam a relação do homem com ele mesmo. É a necessidade da superioridade de um sobre o outro." **Roberto Frejat, Barão Vermelho**

"NA [illegible] DE TESTES DE Q.I., [illegible] É NORMALMENTE 85, A [illegible] É 100 E O DESVIO PADRÃO É DE APROXIMADAMENTE 15 PONTOS" TRECHO DE THE BELL CURVE

"Existem várias formas de ser inteligente. Esse tipo de conceito é muito abrangente. Não dá para ser medido por testes ou cálculos, é abstrato. A música é a maior prova disso."
Gabriel, O Pensador

"O racismo é a grande burrice que reina sobre a Terra. Curioso é que alguns segmentos da sociedade evoluem e outros teimam em andar para trás. O que esses cientistas me dizem a respeito de musicalidade?"
Simone Moreno

"O sucesso desse livro nos EUA mostra o quanto as pessoas estão esperando uma prova científica da superioridade branca. Não acredito em raças superiores. Numa análise musical, a cultura pop do mundo, responde por si mesma." **Paula Lima, Unidade Bop**

"AS PONTUAÇÕES DE Q.I. SOBEM COM O STATUS ECONÔMICO. NO ENTANTO, A DIFERENÇA ENTRE NEGROS E BRANCOS AUMENTA À MEDIDA QUE AS PESSOAS ASCENDEM NA ESCALA SÓCIO-ECONÔMICA." TRECHO DE THE BELL CURVE

"Inteligência pra mim é a capacidade de se adaptar ao mundo em que se vive. Uma aptidão pode ser determinada por testes, mas não a inteligência. No aspecto musical, é uma das maiores barbaridades que já ouvi." **Toni Garrido.**

"É difícil contestar testes. Mas, eu já vi tanto teste vagabundo! A sociedade americana deve muito aos negros. Tudo que a gente conhece e gosta dos EUA e referente à cultura negra. A música principalmente. Até que ponto a sensibilidade e a capacidade musical está relacionada com a inteligência?" **Samuel Rosa, Skank**

"Hoje eu moro num país onde rola um comportamento racista intenso. Vejo coisas impressionantes. O racismo é o maior lance furado e essa história aí só pode ser coisa de quem tem bosta no cérebro. Esses caras são uns trogloditas." **Max Cavallera, Sepultura**

QUESTÃO DE INTELIGÊNCIA

por Gisela Nogueira, *coordenadora do Departamento de música da Faculdade Santo Marcelino e Mestre em música pela The Victoria University Of Manchester*

A música é considerada como a arte maior por inspirar-se em si mesma. É claro, falo dela enquanto arte pura, sem vínculos com o mundo. Esta afirmação já conduz a um quesito básico: capacidade imensa de introspecção daquele que a cria e daquele que a pratica.

No processo musical, trabalha-se a grosso modo: 1 – a memória em seus diversos aspectos. Desde trechos musicais que variam de 1 a 40 minutos, até a memória cognitiva que implica no aprendizado de experiências anteriores. Ainda incluem-se aí estilos, formas e até diferentes técnicas empregadas na execução de um mesmo instrumento musical. Exercita-se também a memorização de movimentos correlatos a estruturas sonoras (digitação de escalas), arpejos e de muitos outros quesitos, que variam de uma obra para outra e de instrumento para outro; 2 – o raciocínio lógico-matemático, primeiramente em seu aspecto mais óbvio, que é a composição e a execução rítmica. Depois, no relacionamento de tonalidades, modos e séries com estruturas menores como acordes, escalas, melodias, frases, temas, densidade e muitas mais; 3 – concentração, na medida em que a música é um fenômeno temporal e acontece em ambientes diversos, tendo seu público características e participações diferenciadas a cada evento; 4 – a introspecção e a exteriorização como fatores de expressão. Refiro-me à chamada sensibilidade do artista que só poderá tocar o ouvinte naquilo que lhe for profundamente sentido e apreendido, sem falar no talento único de melhor exprimir dada sensação; 5 – o reflexo, principalmente na música em conjunto, onde a execução de um influencia a do outro, e mais ainda na improvisação em que, a partir de alguns elementos, cria-se trechos musicais ao vivo; 6 – o desenvolvimento da coordenação motora, de forma bastante substancial para os músicos executantes.

Todos os aspectos acima descritos fazem parte do que chamamos prática do saber que é inerente à cultura musical afro. Portanto, se considerarmos todos esses aspectos da inteligência, podemos afirmar que um povo, cuja prática musical é singular e fator de influência em muitas outras culturas, é demasiadamente inteligente.

Pensando-se no jazz como forma de expressão originariamente negra, e em muitos outros gêneros que contribuíram para a evolução musical de vários países, é possível considerar as afirmações contidas em *The Bell Curve* como definitivas?

Pode-se medir a real capacidade de um povo através de testes de Q.I.?

UM POVO CUJA PRÁTICA MUSICAL INFLUENCIA OUTRAS CULTURAS DEVE SER CONSIDERADA DEMASIADAMENTE INTELIGENTE

A MÚSICA EXIGE UMA CAPACIDADE IMENSA DE INTROSPECÇÃO DAQUELE QUE A CRIA E DAQUELE QUE A PRATICA

HELLO! HELLO!

Stevie Wonder and Ray Charles o que vocês que vêem tudo, têm pra me dizer sobre o que tá pegando aí na terra do Tio Sam?

Uma tal de Susan Smith joga dois filhos atados a um cinto de segurança com carro e tudo afogando-os e vem ao público culpando um *black* de seqüestro dos seus rebentos. *What's new*!? Não é a primeira vez que pretos são questionados por brancos e nem será a última.

Nos meus 45 anos de vida, aprendi que – descendente de escravos que sou *made in Brazil*, com duas filhas mulatas de mãe descendente de italianos, portanto de europeus, mais brasileiras do que eu, de religião pagã, filho de pai de santo, cuja origem é africana –, aprendi que a Terra não é paraíso.

Bem, sobre o livro *The Bell Curve*, escrito por dois norte-americanos, eu não li e nem vou ler por não ser um cientista, somente um artista.

Lá está, segundo a divulgação nos jornais, que o Q.I. dos negros seria inferior ao dos brancos, estes por sua vez inferiores aos amarelos. Concluo com meu pouco Q.I., que somos os piores desempenhos da raça humana.

Mas vejamos, claro que não somos bons para fabricar bomba atômica – já que o europeu se encarregou disso. Jogá-la em alguém também não somos capazes, mesmo que esse alguém seja amarelo e tenha Q.I. superior ao de quem jogou a dita cuja.

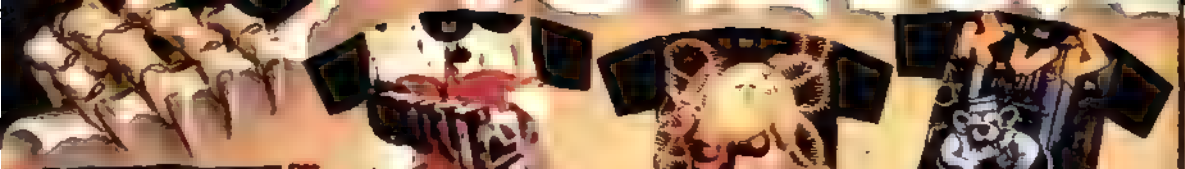
Segundo a teoria da *Curva do Sino*, entre o Collor, Q.I. alto por ser branco, e Pelé, Q.I. baixo por ser crioulo, prefiro o crioulo. Entre Mike Tyson e Schwarzenegger, adivinhe com quem eu fico?

Lá vem o negão cheio de paixão, te catá, te catá, te catá. Loirinha com fungada de negão e feijoada é um 'probrema'." **ITAMAR ASSUMPÇÃO**, *músico, compositor e um dos principais nomes da vanguarda paulista*

Rua Capote Valente, 242
Pinheiros, SP/SP, Fone: (011) 280 2952
Rua 24 de Maio, 62, 2º And.
J.334, Galeria do Rock, SP/SP
Fone: (011) 222 5406

FAX (011) 881 9789 — FONE (011) 280 2952

NEW ROCK



REF T62

REF T52

REF T57

REF T59

REF T48

REF T43

REF T63

REF T55

REF T68

REF T61

REF 411

REF T58

REF T49

REF T51

REF 406

REF 412

REF 409 — REF 408

TOTAL DA COMPRA: R$	MOD.	REF.	COR	TAM.
NOME				
END				
CEP: FONE				
CIDADE ESTADO				
☐ ENCOMENDA SIMPLES ☐ SEDEX				

Preencha corretamente o cupom acima e envie para:
New Rock - Rua Capote Valente, 242, SP/SP, 05409-000.

COMO COMPRAR

SEDEX (entrega urgente): junto ao seu pedido, envie cheque nominal à New Rock no valor total da compra. Pague as despesas postais somente ao retirar a mercadoria no correio.

ENCOMENDA SIMPLES (entrega entre 15 e 25 dias): junto ao seu pedido, envie cheque nominal à New Rock no valor total da compra mais as despesas do correio (Região Sudeste: R$ 4, e nas demais regiões: R$ 8) e receba a encomenda em casa.

IMPORTANTE! A encomenda só será enviada após a compensação do cheque e o pedido só será atendido mediante o envio do cheque nominal à New Rock.

REF T66

REF T53

REF T67

REF T44

REF T64

REF T42

REF T56

REF T41

REF T40

REF T46

REF T54

REF T65

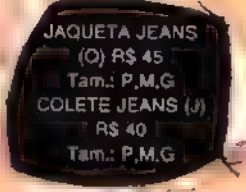
REF T45

REF T50

REF T60

REF T47

REF 008



REF J10

FAX (011) 881 9789 — FONE (011) 280 2952

NEW ROCK

REF 009 J09

REF 001 J01

REF 005 J05

REF 002 J02

REF 006 J06

REF 007 J07

Caro de Doer

Na contramão da queda de preços do Plano Real, o
Compact Disc nacional custa hoje

100%

a mais do que no ano passado.
E quem paga a conta é

VOCÊ

no máximo, o CD pode custar à gravadora R$ 1,00 a mais do que o vinil, mas para o consumidor acaba saindo por cerca de R$ 10,00 a mais

Há algo de estranho no reino dos CDs. Enquanto os preços de diversos produtos brasileiros apresentaram queda desde a chegada do Plano Real, os Compact Discs, sucessores do velho disco de vinil tiveram seu valor empinado sem nenhuma razão aparente. Pior, fabricantes e revendedores fazem jogo de empurra-empurra com a culpa pelo aumento escandaloso.

Nos últimos doze meses, o preço médio de um CD nacional nas lojas pulou de R$ 10,00 para R$ 20,00. É aumento em real, não tem nada a ver com inflação. No mesmo período, os CDs importados tiveram variação de 27% no preço médio, passando de R$ 16,50 para R$ 21,00. São dados agravados por contrariar uma secular lei de mercado. Aquela que afirma que quanto mais se vende, mais barato ficam os produtos.

Pois bem, o CD nunca vendeu tanto quanto este ano no Brasil. A previsão das grandes gravadoras é que as vendas de CDs, cassetes e LPs alcancem 60 milhões de unidades em 1994, 15 milhões a mais do que no ano passado. Este aumento vem sendo puxado de maneira notável pelo consumo de CDs. Até bem pouco tempo rotulados como sinônimo de sofisticação, os CDs agora também são sucesso na linha popular. Samba, música sertaneja e ritmos afro-baianos estão estourando em versões a laser. A tendência mundial aponta para a aposentadoria do disco de vinil e alguns países, como o Japão, já abandonaram definitivamente a produção das grandes bolachas negras. Se o CD vende tanto, é razoável concluir que os custos de fabricação e distribuição deveriam estar se diluindo, abaixando o preço final do produto para o consumidor. Que nada, estamos pagando cada vez mais caro para ouvir nossos músicos prediletos em versão laser. Parece estranho? É e mesmo.

Distorções na conversão

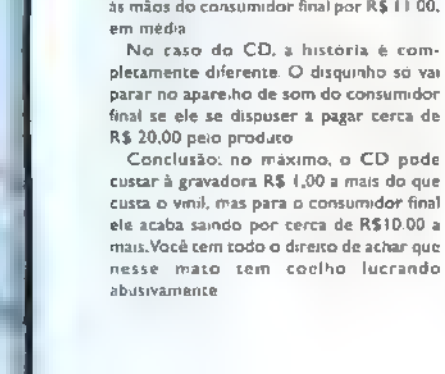
Sergio Afonso Fernandes, diretor executivo da Warner, afirma que "na virada do Plano Real convertemos os preço pela média dos últimos seis meses, conforme a determinação do governo. Essa coisa da conversão gerou acusações de distorção em todos os setores". Realmente, a conversão de preços para a URV (Unidade Real de Valor) gerou distorções, mas a maioria dos produtos, como foi o caso das revistas, por exemplo, teve seus preços reduzidos num esforço para acompanhar os objetivos do plano. Na matemática complicada da conversão havia espaço de sobra para manobras de alta de preços e parece que o CD foi vítima de um cálculo perverso.

Antes da URV, o valor do CD cobrado às lojas era estipulado numa tabela que já embutia a perspectiva de inflação para o mês, no caso do pagamento ser faturado para 30 dias. A conversão em URV deveria expurgar a inflação em cruzeiros reais, criando um índice estável para os preços. Um CD que custava para o lojista 11 URVs em março continua a custar as mesmas 11 URVs em dezembro (ou R$ 11,00). O problema é que os lojistas garantem que, antes de março, este CD era comprado por um valor inferior a 11 URVs.

"No começo do ano, antes da URV, o preço médio de um lançamento nacional, cobrado pelas gravadoras para as lojas, correspondia a R$ 8,00", lembra Carlos Branco, da Planet Music, uma grande rede de lojas de disco, com sede em São Paulo. Segundo Irving Otoni Pereira, proprietário da loja Pop Rock e membro da Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte, "no momento da conversão para a URV as gravadoras embutiram um aumento no preço dos CDs em torno de 40%". E.e explica que chegou nesse número ao perceber que passou a "comprar CDs pelo preço que costumava vendê-los no balcão de sua loja: "Sempre trabalhei com uma margem de lucro de 40% e de repente vi essa margem reduzida a zero".

Parece que as gravadoras realmente aproveitaram a virada da moeda para bicar os consumidores. José Antonio Éboli, Diretor de Marketing da Sony Music, confirma que "não houve redução de preços antes ou depois da URV". Mas mesmo que os preços para o lojista tenham sofrido aumentos da ordem de 50%, em média, estes valores ainda estão longe de justificar os quase 100% de aumento na ponta final do consumo.

- custo do CD nas fábricas: entre **R$ 1,30 e R$ 2,47**
- preço do CD nas gravadoras: entre **R$ 11,23 e R$ 12,70**
- preço do CD nas lojas: entre **R$ 18,00 e R$ 21,00**



Quanto custa fabricar um CD?

Existem quatro fábricas de CD no Brasil: Microservice, Sony Music, Sonopress e Videolar Juntas, chegam a produzir cinco milhões de unidades por mês. Atualmente, com o mercado aquecido, todas trabalham com capacidade máxima de produção. Para todas as fábricas, o custo industrial do produto continua nos mesmos níveis do ano passado, alguma coisa entre R$ 1,30 e R$ 2,47.

Numa comparação com o vinil, a mesma carga de impostos atinge os dois produtos, sem diferenciação. O mesmo raciocínio é válido para as despesas com *royalties* (valor pago aos detentores do direito sobre a obra gravada), custos de gravação, adiantamentos para o artista, pagamento dos técnicos, manutenção do estoque, salários dos funcionários, gastos com a distribuição e investimentos em marketing.

O disco de vinil custa cerca de R$ 1,50 para a gravadora e é vendido aos lojistas por algo em torno de R$ 8,00, chegando às mãos do consumidor final por R$ 11,00, em média.

No caso do CD, a história é completamente diferente. O disquinho só vai parar no aparelho de som do consumidor final se ele se dispuser a pagar cerca de R$ 20,00 pelo produto.

Conclusão: no máximo, o CD pode custar à gravadora R$ 1,00 a mais do que custa o vinil, mas para o consumidor final ele acaba saindo por cerca de R$10,00 a mais. Você tem todo o direito de achar que nesse mato tem coelho lucrando abusivamente.

Guerra de preços entre especializadas e populares

Se as gravadoras estão vendendo para as lojas ao preço médio unitário de R$ 12,00, mas você só encontra preços em torno de R$ 20,00 no balcão, então o comércio parece ser o grande vilão da história, embalado num resquício de cultura inflacionária, em que margens de lucro acima de 100%, que embutiam expectativas de inflação, são consideradas normais pelos lojistas.

"Estava todo mundo preocupado com a chegada do congelamento que não houve", avalia Luis Cavanca, proprietário da loja Baratos Afins, que vende lançamentos abaixo da concorrência (R$ 17,00 em média), no centro de São Paulo. "É todo mundo aumentou os preços, não só as gravadoras."

Não faltam justificativas por parte dos comerciantes. Carlos Branco, da Planet Music, que cobra em média R$ 21,00 pe o CD nacional, R$ 24,00 pelo americano e R$ 30,00 pelo europeu, explica que a rede foi montada em esquema de franchising (cada loja tem um dono diferente), o que implica custos mais elevados, assim como a decoração da loja e a manutenção de um estoque variado de títulos importados.

"A gente pegou fama de caresro quando somos comparados aos grandes magazines", lamenta-se Mario Pugliese Reis, supervisor da rede de lojas Lado A (cinco filiais em São Paulo), "mas como concorrer com as Lojas Americanas, por exemplo, que anunciam na imprensa um CD a R$ 10,00, enquanto estamos comprando o mesmo produto da gravadora por R$ 12,80?"

De fato, os grandes magazines têm forçado os preços para baixo nas promoções de CDs. Nem sempre estas promoções visam o lucro. Às vezes são apenas chamarizes para que o consumidor entre nas lojas e compre também outros produtos. Um rápido passeio por supermercados e grandes magazines revela uma prática de preços muito abaixo do mercado das especializadas. Em liquidações e promoções mensais, CDs nacionais chegam a ser oferecidos por R$ 5,00 e importados por R$ 7,90 (preços auferidos no Carrefour e no Mappin, em outubro).

"Sentimos a força da concorrência de uma forma direta por trabalharmos num shopping center", constata Alexandre Siqueira, gerente da loja especializada Hi-Fi Laser, no Shopping Iguatemi, um dos maiores de São Paulo. "Agora mesmo tive de cancelar a compra de um cliente que logo depois encontrou o mesmo CD mais barato num magazine vizinho."

Em Porto Alegre, a concorrência dos supermercados fez desabar o preço do CD nas lojas Pop Som (matriz e filia). "Aqui os supermercados estão vendendo qualquer CD a R$ 10,00", diz o gerente da matriz, Claudio Steiger. Em consequência, os CDs vendidos a R$ 21,00 no início de julho agora estão sendo oferecidos a R$ 16,90. "E o consumidor ainda acha caro", completa Steiger.

"Cansei de comprar discos nas Lojas Americanas abaixo do preço que a gravadora me vendia", revela o mineiro Irving Otoni Pereira. "Como você quer que o pequeno lojista sobreviva desse jeito?"

A dor de cotovelo causada nas lojas especializadas pela relação comercial entre as gravadoras e os grandes magazines é antiga. Antes da chegada do Plano Real, cobrar do consumidor preços abaixo da tabela de vendas das gravadoras era norma nos grandes magazines. Hoje, o valor só cai nas promoções. Fora delas, o preço cobrado acaba sendo o mesmo das lojas especializadas.

Ainda assim, a guerra é aberta. "Me recuso a trabalhar com CD nacional porque não concordo com a política de preços praticada pelas gravadoras", desabafa Vicente Mente, proprietário da loja paulista especializada em importados Studio Tan.

Como os grandes magazines [illegible] em quantidades maiores as gravadoras conseguem melhores condições de pagamento, José Antonio Eboli, da Sony Music, contesta este raciocínio, afirmando que os preços não sofrem variações na venda para grandes magazines ou lojas especializadas.

Mas a polêmica continua. "Me recuso a acreditar que os supermercados e magazines comprem pelo mesmo preço que nós", desabafa o gaúcho Steiger. "Eles têm que levar alguma vantagem, senão acabariam perdendo dinheiro."

Vantagens no atendimento

Quem entra num grande magazine à procura de um determinado CD por um preço mais baixo pode dar com os burros n'água. A oferta das promoções é limitada a poucos títulos. O eventual prejuízo causado pela venda de CDs abaixo do preço de mercado é recuperado com a comercialização de outros produtos.

Além disso, como medida de economia, muitos desses magazines eliminaram a presença de balconistas em suas seções de discos. Assim, o consumidor não tem como ouvir o CD que escolheu para decidir se quer comprá-lo ou não.

No atendimento, as lojas especializadas levam grande vantagem sobre os magazines. Segundo uma recente pesquisa feita pela Sony Music, boa parte dos consumidores entra numa loja de discos sem saber o quê vai ter nas mãos quando sair. Nas lojas especializadas, é possível ouvir dezenas de CDs antes de decidir a compra. Muitas vezes, balconistas bem informados sobre lançamentos podem ajudar bastante na escolha.

Algumas lojas especializadas também estão investindo numa nova tendência: a venda de CDs dos catálogos de selos independentes dos Estados Unidos e da Europa. Cada loja trabalha com catálogos exclusivos, garantindo ao consumidor um preço mais acessível, em média R$ 18,00 por unidade.

O grande aumento no consumo de CDs no Brasil esgotou a capacidade das fábricas e criou uma escassez de oferta no mercado

Alto consumo e importação

O grande aumento no consumo de CDs no Brasil esgotou a capacidade das fábricas e criou uma escassez de oferta no mercado de atacado. A saída acaba sendo mesmo a importação, como aliás vem ocorrendo em outros setores da economia. Inicialmente, apenas as lojas especializadas importavam CDs. Mas depois do estouro de vendas de títulos populares, como "Os Três Tenores" (400 mil exemplares vendidos, 70% dos quais importados), as grandes gravadoras também estão investindo em importação, ainda que em pequena escala por enquanto.

"Há meses pedimos o novo CD dos Beastie Boys para a EMI, que está importando o título para o mercado brasileiro", revela Reinaldo Antônio Leite de Freitas, proprietário da loja Berlin Discos, de Brasília. "Não sei se estão importando poucos CDs, mas o fato é que os discos não chegaram para os pequenos negociantes. Nós vamos ter que procurar nas importadoras."

A reclamação é geral. "As gravadoras não estão atendendo nem 30% dos meus pedidos", diz Carlos Nishima, da loja especializada Sweet Jane, em São Paulo. "Acredito que a produção de fim de ano esteja toda reservada para os grandes magazines". A suspeita acaba confirmada por José Antonio Eboli, da Sony Music: "Realmente adiamos lançamentos para concentrar a produção nos CDs populares. Nosso alvo é o público dos grandes magazines."

Nem a Sonopress, detentora da maior fatia do mercado nacional – cerca de 40% da demanda – está dando conta do aumento de pedidos desde o final de setembro. "Aumentamos a capacidade de produção em 60%, mas o volume ainda continua insuficiente", diz Nadir de Almeida, gerente de marketing da Sonopress. "Poderíamos ter aumentado a produção em 200%", revela.

As conseqüências são sentidas diretamente pelas lojas especializadas. "A gente está tendo de importar até discos de artistas internacionais que saíram no Brasil", revela Cláudio Steiger, da Pop Som, "porque senão fica sem produto para vender". Quem trabalha com rock, rap ou qualquer outro segmento específico do mercado foi quem se deu pior. "Os estoques das gravadoras estão voltados para aquilo que os grandes magazines vendem", afirma Mauro Pugliese Reis, da Lado A. "Elas só têm os produtos mais comerciais para vender."

As lojas ainda menores estão em situação mais crítica, algumas vezes tendo de comprar CDs nas liquidações dos grandes magazines para revender em suas próprias prateleiras. Até mesmo os atacadistas, como o Acervo do Disco, em São Paulo, não estão dando conta dos pedidos de fim de ano, mesmo cobrando mais caro que as gravadoras. "Nosso preço é apenas 5% mais caro do que o praticado pelas grandes gravadoras", garante Daniel Serafim da Silva, que compra e revende CDs no Acervo do Disco, uma das empresas favorecidas pela escassez de oferta nas gravadoras.

O CD custa caro porque tem gente ganhando demais em cima do preço final do produto

Preços menores no ano que vem?

Os executivos da indústria de discos garantem que o aumento do consumo e o conseqüente aumento nas tiragens deve abaixar os preços em 1995. Mas os lojistas, atualmente desabastecidos, têm outra opinião. Para eles, o aquecimento do mercado será utilizado como desculpa para novos aumentos no preço dos CDs. "Só que, se aumentar mais, todo mundo vai trazer CD de Miami", avisa Irving Otoni Pereira, da Pop Rock de Belo Horizonte.

O fato é que o vinil, mais barato, deve sair definitivamente do mercado antes da virada do milênio. Mesmo as pequenas gravadoras encaram a mudança do vinil para o CD como algo inevitável. "Tínhamos 40% da nossa produção em vinil no começo do ano, e ficou tudo encalhado. Só os CDs venderam bem. Resultado: paramos de fazer vinil", atesta Luciano Freire, gerente de produção da RoadRunner do Brasil. A matriz americana da RoadRunner não trabalha mais com vinil há alguns anos.

Engana-se quem pensa que foi apenas a qualidade superior do som em CD que decretou a morte do vinil. Se fosse assim, o CD já teria sido substituído pelo DAT (Digital Audio Tape). Mas o DAT, o método mais fiel de reprodução sonora existente, acabou sendo jogado para escanteio, sequer chegando a ser colocado à venda nas lojas de discos. As gravadoras resolveram investir no CD porque ele representa um potencial de lucro superior ao vinil e ao DAT que, mesmo importado em pequenas quantidades para uso restrito de engenheiros de som, ainda é mais barato do que o CD.

Prática abusiva de mercado

O CD custa caro porque tem gente ganhando dinheiro demais em cima do preço final do produto. As largas margens de lucro refletem desconsideração pelo consumidor e distanciamento de uma política coerente de investimentos na produção e venda do produto. Se vários segmentos da indústria brasileira estão se esforçando para adequar preços à nova realidade econômica do país, este não é o caso das empresas fonográficas, nem das lojas de discos.

Carros e eletrodomésticos já estão na mira do governo brasileiro, sofrendo restrições de crédito e outras medidas para estancamento do consumo. Livre de fiscalização, a indústria do disco ainda exerce a ditadura de preços, fazendo doer o bolso do consumidor e impedindo o desenvolvimento do mercado interno.

Reportagem: Marcel Plasse

QUEM PROCURA, ACHA

Fazer uma boa pesquisa de preços pode ser a saída para quem quer comprar um CD mais barato. Você vai descobrir que não são apenas os grandes magazines e supermercados que praticam preços inferiores a R$ 20,00. Na loja especializada Indie, de São Paulo, que tem uma das prateleiras mais variadas do país em importados de rock alternativo, é possível comprar um CD que acaba de sair nos EUA por R$ 19,00. Há também algumas lojas vendendo CDs nacionais na faixa dos R$ 17,00 e até por menos. A Baratos Afins, no centro de São Paulo, oferece lançamentos entre R$ 15,00 e R$ 17,00.

Os preços variam muito em todo o país. A média cobrada pela loja Vinil Alternativo, em Recife, é de R$ 18,00 por CD. Em Porto Alegre, a Pop Som tem preços entre R$ 15,90 e R$ 16,90. A Berlin Discos, de Brasília, estipula o preço entre R$ 14,00 e R$ 17,00. A barateira Gabriela Discos, do Rio, vende CDs por preços que variam entre R$ 15,00 e R$ 17,00.

No fechamento desta edição, em novembro, alguns lançamentos podiam ser encontrados nas promoções dos grandes magazines, como o Mappin, em São Paulo, por cerca de R$ 13,00, com pagamento dividido em duas parcelas.

B.B. King: mais uma vez no Brasil, o mestre rende-se ao amor de sua Lucille

ROTATIVO

Free Jazz Festival

Guru esqueceu seu *jazzmatazz* em casa e fez "apenas" um senhor *show* de rap

Ecletismo domina a cena

Fotos Jorge Rosenberg

Um dos mais brilhantes da nova safra, Joshua Redman impressionou com seu trio

Nunca o maior festival de jazz da América Latina foi tão plural. Havia do melhor, para todos os gostos possíveis: *soul music*, *acid jazz*, blues elétrico e acústico, *be bop* e *fusion*. Na maioria absoluta dos casos, os escalados desempenharam seu papel de forma impecável.

O público, cativado pelo irresistível apelo da música, acabou rendendo-se à mistureba sem pestanejar. Depois da maratona – com direito a vários shows extras –, o balanço foi mais que positivo. Ele comprova o dinamismo do gênero e o fôlego do público.

"Feelin' like a sex machine?" James Brown deu uma de Tim Maia, mas acabou arrasando

Etta James e seu barrigão: aos 56 anos, a cantora mostrou aos brasileiros todos os segredos que encantaram Janis Joplin

Vamos ao que interessa. Afinal, num festival em que o ecletismo ditou as regras é preciso ser seletivo. Tudo bem, **Cassandra Wilson** arrasou com seu vozeirão e seu charme, **J J. Johnson** provou que quem é um dos pais do *be bop* nunca esquece o que sabe e **Marcus Miller** escorregou na baba do quiabo ao lado de **Al Jarreau** e **Joe Sample** – diga-se de passagem, **Djavan** fez bem ao não participar da pajelança em São Paulo. Ainda passaram pelos palcos do Palace e do Hotel Nacional a cantora **Abbey Lincoln**, o violonista **Guinga** e a dupla **Lenine & Marcos Suzano**.

Agora, que venham os destaques. Comecemos pelo óbvio. **B.B. King** e **Etta James** representaram o blues de forma impecável como sempre. Etta arrasou com seu *sex appeal* mastodôntico e sua performance nota 10. Quanto a King, bem, esse é *hors concours* em qualquer ocasião.

Na ala tradicional, a maior bola dentro foi o prodígio **Joshua Redman**. O saxofonista de 25 anos acabou com qualquer sombra de dúvida: seu talento impressiona e promete.

Apesar de dar uma de Tim Maia – cantou quando quis e mandou sua banda "rolar" à exaustão –, **James Brown** brindou o público com shows divertidíssimos como de costume.

Quem esperava pela consagração do *acid jazz* não teve motivos para reclamar. **Guru** resolveu abusar em São Paulo. O *rapper* pareceu ter esquecido seu *Jazzmatazz* em casa e fez um show de rap que durou duas horas. Já **Us3** e **Digable Planets** seguiram à risca os mandamentos da nova música: jazz e rap na medida certa, *cool* e rascante nos momentos exatos. Cada uma das três atrações deu uma aula aos discípulos brasileiros. Veremos os resultados. *Hélio Gomes*

Ladybug encarna Remário no show do Digable Planets

Entre num mundial de basquete

CONVERSE®

The Official Shoe Of The NBA

NBA

LANÇAMENTOS

Pelas ENCRUZILHADAS do RAP

PUBLIC ENEMY

Def Jam/Columbia

Muse Sick-A-Hour Mess Age

O tempo não tem clemência. O tempo não perdoa. Pela simples razão de que algo impactante deixa de sê-lo diante de alguma coisa igualmente impactante, mas nova. Quem hoje é pioneiro, amanhã pode ser uma notícia velha pela qual ninguém se interessa.

É o caso do Public Enemy. *Darling* da crítica e elogiado por seu rap politizado logo em seu nascimento, ele foi chamado de um dos grupos mais influentes da década. Hoje, no entanto, com todas as atenções voltadas para o niilismo e para o sensacionalismo fácil do *gansta rap*, o novo álbum do PE – *Muse Sick-N-Hour Mess Age* – foi recebido como velharia conservadora por uma grande parte da crítica e do público.

Ironicamente, parte do material contido no disco critica o *gangsta rap* ("Give It Up").

Mas apesar dos sons tão potentes como aqueles dos discos anteriores, as mensagens do grupo não vêm mais encontrando o mesmo público de antes.

Já o primeiro álbum solo de Terminator X, DJ do Public Enemy, consegue criar uma ponte entre a assim chamada "escola antiga do rap" (Grandmaster Flash And The Furious Five, The Cold Crush Brothers) e artistas das gerações mais recentes (Ice T, MC Lyte, Ice Cube e até Chuck D, do mesmo Public Enemy).

Super Bad – que é na verdade creditado a Terminator X And The Godfathers Of Threatt – é uma carinhosa profissão de fé no hip hop, que destrói barreiras de idade e de ideologias, além de funcionar quase como um compêndio de peso histórico que apresenta ao público alguns estreantes que merecem atenção – as irmãs Bonnie'N'Clyde – ao lado de alguns nomes desbravadores como o duo Whodini, Kool DJ Herc e MC Bronx, este último só agora fazendo a sua estréia em disco.

TERMINATOR X AND THE GODFATHERS OF THREATT

P.R.O. Division/RAL

Super Bad

BODY COUNT

Columbia

Born Dead

O Body Count, de Ice T, não deixava de ser um marco. Por se transformar no protótipo de banda de metal com raízes profundamente fincadas no rap.

O *rapper* Ice T sempre foi um dos teóricos mais contundentes de todo o movimento e a proposta que ele lançou – aquela de unir as duas tribos – tinha algo de revolucionário.

O álbum de estréia do grupo – com o seu mix de rap e heavy metal – estourou através do hit "Cop Killer", logo que foi lançado em 92 e era bem mais pesado (e inovador, é claro) do que este seu sucessor.

Mas com este *Born Dead*, ele também não deixa pedra sobre pedra na demolição feita por seu *crossover* de estilos.

Contando com as colaborações do Slayer e do produtor Rick Rubin, o disco apresenta ao menos um candidato a clássico instantâneo: o poderoso tema que é levado na faixa "Masters Of Revenge".

José Emilio Rondeau

Ilustração Spiko

EFEITO XEROX

GARAGE FUZZ

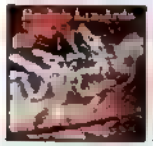
Roadrunner N

Relax In Your Favorite Chair

KILLING CHAINSAW

Roadrunner N

Slim Fast Formula



BEACH LIZARDS

Polvo N

Brand New Dialog

Guitar bands brasileiras (a partir do alto): a santista Garage Fuzz, a piracicabense Killing Chainsaw e a carioca Beach Lizards

O problema com as novas bandas nacionais é que a maioria delas parece demais com algo que a gente já ouviu, todas carecendo de uma personalidade maior, talvez por se basearem sempre nas mesmas influências e por seguirem padrões semelhantes.

Se pecam por um lado, por outro é louvável a tal persistência destes grupos em querer atuar nos insípidos palcos nacionais. No caso da tríade aqui comentada, o mercado externo também é almejado. Tanto que as três cantam em inglês e apresentam razoáveis produções.

A piracicabense Killing Chainsaw pode até ser considerada uma formação veterana, que um dia apresentou um estilo perceptível. O progresso técnico deste álbum mais recente é evidente, contudo as guitarradas corrosivas de antes foram suprimidas em favor de um peso elaborado, explicitamente sugado do Helmet.

O disco ainda dá direito a improváveis versões do Defalla e do atualmente cultuado Kiss.

A banda santista Garage Fuzz – apesar do nome sugestivo – não apresenta nenhuma lisergia *fuzztone* em suas músicas. Praticam sim um *hardcore* ritmado, porém tardio, valorizado em muito pela produção, já que tocando ao vivo eles só produzem verdadeiras maçarocas indistinguíveis de barulhos "fugazes".

Por fim, os cariocas dos Beach Lizards até que exibem um *guitar sound* simples e eficiente, com um bom uso dos *backing vocals*, mas que remonta sempre àqueles climas que tentam elevar o espírito ao "nirvana" e a outros temas mais manjados que filme com santo sudário em sexta-feira de Paixão. SERGIO BARDO

VARIOS

MCA/BMG-Ariola CD N

Rhythm, Country And Blues

Uma iniciativa dos músicos Allen Toussaint e Chet Atkins: achar afinidades entre as raízes da música feita por negros e por brancos nos Estados Unidos. São onze duetos, cada um reunindo um astro country e outro do soul/rhythm'n'blues. Pelo repertório e pelos nomes envolvidos, é até desnecessário tecer louvores ao disco. Só para você ficar sabendo, babar e ir comprá-lo, tem Little Richard e Tanya Tucker (com o *rockabilly* "Something Else", de Eddie Cochran) e o falecido Conway Twitty, duetando com Sam Moore ("Rainy Night In Georgia"), entre outras maravilhas. PAULO CAVALCANTI

CAROLE KING

Ode/Sony Music CD N

Carole King In Concert

Ela é uma das figuras mais importantes e influentes do cenário pop há pelo menos 35 anos. No início dos anos 60, com o seu então marido Gerry Goffin, compôs clássicos como "Up On The Roof", "Chains" e "Will You Love Me Tomorrow?". Essas e outras canções estão neste disco ao vivo, gravado em 93 durante uma turnê pelos Estados Unidos.

Há faixas do antológico álbum *Tapestry* (71), disco que vendeu mais de 22 milhões de cópias. O hit "You've Got A Friend" surge em duas versões, uma delas com vocais de David Crosby e Graham Nash, enquanto Slash (Guns N'Roses) empresta a guitarra para "The Loco-Motion" e "Hold Out For Love". TOMMINO SPESSOTO

C + C MUSIC FACTORY

Columbia CD N

Anything Goes!

No primeiro disco, C+C traziam rock/soul pop/dance. Agora somaram hip hop e ragga à mistura. Parece que Clivilles e Cole estão bem menos preocupados com o *play list* das FMs e fizeram um disco menos acessível e direcionado à cultura negra jovem de Nova York. "I Found Love" traz Zelma Davis numa homenagem a Kool And The Gang (citando a clássica "Lady's Night". Há ainda interlúdios e dois momentos de silêncio (um deles dedicado a Larry Levan, lendário DJ morto por *overdose* de cocaína em 92). Mestres dos clips, talvez empolguem mais algum hit na MTV. LOURIVAL C.S. JUNIOR

sombra no deserto

OASIS

Creation/Epic CD N

Definitely Maybe

Você ainda acredita que uma banda que vem de Manchester – terra dos maiores penteados franjudos entediados do planeta – poderia ser a salvação do rock'n'roll? Ainda mais quando o semanário britânico *New Musical Express* coloca o disco de estréia dos caras nas nuvens!

Pela capa (com "ponta" do Burt Bacharach) e pelas péssimas referências acima, você não desembolsaria nem 25 centavos por este CD, não é? Pois então agradeça a este seu serviçal por mais um favor prestado a seu bolso. Pode comprar tranquilo este *Definitely Maybe*, sem medo de ser ludibriado. Ele é honesto.

Oasis é um grupo que adora o palco, posa com os seus instrumentos e cuja para o que a mídia pensa sobre eles. Isso não lhe cheira a Suede? Só que os caras merecem durar bem mais do que aqueles "perobas" glitter.

Aqui há grooves de guitarras semi-acústicas sustentando as eximas composições de Noel Gallagher e aquela marca de quem leva a coisa realmente "à sério". Todas têm aquele caráter "chapadão" típico do rock inglês.

Com certeza, não vão revolucionar porra nenhuma, como se anuncia por aí. É só mais uma banda que merece figurar na sua CDteca entre o Mudhoney e o Urge Overkill. O que já garante para eles uma cobertura com piscina no céu dos rockers. ALEXANDRE ROSSI

"DRUNK-A-BILLY"

THE REVEREND HORTON HEAT

Sub Pop/Warner CD N

Liquor In The Front

Detalhe do encarte do terceiro CD do trio liderado pelo reverendo Heat

Horton Heat é um reverendo que tem um fiel séquito. Sua igreja prega sermões sobre bebedeiras, mulheres e diversão, embalado por um *rockabilly-metal*, *mezzo* The Cramps, *mezzo* Motörhead, obedecendo o evangelho de Link Wray, Johnny Kid e tantos outros apóstolos das guitarras *billy*.

O reverendo e sua trupe – Jimbo Wallace (baixo acústico) e Patrick "Taz" Bentley (bateria) – acabam de dar à luz o seu terceiro milagre: *Liquor In The Front*, ajudados por um produtor dos diabos, belzebu em carne e osso – Al Jourgensen, do Ministry.

Este aqui é o mais pesado e menos swingado dos discos do reverendo. Traz treze (número cabalístico!) canções que vão de balada surf ("In Your Wildest Dreams") a puros tiros de *rockabilly* ("Baddest Of The Bad", "Cruisin' For A Bruisin'" e "I Could Get Used To It").

A influência de Jourgensen pode ser sentida nas pancadarias "I Can't Surf" e "Yeah, Right", em que há até aquele vocal típico do Ministry, com timbre de alguém falando num *walkie talkie*. A balada country "Liquor, Beer & Wine" – apologia à "água-que-passarinho-não-bebe" – traz o reverendo cantando: "O raio X do meu fígado lembra um queijo suíço", com o reforço inesperado de um pianinho de cassino tocado por Jourgensen, que também dá uma força na faixa final "The Entertainer" está com um "sensível coral" de arrotos e peidos.

Com o fim dos Stray Cats, o topo do pódio do *rockabilly* ficou vago. Neste disco, o reverendo mostra cacife suficiente para ocupá-lo. A seu favor, tem o fato de apimentar seu *billy* com estilos como punk, psycho e metal –, o que garante um público mais eclético, sem no entanto excluir os "topetudos elvismaníacos". ANDRÉ BARCINSKI

Naa! Uha! Epa! Ops! Argh! CD Vinil Cassete N Nacional I Importado

TRIUNFO & TRAGÉDIA

NIRVANA

Geffen/BMG-Ariola

Unplugged In New York

Este é um disco de triunfo e de tragédia. Triunfo, pois está aqui uma das três provas – as outras foram protagonizadas por Eric Clapton e por Jimmy Page & Robert Plant – da validade artística do formato acústico, que permite ao músico despir sua *persona* habitual e criar outra, nem que somente para a ocasião, para se descobrir e para se reinventar na frente do público, ao vivo. A tragédia é que este álbum deixa antever um pouco o rumo que a música do Nirvana – ou pelo menos a de Kurt Cobain, caso optasse por se desligar do grupo – poderia ter tomado, não fosse a morte de Cobain.

Meditativo, com interpretações entre o folk e o blues, o disco traz alguns cavalos de batalha ("All Apologies", "Come As You Are"), mas não busca os aplausos fáceis (nenhum sinal de "Smell Like A Teen Spirit"). Pelo contrário: da mesma forma que o disco acústico de Clapton, a preferência é dada a covers pouquíssimo conhecidas da banda ("Where Did You Sleep Last Night", do falecido *bluesman* Leadbelly, e "The Man Who Sold The World", de David Bowie), além das homenagens feitas a grupos contemporâneos do Nirvana (parte dos Meat Puppets sobe ao palco para tocar três canções de seu próprio repertório: "Plateau", "Lake Of Fire" e "Oh, Me".

José Emilio Rondeau (H)

SLAYER

American/BMG-Ariola

Divine Intervention

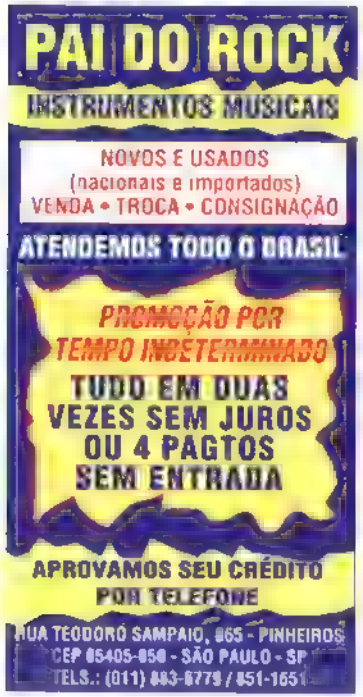
"Violence is my passion", berra Tom Araya na alteravelox "Dittohead". Nada tão apropriado para definir este *Divine Intervention*, a mais recente porrada do Slayer. Vai virar clichê, mas paciência, desde *Reign In Blood* (86) que não se via algo assim furioso e desesperado no mundo do *thrash*. Só os "assassinos" para fazê-lo.

Exemplo já na faixa de abertura – a alucinada "Killing Fields" – a guitarra tocada por Kerry King parece querer perfurar nossos tímpanos. A violência brota em sua música não de forma gratuita. É reflexo do mundo exterior repleto de miséria, sangue, insanidade. As canções do Slayer podem ser vistas como *flashes* de um documentário. Em preto e branco. Não há espaço para a fantasia das cores. Aliás, não há espaço para fantasia alguma.

Neste filme Deus está morto e não se pode ver seu rosto ("Divine Intervention"). Sobre esta terra devastada, existem estupradores ("Sex, Murder, Art"), chacinas político-raciais ("SS-3"), *serial killers* devorando carne humana ("213", o número do quarto do "canibal de Milwaukee", Jeffrey Dahmer). Entre as ruínas da sociedade moderna, estamos inseguros e desprotegidos ("Fictional Reality" e "Circle Of Beliefs"). Para fugir da "realidade pervertida" entregamos a mente ao controle externo ("Mind Control"). Para sobreviver, devemos nos tornar zumbis.

Divine... pode ser considerado um álbum conceitual no sentido mais amplo do termo. Quem esperava que o Slayer amaciasse o seu som se enganou. A banda preferiu manter a coerência fazendo uma pancadaria absurda.

A integração entre as guitarras de Hanneman/King é soberba. Solos rápidos mesclam-se a uma base como o ruído de uma serra elétrica. A voz de Araya é pura angústia e os bumbos de Paul Bostaph (que não é Dave Lombardo, mas dá conta do recado) despejam trovões. Almas torturadas, eles querem nos levar ao inferno e os pesadelos. E conseguem. *Ivan Mizoguchi* **



SONG BOOKS
MÉTODOS E VÍDEO-AULAS
IMPORTADOS E NACIONAIS.
ATENDEMOS TODO O BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO,785
SÃO PAULO - SP
TEL/FAX: (011) 853-4690

SWEET JANE
ROCK RECORDS
CD - CDSINGLE
AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM ROCK ALTERNATIVO, HARD, PROGRESSIVOS, TRILHAS SONORAS, GUITAR BANDS, TRANCE-AMBIENT ETC ..
CD - IMPORTADO/NACIONAL
ENVIAMOS VIA CORREIO PARA TODO BRASIL
AV. PAULISTA, 726
LOJAS 9/10 SÃO PAULO-SP - CEP: 01310-100
FONE: (011) 288-4847

KEBEC
Boots

Para quem entra de sola em tudo o que faz na vida.

WORKWEAR

CAINDO na REAL (sem Lulu)

VÁRIOS

Columbia

Rei!

O produtor Roberto Frejat se saiu muito bem na espinhosa tarefa de distribuir o rico manancial da dupla Roberto e Erasmo a uma reavaliação de artistas que representassem a música pop brasileira nos anos 90.

Assim, se Marina desperdiça de maneira cool a bela melodia de "Por Isso Corro Demais" numa versão quase que instrumental, o sangue novo de Chico Science e de Tony Platão fazem pulsar de novo canções de quase trinta anos atrás. Ambos trazem à tona o lado soul de Roberto (pré-"Detalhes"): Science narrando um rap psicodélico – "Todos Estão Surdos" – e Platão mandando ver na angustiada história de "Namoradinha De Um Amigo Meu".

Frejat puxa a brasa para a sua sardinha, ao reservar "Quando" para o Barão Vermelho. A melhor música da fase Jovem Guarda do rei virou um blues que entorta o original

Carlinhos Brown mostra genialidade ao enxergar na simplória "Eu Te Darei O Céu" uma conexão com a ambalada. Semelhante ao acerto do Skank ao fazer de "É Proibido Fumar" um *dancehall* de última geração.

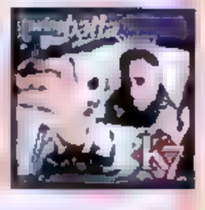
Apesar destes momentos já conseguirem valer o disco, uma pendenga entre os selos BMG Ariola e Columbia virou do tal projeto (aos 44 minutos do segundo tempo!) a faixa mais radical, ousada e radiofônica ao mesmo tempo. Combinando a levada de "Long Train Runnin'" (The Doobie Brothers) com uma batida tipo *Miami bass*, Lulu Santos recriou "Se Você Pensa" numa versão cheia de ironia. A faixa dele foi vetada quando milhares de cópias do disco já haviam sido prensadas, o que acarretou uma alteração às pressas na capa original desenhada por Angeli (ao lado). Pelo tamanho da briga, é pouco provável que esta gravação venha a ser lançada algum dia. Outro transtorno: sem Lulu ficariam sendo treze as faixas, cifra detestada por RC. Mas o rei pode ficar tranquilo, há só doze faixas e meia. Ninguém em sã consciência consegue ouvir a Blitz até o final. CLAUDIO CAMPOS

rap do bom e eletro pornô

COOLIO

Tommy Boy/Warner

It Takes A Thief



K7

Tommy Boy/Warner

Swing Batta Swing

Coolio vem de Compton, área da grande L.A. que parece um morro do Rio. Mas o ex-integrante do grupo M.A.A.D. Circle não descreve um cenário gangsta de chacina, tipo Ice Cube ou CMW. *It Takes A Thief* é uma jornada pessoal. O disco embala o drama que é se chapar e passar os dias numa vizinhança de viciados, com nada para comer além de um saco de pipocas. Transforma em música e em piada o fato de você ser um duro, com as peruas mais feias e ri da cara das mães que descobrem as filhas saindo com gângstêres. As crônicas não são apenas bem escritas. Vêm calibradas por funks nervosos dos anos 70 e baixões de fazer tremer pistas. O visual de trancinhas arrepiadas ajuda na descontração.

K7 é outra história. Meio canadense, meio porto-riquenho, faz a linha do falecido eletro. Há temas pornô, tipo 2 Live Crew, e até uma cover de Cab Calloway. MARCEL PLASSE

VARIOS

Exile/PolyGram

No Prima Donna The Songs Of Van Morrison

O bardo irlandês tem sua obra reverenciada neste disco-tributo, diferente de outros tantos pelo próprio homenageado o ter produzido. Isso para evitar distorções - e "enchecões de saco", dada a fama de "pentelho" de Van. O clima de folk, blues e jazz das canções foi mantido. Van escolheu as faixas e escalou um belo time, com Cassandra Wilson ("Crazy Love") e Elvis Costello ("Full Force Gale"), além de "Tupelo Honey" com a Phil Coulter Orchestra e o ator Lian Neeson declamando "Coney Island". TONINHO SPESSOTO

ALMAS BRILHANDO

COLLECTIVE SOUL

Atlantic/Warner

Hints, Allegations And Things Left Unsaid

CS (à partir da esquerda): Ross Childress, Ed Roland, Shane Evans, Will Turpin & Dean Roland

Há coisas no mundo que permanecem inexplicáveis. Por exemplo, como é que um sujeito consegue, de repente, escrever uma canção pop perfeita como "Shine"? Pode-se dizer que se trata de uma soma feliz de fatores. Mas em *Hints, Allegations And Things Left Unsaid*, o Collective Soul prova que é capaz de mostrar mais do que apenas uma canção genial.

O vocalista e líder do grupo, Ed Roland (cuja voz às vezes parece ser uma reencarnação de Brian Ferry), tem um senso melódico acurado para fazer o tipo de som que cola nos ouvidos. Assim é "Shine", "Wasting Time", a belíssima "Sister Don't Cry" e "Heaven's Already Here". O quinteto da Geórgia é completado por Dean Roland (guitarras), Ross Childress (guitarra solo), Will Turpin (baixo) e Shane Evans (bateria). Eles passeiam entre o folk e rock mais pesado sem tropeçar e conseguem ir de uma sofisticação como a do tema instrumental "Pretty Donna" à pauleira quase punk de "Scream", sem parecer que estão tentando provar alguma coisa. O que não é nada mal para um disco de estréia. JEFERSON DE SOUSA

Chee·tos

• Dorsal Atlântica: Cláudio Lopes (baixo), Carlos Lopes (voz/guitarra) & Guga (bateria) •

JESUS NA FAVELA

DORSAL ATLÂNTICA

Cogumelo

Alea Jacta Est

A banda de *thrash metal* mais antiga do Brasil tenta a sorte mais uma vez. Desde o disco *Antes Do Fim*, em que o grupo inovava misturando metal trabalhado com *hardcore*, o Dorsal não acertava tanto a mão em um trabalho.

Alea Jacta Est é mais um episódio da ópera metal iniciada com *Musical Guide From The Stellium*. A história maluca de um Jesus Cristo negão que mora e é crucificado numa favela carioca por traficantes. Embora tenha sido criada há um ano, não poderia ser mais atual. Ao contrário da maioria dos trabalhos ditos "conceituais", o grupo troca a chatice tradicional desse tipo de disco pela porrada bem elaborada. Mais uma vez o Dorsal traz um elemento diferente na sua música: as palhetadas quebradas e meio malucas dos *riffs* de guitarra. O grupo mostra muita personalidade neste disco. ROBERT HALFOUN

DES'REE

Mercury/PolyGram

I Ain't Movin

Mind Adventures era o álbum de estréia desta negra inglesa, estudante de poesia e que na infância ouviu muito Billie Holiday, Stevie Wonder e Bob Marley, influências diretas em *I Ain't Movin'*, um disco afogado na auto-análise. A faixa-título fala sobre amor próprio e da coragem de encarar os preconceitos raciais e sexuais. "Trip On Love" é um manifesto contra as drogas e há ainda "Living In The City", "In My Dreams" e "Little Child", todas com o intuito de fazer pensar, o que no pop atual não parece ser um "bom negócio". Por isso, vale a pena arriscar neste disco. LOURIVAL C.S. JUNIOR

CONEXÃO JAPERI

Warner

Conexão Japeri

Ao lançar seu disco, a Conexão tinha uma difícil missão: fazer o público esquecer que ela era a banda de apoio de Ed Motta. Conseguiu, em parte. O cabeça continua Bom Bom, o fiel parceiro de Ed, que garante o alto padrão musical no soul e no funk. Mas, sem o revivalista Ed, arriscaram influências e eletrônicas e até um trecho de rap. "Minha Mulher", "Reu Confesso" (Tim Maia) e "Salve Essa Flor" (Cassiano) têm personalidade, na voz de Ezequias, o novo cantor. Porém, as letras são um tanto toscas. Afinal, Ed é um dos poucos que faz clássicos de frases pueris. JEFERSON DE SOUSA

FRENTE!

Mushroom/BMG-Ariola

Marvin, The Album

Este álbum é predominantemente acústico e a voz de Angie Hart às vezes lembra as inflexões agudóides de Kate Bush. As faixas têm nomes singelos – "Pretty Friend", "Most Beatiful" e "See/Believe" – que escapam da preguiça pela dinâmica espertinha e econômica. Incluem até um aditivo jazzístico, mas eles acertam a veia em 50% deste disco que fizeram numa *major*.

Você deve conhecê-los da feliz versão para "Bizarre Love Triangle" (New Order), só com voz e violão, que passa direto na MTV. Mas este é um caso em que o *trailer* não supera o filme. Esperemos o próximo. . ALEXANDRE ROSSI

O QUEIJO QUE DETONA.

Cheetos

CHESTER CHEETAH

EDITORA AZUL

Fundador: Victor Civita (1907-1990)
Diretoria: Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial: Carlos [illegible]
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Diretora Comercial: Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação: Carlos Alberto Araujo
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

REDAÇÃO

Editor-Chefe:
Editor Especial:
Editor de Arte:
Editores-Assistentes:

Editor Assistente de Arte:
Coordenador de Produção:
Arte:
Correspondentes:

Colaboradores • Texto:

Textos:
Ilustração: Revisão e Preparação de Texto:

STAFF EDITORIAL

Secretaria Editorial: Isabela Rossini
Azul Press: Benjamin [illegible]
Administração Editorial: Arlova de Carmo [illegible]
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liege de Lima Dona [illegible]

Gerente: Ana Lucia Serra
Supervisores de Contas: Alfredo Palomares, Fabio Gomes, Jorge de Oliveira, Ricardo Santos
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: [illegible]

COMERCIAL

Gerente de Produto: André Felipe [illegible]
Gerente de Assinaturas: Alexandra Pallas da Silva
Gerente de Planejamento: Ana [illegible]

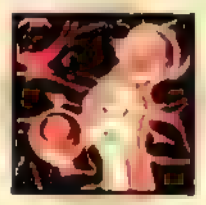
COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra [illegible]
Gerente de Propaganda: [illegible]
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos
Supervisor Externo: Miguel Abdulack Filho

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-164) edição [illegible] dezembro de 1994. São Paulo: Redação e Correspondência [illegible] Rio de Janeiro: [illegible] Distribuidor em Portugal: [illegible] Assinaturas: [illegible] Serviço ao assinante: [illegible]

ANER IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. IVC

FORÇA VIVA



PETER GABRIEL

Real World/EMI-Odeon

Secret World Live

Peter Gabriel faz parte de um time seleto de *popstars*. Quando quer, como quer e com quem quer, o multiinstrumentista parte para projetos ambiciosos e surpreendentes.

Esse é o caso do show que correu o mundo no final de 93, baseado nas canções dos álbuns *So* (86) e *Us* (92), que chegou ao Brasil desprovido dos seus melhores efeitos, no fim do ano.

Gabriel, com microcâmera que capta seu rosto

Transportado para o disco, o espetáculo ganhou cores ainda mais fortes, imprimidas pelas mãos de uma banda de apoio que contava com feras como o baixista Tony Levin, o baterista Manu Katché, o guitarrista David Rhodes e a vocalista Paula Cole.

O resultado não poderia ser melhor, indo de "Come Talk To Me" a "In Your Eyes" e passando por clássicos como "Solsbury Hill". Enfim, um senhor disco ao vivo, o registro de um show perfeito. *Helio Gomes*

Level 42

RCA/BMG-Ariola

Forever Now

Após dois anos meio parados, Mark King ("o maior baixista do mundo", segundo o *release* do disco) e Mike Lindlup lançaram este novo trabalho do Level 42, que tem exatamente as características dos anteriores: funk branco azedo, aguadíssimo, com vocal e instrumental impecáveis. Como uma banda de jazz tocando *pop fusion* para ganhar dinheiro. Trilha sonora para casa de praia de *yuppie*: fica rolando ao se degustar um camarãozinho, um vinho gelado ou ao ir passear de *jet ski* ou "bimbar a brota". Ou seja, quando a gente está pouco se fodendo para o que está tocando. *Alexandre Rossi*

2 UNLIMITED

ToCo/PolyGram

Real Things

Uma coisa ninguém pode negar: eles sabem fazer música para FMs, mas conseguem soar ridículos quando tentam passar disso. Este é um disco cheio de referências ao tecno *hardcore* e à *trance* (dois dos expoentes mais radicais da *dance music*), mas não tenha receio: tudo aqui está cuidadosamente dissolvido em muita, mas muita água mesmo. A faixa-título é legal, "Do What I Like", segue na mesma linha do disco todo. Já a faixa "No One" se encarrega de ser a melhor. Eles falam muitas besteiras, do tipo "get into the future, get into the *trance*". Uma pergunta: que *trance*? *Lourival C.S. Junior*

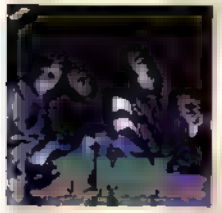
Existe jeito melhor de começar o dia?

bozzano
creme de barbear em espuma
com lantrol
bozzano
creme de barbear aerosol
TESTADO DERMATOLOGICAMENTE
PARA PELE SENSÍVEL
bozzano
CREME DE BARBEAR
50g
MENTOLADO

Um dia perfeito começa com uma barba perfeita.
E para isso, basta escolher uma das 3 versões do Creme de Barbear Bozzano.
Mentolado, para usar com pincel. Em Aerosol, numa embalagem superprática.
E para Pele Sensível, dermatologicamente testado.
Creme de Barbear Bozzano. Ainda não inventaram jeito melhor de começar um bom dia.

LANÇAMENTOS

SEM PAPAS NA LÍNGUA



DMN

Continental/Warner

Cada Vez Mais Preto

DOCTOR MC'S

Kaskata's

Para Quem Quiser Ver

VARIOS

Kaskata's

Sociedade Alternativa (Elas Por Elas)

ATHALYBA E A FIRMA

RCA/BMG-Ariola

Politica

Depois de se tornar uma "surpresa exótica" nas rádios, o rap passou a receber um pouco mais de respeito. Não tanto, claro, quanto merece. Mas é legal ver o bom tratamento que uma *major* deu ao disco de Athalyba E A Firma, por exemplo. Não que eles precisassem de muitos cuidados. Os caras são escolados e mostram isso com muita propriedade. Vide "Politica", a faixa de trabalho, que é genial. Outro grande achado do disco: "Dinheiro", que já deveria estar tocando nas rádios. Tem momentos românticos, como "Feminina", que é chatinha, e a regravação de "Perdi Você" ! E não deixe de ouvir "Sujô", um dos raros momentos de humor no rap nacional.

Embora não seja recente, o álbum do DMN vem em momento apropriado. Em tempos em que personagem de novela escancara racismo em pleno horário nobre, nada melhor do que um disco como *Cada Vez Mais Preto*. Porrada pura do começo ao fim. O DMN faz o estilo guerrilheiro: ele racha tua cabeça para colocar as mensagens lá dentro. "Já Não Me Espanto", "Como Pode Estar Tudo Bem", "Precisamos De Nos Mesmos" e "4 P" mostram a vocação radical deles. Há *samples* de Genesis a Lenny Kravitz. Problema: o som ruim – a Warner podia ter caprichado na remasterização.

O Doctor MC's se deu melhor. Qualidade musical OK, boas ideias (vide "Tributo A Jr Blow", com clima *jazzy* e sax de Patossauro, do Yo-Ho-Delic). Mas eles parecem sofrer de excesso de influência do Cypress Hill – basta conferir faixas como "Fatal Realidade".

¿A Elas Por Elas é uma coletânea reunindo Rose MC, The Night Girls, The Repent e Danny Dieis. Todas elas dão uma boa amostragem do talento feminino, que muitas vezes acaba relegado ao segundo plano no mundo do rap. JEFERSON DE SOUSA

BIOHAZARD

Warner

State Of The World Adress

Apesar da influência de Sepultura (é uma alegria ver Max Cavalera & Cia. fazendo escola pelo mundo) o som do Biohazard vai além de ser apenas uma releitura da banda brasileira. São criativos e misturam a agressividade *thrash* com rap e outros elementos. Com uma pegada seca de baixo e bateria e um timbre de guitarra, que está mais para Bad Brains do que para os discos de *thrash* tradicionais, o álbum é pesado, mas pouco barulhento se comparado a outros trabalhos no estilo. A banda dá uma aula de como botar os demônios para fora sem ser chato e incompreensível. ROBERT HALFOUN

SINEAD O'CONNOR

Chrysalis/EMI-Odeon

Universal Mother

Em 70, John Lennon acabou de dinamitar os Beatles (já então em um adiantado estado de decomposição), com um álbum de terapia confessional que era cru e catártico. Agora é a vez de Sinéad desnudar sua alma em público, arrastando-nos para uma sessão de psicanálise com música. Resta saber quem se interessa por seus lamentos. Ao contrário de John, ela grita a sua dor de forma nada rascante, em umbres doces, diferentes do vagido cego dos discos anteriores. Faz sentido: ela exorciza a infância de maus tratos e tenta dar esperança ao seu filho Jake. JOSÉ EMILIO RONDEAU

JOGGING. Asics corre na frente e traz do Japão o Asics 122. Como os melhores atletas, ele resiste duramente ao desgaste, topando qualquer parada. E vai mais longe porque o conjunto amortecedor (sola EVA moldado e GEL) absorve os impactos e melhora o seu rendimento.

O IMPORTADO TOTALMENTE ADAPTADO ÀS PISTAS BRASILEIRAS.

Sempre com todo o conforto e um design de tirar o fôlego. Que outro importado está tão bem preparado para enfrentar as pistas brasileiras? Asics 122. O importado que é um Asics. Corra para pegar o seu.

asics
BE YOUR BEST.

GANHE UMA VIAGEM PARA JAMAICA!

PROMOÇÃO BIZZ / SONY MUSIC

"Jamaica sobre todas as forças"

A revista Bizz e a Sony Music vão levar você para a Jamaica! E é muito fácil participar: basta usar sua inesgotável criatividade e criar uma nova letra para a música "Downtown?". Use-a para convencer a Bizz e a Sony Music de que você é a pessoa mais indicada para ganhar a viagem para a Jamaica.

REGULAMENTO

1. Mande quantas cartas você quiser
2. A letra da musica deve vir gravada em uma fita K-7, e vir acompanhada dos seguintes dados pessoais, nome completo, idade, endereço completo, CEP e telefone para contato
3. A escolha da letra vencedora será feita por uma comissão julgadora formada por profissionais da revista Bizz, Sony Music e Rádio Jovem Pan e levará em conta a criatividade e a originalidade usadas para a criação da letra.
4. É importante que a letra se encaixe na melodia da musica em questão
5. As cartas serão recebidas até o dia 16/01/95 (o que vale é a data de postagem do correio)
6. Tire cópia das letras. Os originais não serão devolvidos
7. É vetada a participação de funcionário da Editora Azul, suas coligadas, da Sony Music e da Rádio Jovem Pan
8. O resultado dessa promoção será publicado na ed.115 da rev Bizz, em bancas 21/02/95. Prêmio 02 passagens para Jamaica (leitor e acompanhante), hospedagens alimentação e traslados.
9. Sua carta deverá ser enviada para "Promoção Jamaica sobre todas as forças" - Av. das Nações Unidas, 5777 - 4º andar - CEP 05479-900 - São Paulo/SP

REVISTA BIZZ

Sony Music

JOHNNY CASH

American

American Recordings

Aos 62 anos, o "homem de negro", lenda viva do rock americano, retorna à ativa em sua melhor forma, com um disco produzido pelo podreira Rick Rubin.

O que não significa que tenha abandonado seu tradicional country angustiado – apesar de ter uma das canções ("Thirteen") assinada por outro "podreira", Glenn Danzig. Mesmo com a moldura sonora atualizada, a voz grave de Cash desliza firmemente por canções de altos quilates, como "Drive On", "Delia's Gone" e a versão primorosa para "Bird On The Wire", de Leonard Cohen. CELSO PUCCI

DECONSTRUCTION

Def American

DeConstruction

Projeto da outra metade do Jane's Addiction. A saber: o guitarrista Dave Navarro e o baterista e vocalista Mike Avery, juntos ao baterista Michael Murphy e o produtor Rick Rubin. O disco não é de fácil digestão. As músicas soam tenebrosas e as letras falam de depressão, pecados e redenções, com gritos desafinados (em "Dirge"). A guitarra cheia de efeitos de Navarro – que o fez ser convidado para os Red Hot Chili Peppers logo após as gravações desse disco – continua afiada, mas quem rouba a festa é Mike Avery, com seus vocais e por ter feito a maioria das letras. SÉRGIO MARTINS

voltas por cima

THE BLACKEYED SUSANS

Frontier

All Souls Alive

WAKE OOLOO

Prando

Hear No Evil

Pelas brechas, pelas frestas, dois grupos dos mais subestimados da década passada retornam aos anos 90 sob novas configurações. É o caso do sexteto australiano The Blackeyed Susans, formado ao redor de três ex-integrantes da banda The Triffids: Rob McComb (voz/violão), seu irmão David (guitarra) e "Evil" Graham Lee (pedal steel guitar). Fiel ao estilo do grupo-matriz, eles despacham um country blues sombrio e melancólico – algo como um mix bebaço de Gram Parsons, Nick Cave e The Doors – como na necrológica "Dirty Water" e em uma versão para a balada de luxo "Memories" de Leonard Cohen e Phil Spector.

Por seu turno, o Wake Ooloo nada mais é do que a reencarnação do finado The Feelies, a partir de Glenn Mercer (guitarra) e de Dave Weckerman (bateria). Esse debut é um elogio ao rock hipercinético/tenso dos inesquecíveis The Stooges ("Effigy", "Another Song") e do Television ("Rise", "From Afar"). Neutraliza qualquer vodu. ARTHUR G. COUTO DUARTE

O CORPO

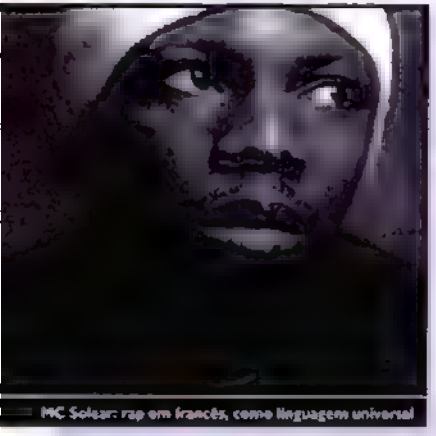
A ALMA

Mirvaine GLO. Uma nova luz em relógios.

MIRVAINE

SEMPRE À FRENTE

da França ao jazz americano



MC Solaar: rap em francês, como linguagem universal

MC SOLAAR

Polydor

Prose Combat

VÁRIOS

GRP

Red Hot + Cool- Stolen Moments

Red, Hot + Cool... traz M' Shell Ndegé Ocello

MC Solaar já trabalhou com os Urban Species e mandou seu recado em "Le Bien, Le Mal", no projeto do rapper Guru. Mas basta ouvir *Prose Combat*, segundo álbum deste francês de origem senegalesa, para se tocar que ele alcança vôos mais altos. Na capa, Solaar faz pose de durão, com fotos tiradas na rua. A sofisticação fica para o disco. Sob boas bases de jazz e blues, ele relembra suas raízes africanas e fala do gueto. O mais importante de tudo é a quebra da barreira da língua: para quem achava que rap francês é tão chato quanto samba de japonês, ele mata: se faz entender mesmo nas gírias e torna seu rap em linguagem universal

O terceiro filhote do projeto *Red Hot +...*, cuja renda é revertida para os aidéticos, junta feras do jazz com a rapaziada da *soul music* e do rap. Os melhores momentos ficam por conta de Guru com Donald Byrd (parceria que também brilhou no Free Jazz Festival), Digable Planets com Lester Bowie e Wah Wah Watson, além de MC Solaar e Ron Carter. Outros ainda brilham ao falar da Aids, como The Pharcydes (em "Rubbers Song") e "This Is Madness", com The Last Poets. *Red Hot + Cool* ainda vem com um brinde: uma bela interpretação de "A Love Supreme" (do jazzman John Coltrane) a cargo de Brandford Marsalis. SÉRGIO MARTINS

JACK BRUCE AND FRIENDS

CMP

City Of The Hearts (Live In Cologne, Nov. 1993)

"A magia da música é que pode envelhecer, mas ela permanece eternamente jovem", foi o que comentou um emocionado Jack Bruce por ocasião dos dois shows que comemoraram seus 50 anos de vida. Mais do que a celebração do homem e do artista, estes concertos foram o encontro de grandes músicos, recapitulando de que modo Bruce plasmou o virtuosismo e o improviso jazzístico à mega-amplificação do rock dos *sixties*. Mas o melhor está no finalzinho, quando se une a Ginger Baker e Gary Moore para reviver – ainda que de forma enviesada – o mito do Cream (ver a seção *Discoteca Básica* desta edição). ARTHUR G. COUTO DUARTE

RIDE

Sire

Carnival of Light

Este quarteto britânico oriundo de Oxford surgiu em 90 e este aqui é o seu terceiro álbum. Usando e abusando de referências dos *sixties*, a banda traz canções encharcadas de guitarras psicodélicas pulsantes, enquanto seus vocais sugerem pântanos enevoados. Assim, passam por nuances folk ("1000 Miles"), *road songs* com órgão Farfisa e violões ("Natural Grace"), baladas dilaceradas ("Only Now") e covers de bandas de garagem obscuras ("How Does It To Fell", originalmente com o Creation). Um disco imprescindível. HUMBERTO FINATTI

INVASÃO DOS DIÁLOGOS

VÁRIOS

MCA

Pulp Fiction

Quentin Tarantino não apenas conseguiu injetar ânimo novo no cinema com seus contos de puro *grand guignol*, repletos de referências bizarras à cultura pop, mas também renovou o conceito de trilha sonora.

Tal como a seleção que havia feito para *Reservoir Dogs*, esta que ele escolheu para *Pulp Fiction* é um outro exemplo do melhor garimpo fonográfico, com a graça adicional das faixas virem costuradas por trechos de diálogos do filme. Um expediente também utilizado na trilha de *Natural Born Killers* – no Brasil chamado *Assassinos Por Natureza* (ver resenha ao lado).

Aqui, Tarantino optou por um equilíbrio entre os torpedos rápidos da *surf music* e baladas *country'n'western* lentas e pungentes. As exceções estão nas faixas de *soul music* e no "funkaço" de Kool And The Gang, Tudo isso, claro, dentro daquele seu "universo B" correspondente. Há desde o redescoberto "rei da *surf music*", Dick Dale, até a cantora branca de *soul music*, Dusty Springfield, com sua voz impressionantemente límpida.

Existem ainda muitas outras atrações no disco, tais como uma cover sensacional da canção "Girl, You'll Be A Woman Soon" (Neil Diamond) feita pelo Urge Overkill, ou um belo tema original de Maria McKee (ex-Lone Justice). E mais: Chuck Berry, Al Green, Ricky Nelson etc.

Mas o filé fica com as bandas de *surf music*, especialmente em "Comanche", tocada pelo grupo The Revels, além de outros nomes curiosos do estilo como The Centurians e The Tornadoes.

Para completar a festa, só falta ligar a luz estroboscópica. DANIEL BENEVIDES

VÁRIOS

Nothing/Interscope

Natural Born Killers

Na onda dos *serial killers*, o novo filme de Oliver Stone (com roteiro original escrito por Quentin Tarantino) promete ser um terror espetacular. Mas a trilha dele não deve ficar para trás de maneira alguma.

Produzida, compilada e mixada (a cada faixa) por Trent Reznor (Nine Inch Nails), ela explicita o próprio clima aterrador que envolve a história. Para tanto, misturou ao longo de 27 faixas – das quais, apenas dois terços se compõem de canções completas – diálogos e partes do som original do filme, em uma colagem claustrofóbica que envolve tiroteios, papos de traficantes e musicados efeitos sonoros. O resultado já dá uma idéia do terror que aparecerá na tela, mesmo para quem não assistiu o filme.

Nas canções, Reznor conseguiu dar uma unidade incrível ao trabalho, mesclando os mais diversos estilos da música americana com esquisitices perfeitas para a proposta.

Há desde o peso catatônico do próprio Nine Inch Nails e do Lard (do "rhauquete" Jello Biafra), até o country de Patsy Cline, Bob Dylan e a guitarra *surf* de Duane Eddy, além do punk "de safra" de Patti Smith e do grunge das *not girls* do L7. Mas não é tudo, na fronteira canadense, temos "Sweet Jane" (Lou Reed), com os Cowboys Junkies, mais dois hinos existenciais de Leonard Cohen.

O resto do mundo – a tal *world music*? – também diz "presente" sem afetações: há desde os gemidos vanguardísticos da grega Diamanda Galas até o paquistanês Nusrat Fateh Ali Khan e a Budapest Philarmonic Orchestra, com "A Night On The Bare Mountain" (tema clássico de Mussorgsky). Tri ha matadora. CELSO PUCCI

CRÁPULA & RASTEIRO

O blues da banda gaúcha **SOLON FISHBONE Y LOS COBRAS** é de qualidade. E em **Blues From Southlands** (Paradoxx) eles mostram que beberam em ótimas fontes para fazer composições como "Licks From Heaven" e "Three Years Of My Life" ☺ Bastante interessante também é **Rick's Road** (Vertigo/PolyGram), do grupo escocês **TEXAS**. Produzido por Paul Fox (10.000 Maniacs), o álbum funde soul com rhythm'n'blues e a cantora Sharleen Spiteri tem timbre coincidentemente similar ao de Natalie Merchant (ex-10.000 Maniacs) ☺ O álbum **Sometime Anywhere** (Arista/BMG-Ariola) também bate na praia do rock alternativo, com o – agora duo australiano **THE CHURCH**. Com a saída de Peter Koppes, o som ficou mais trabalhado, já que Steve Kilbey e Marty Wilson-Piper se viram em todos os instrumentos ☺ Agora, podreira mesmo é o álbum do grupo mineiro **THE MIST. ... Ashes To Ashes, Dust To Dust...** (Cogumelo). Indo na linha do Sepultura, usam e abusam dos efeitos de estúdio. "Disaster" e "Blind" são porradas das quais só a sua vovó surda não vai reclamar ... ☺ Mais rock brazuca: **Brasil Alternativo 5** (SCA) é um CD para divulgar bandas novas. É só mediano; coisas boas como **ODD JOB** e **VIDE BULA** se perdem entre infantilidades – tipo rimar "tênis" com "pênis", em uma música dos **LIBERAIS SEM DESTINO** ☺

Já um tal de **LATINO** se lança com o medonho **Marcas De Amor** (Columbia). Como se não bastasse a ruindade musical, o sujeito ainda é a cara do Cantinflas. Nem a produção do DJ Marlboro consegue salvar o gajo do desastre ☺ Mudando um pouco de terreno: duro mesmo é ter que aguentar o "cha-ca-dum" de *dance music* que as gravadoras sempre insistem em empurrar para cima da gente. Os exemplos são muitos e para começar o martírio, temos nada menos do que o sueco **MELODIE MC**, que está saindo com um disco chamado **Northland Wonderland** (Virgin/EMI-Odeon). É aquela batida techno padronizada, sem a menor criatividade. E não se engane, gente boa: "Come Together", uma das faixas do cara, não tem nada a ver com aquela do *fab four* ☺ Outra fórmula que se repete à exaustão neste estilo é aquela de juntar uma loira gostosa que não canta nada com um negão que dança muito. Assim é o **TWENTY-4-SEVEN**, que está na praça agora com o álbum **Slave To The Music** (ToCo/PolyGram). A faixa-título é sucesso nas pistas por aí. Mas o que se há de fazer? Há quem goste disso, mas não existe aqui o menor teor criativo ☺ Um pouco melhor é o som dos neguinhos **THE PUPPIES**. Em seu CD homônimo (Chaos/Columbia) Big Boy e Tamara Dee conseguem fazer um funk/rap com pique, que não poupa ninguém e manda bala em mensagens pesadas como a da faixa "Strap Down". Dá para sacudir o esqueleto. TONINHO SESSOTO ☺

Melodie MC (à esquerda) ao lado do DJ Statlick

GRAVADORAS INDEPENDENTES ■ **Cogumelo** – Fone: (031) 224-9828 • Belo Horizonte (MG) ■ **Kaskata's** – Fone: (011) 716-5258 • São Paulo (SP) ■ **Paradoxx** – R. Dr. Pinto Ferraz, 58/Fone: (011) 575-0833 • São Paulo (SP) ■ **Polvo/SCA** – Cx. Postal 11794/Fone: (021) 235-3845 • Rio de Janeiro (RJ)

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE: (011) 299-7478

STAMP

MALHA MERCERIZADA

TAMANHOS P, M, G.

TE 71 TE 76 TE 73 TE 69 TE 72 TE 65 TE 77 TE 66 TE 68 TE 62 TE 60 TE 64 TE 67 TE 49 TE 59 TE 63 TE 58 TE 20 TE 61 TE 70 TE 39 TE 43 TE 42 TE 53 TE 47 TE 52 TE 17 TE 50 671 FRENTE 677 674 659 662 670 628 602 629 336 673

PREÇOS

MANGA CURTA (M	R$ 12.00
MANGA LONGA (M	R$ 15.00
ESPECIAL M CURTA TE	R$ 18.00
ESPECIAL M LONGA TE	R$ 22.00

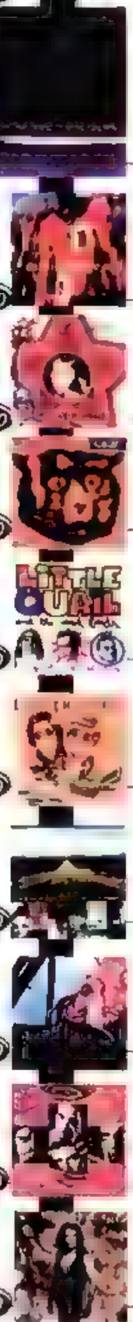
REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

NOME

CEP CID EST

Stamp Rock Wear

bolsa de discos



Disco	Média	[illegible] GOMES (BIZZ)	[illegible] (Folha de S. Paulo)	JEAN YVES NEUFVILLE (O Estado de S. Paulo)	CELSO [illegible]	AIRTON [illegible] (Jornal da Tarde)	[illegible]	SÉRGIO MARTINS (BIZZ)	[illegible] MASSAR	ROBERT [illegible] (BIZZ)	[illegible]
ERIC CLAPTON • From The Cradle (Warner)	8,70	10	10	8	9	10	7	10	6	9	8
MUNDO LIVRE S/A • Samba Esquema Noise (Banguela/Warner)	8,30	7	10	7	6	8	8	9	8	10	10
LIZ PHAIR • Whip-Smart (Matador)	8,00	•	•	8	•	•	6	10	6	10	•
R.E.M. • Monster (Warner)	7,70	8	9	4	7	7	9	8	8	10	7
LITTLE QUAIL • Lirou Quéiol En De Méd Bârds (Banguela/Warner)	6,60	7	7	6	•	6	7	6	7	7	7
VÁRIOS • If I Were A Carpenter (PolyGram)	6,40	7	4	5	•	•	7	7	8	•	7
Jesus And Mary Chain • Stoned And Dethroned (Warner)	6,10	•	7	5	•	•	6	6	8	4	7
L7 • Hungry For Stink (PolyGram)	6,00	5	7	6	8	5	7	5	7	6	4
VERTIGO • Vertigo (Rock It!)	3,00	0	•	•	•	•	5	0	7	2	4
EDSON CORDEIRO • Edson Cordeiro (Sony)	2,50	1	1	2	4	6	3	0	•	1	5

parada

EUA álbuns 19/11 Billboard

1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible]
10 [illegible]

EUA singles 19/11 Billboard

1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible]
10 [illegible]

GB álbuns 05/11 NME

1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible]
10 [illegible]

GB indie 05/11 NME

1 [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]
4 [illegible]
5 [illegible]
6 [illegible]
7 [illegible]
8 [illegible]
9 [illegible]
10 [illegible]

Clássicos

Contagem regressiva

Onze CDs servem de aperitivo para a vinda de Jagger, Richards & Cia.

Ió para a moçada! E também para o pessoal da "velha guarda"! Afinal de contas, talvez você – leitor(a) – da BIZZ vá aos iminentes shows brasileiros dos **ROLLING STONES** ao lado de seus pais!

Não é para menos: há mais de três décadas os caras continuam a fascinar tanto os adeptos do rock'n'roll "da antiga", como as gerações posteriores. Vivendo – e sobrevivendo – com digno sucesso, apesar das mazelas do *showbiz*.

Por isso, é muito oportuna a reedição no Brasil de onze discos que o grupo fez durante os anos 70/80. Os relançamentos fazem parte do contrato milionário firmado por eles com a gravadora Virgin, que além de prever mais dois outros álbuns (ao menos) após *Voodoo Lounge*, ainda levou de bandeja o catálogo da banda a partir de 71, quando fundaram seu próprio selo, chamado – obviamente – Rolling Stones.

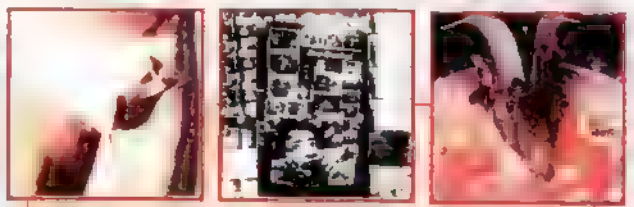
Poster da incursão australiana dos Rolling Stones, durante a turnê mundial de 73

As bolachas do pacote respeitam a tradição do grupo. Ao contrário da coleção lançada há algum tempo pela PolyGram – que é detentora nacional dos discos da banda nos anos 60 –, esta é caprichada. As prensagens não foram feitas "nas coxas" e as capas não têm nenhum selinho escroto – do tipo *Satisfaction Years*.

Com som remasterizado, ao menos metade deste pacote é essencial. **Sticky Fingers** (71) tinha capa de Andy Warhol (aquela do ziper) e temas clássicos como "Brown Sugar" e "Bitch". Depois veio o álbum duplo que transformou-os na "maior banda de rock'n'roll do mundo": **Exile On Main Street** (72, *Discoteca Básica*, BIZZ 4). **Goat's Head Soup** (73) e **It's Only Rock'N'Roll** (74) continham hits como "Angie", "Star Star" (do primeiro), "Dance Little Sister" e a faixa-título (do outro). **Black And Blue** (76) marcou o début de Ron Wood (ex-The Faces) no lugar de Mick Taylor e canções como "Hot Stuff" e "Crazy Mama", enquanto **Some Girls** (78) tinha tinturas punk e um flerte com a *disco music* ("Miss You").

Daí, não tiveram mais álbuns geniais, mas sempre com instantes de brilho: **Emotional Rescue** (80, em "She's So Cold"), **Tatoo You** (81, em "Start Me Up"), **Undercover** (83, em "She Was Hot"), **Dirty Work** (86, na cover de "Harlem Shuffle") e **Steel Wheels** (89, em "Mixed Emotions").

Celso Pucci


Detalhes dos encartes de Sticky Fingers, Exile On Main Street e Goat's Head Soup

Turma das "bonecas"

Johnny Thunders, Arthur Kane, Sylvain Sylvain, Jerry Nolan & David Johansen

Para uma ilustração da importância dos **NEW YORK DOLLS**, bastaria citar que sem eles não existiriam os Sex Pistols. Pois o rufião inglês Malcolm McLaren, antes de bolar a "grande trapaça do rock'n'roll", estagiou como empresário do quinteto nova-iorquino durante um certo período.

E com este aprendizado, ele levou as idéias usadas depois pela banda-mor do punk rock – das posturas arrogantes aos *riffs* de guitarras.

As "bonecas de Nova York" – o vocalista David Johansen, os guitarristas Johnny Thunders e Sylvain Sylvain (que substituiu Rick Rivets), o baixista Arthur Kane e o baterista Billy Murcia (que ao morrer de overdose deu lugar a Jerry Nolan), através das lantejoulas do *glitter rock*, ergueram a ponte que uniu o rock de garagem dos anos 60 ao punk da década seguinte. Encarnaram com naturalidade o deboche e a frivolidade inerentes ao *showbiz* e forjaram um som primal e vigoroso, que abranga desde o rhythm'n'blues até o hard rock.

Mas eles não foram compreendidos em sua época e se dissolveram. Gente como Ramones, Blondie, Morrissey (ex-presidente de um fã-clube do grupo) e também as *drag queens* em geral continuaram o trabalho deles.

A recente coletânea **Rock'N'Roll** (Mercury) quita em parte este ônus, compilando quase na íntegra os dois álbuns oficiais feitos pela banda – *New York Dolls* (73) e *Too Much, Too Soon* (74, *Discoteca Básica*, BIZZ 36).

Para os completistas ainda há três faixas inéditas do grupo presentes nesta compilação. Mas, na verdade, títulos clássicos como "Trash", "Frankenstein" e "Babylon" são aqueles que melhor poderiam dar uma idéia daquilo que os New York Dolls pretendiam.

Sergio Barbo

"Tremendão" & "Pilantragem"

Há quem sustente a tese de que o real mentor da Jovem Guarda foi na verdade **ERASMO CARLOS**, e não Roberto. Se o rei tinha a imagem de "bom moço", já o "tremendão" fazia o gênero rebelde. Aliás, se comentava que as melhores músicas da dupla eram feitas por Erasmo. Algumas delas estão no CD **Erasmo Carlos – O Tremendão** (RGE). A seleção cobre o período de 65 a 68, com clássicos como "Gatinha Manhosa", "Você Me Acende", "O Caderninho", "Sentado À Beira do Caminho" e – é claro – "Festa De Arromba", primeiro hit e início da parceria Roberto/Erasmo.

Toninho Spessoto

Provavelmente, nenhum cantor dos anos 60 foi tão injustiçado como **WILSON SIMONAL**. Ele surgiu em uma época na qual quase ninguém ficou imune à bossa nova. Era técnico e tinha uma afinação e um fraseado impecáveis. Depois misturou o estilo com o ié-ié-ié e criou a "pilantragem". Verdadeiros hinos deste período: "Vesti Azul", "Meu Limão, Meu Limoeiro" e "Mamãe Passou Açúcar Em Mim". Fazia o tipo "cafajeste bem de vida", com o boné e os chinelões inseparáveis. Nosso herói caiu em desgraça a partir do instante em que se envolveu com o regime militar. Se "Simona" pisou ou não na bola, não importa. Legal é curtir novamente seus hits através do CD **A Bossa E O Balanço** (Continental/Warner).

Paulo Cavalcanti

A HORA E A VEZ DO FLASHBACK

Vários selos independentes — ou quase — se arriscam lançando nomes históricos no mercado tupiniquim

Leão de castelo

Mais uma gravadora especializada em "relançamentos econômicos" entra no mercado brasileiro. É a inglesa Castle, que promete lançar boa parte de seus mais de mil títulos. São basicamente compilações, além de álbuns dos mais diversos artistas.

Para começar, ela vem com três edições. **We Sold Our Soul For Rock'N'Roll** do **BLACK SABBATH**, **Greatest Hits**, do **NAZARETH** e **The Collection**, apresentando **IKE AND TINA TURNER**.

A compilação do Black Sabbath foi lançada originalmente como vinil duplo em janeiro de 76. Será que ainda existe alguma alma viva neste mundo que não conheça hits como "Paranoid", "Iron Man" e a balada "Changes"? Se não existe, então, esta boa antologia da melhor fase do Black Sabbath é uma indicação das mais oportunas.

Para os mais desavisados, os escoceses do grupo Nazareth são estigmatizados pela sua versão da balada "Love Hurts". Na verdade, eles fizeram a fama com o hard rock de faixas como "Hair Of The Dog", "Bad, Bad Boy" e outras presentes nesta coletânea.

Ike And Tina Turner, atração do primeiro pacote nacional do selo inglês Castle

O CD contendo as gravações de Ike And Tina Turner é composto de registros que a dupla – então marido e mulher – fez em 74, no estúdio dele. O soul/rhythm'n'blues cru e tipicamente setentista é a sonoridade que dá a tônica do disco, em faixas como "Living For The City" e "Sugar Sugar" (é, aquele velho hit do grupo The Archies!). *Paulo Cavalcanti*

Do vídeo para o CD

Apostando firme no *flashback*, entra em campo uma nova gravadora, a Europa, antes uma empresa dedicada apenas ao lançamento de vídeos. O pontapé inicial é dado com a série *Spotlight*, com cinquenta CDs.

A série editada pelo selo Plug, da BMG-Ariola, faz algo "obrigatório": resgatar algumas bandas representativas, mesmo que desconsideradas na época de seu lançamento. O *nonsense* folk de Flávio Murrah e o gargarejo barítono de Tony Platão, do **HOJERIZAH**, dividem com o funk brazuca dos **PICASSOS FALSOS** esta que é a primeira edição de *Bandadas Plug*.

O primeiro sempre chamou mais a atenção pelo vocal esquisitão do que por suas músicas e foi bem compilado em oito faixas, que é o que a maioria das pessoas conseguem ouvir do grupo, numa boa. Já os Picassos ainda soam absurdamente atuais. Tudo coeso, pop e – melhor – quase não se percebe as "cabecices" do vocalista Humberto Effe. *Alexandre Rossi*

Subterrâneos brasileiros

Dois obscuros resgates do rock nacional saído da década de 80

Santos é uma cidade horrível, uma Juiz de Fora pateticamente provinciana, mas nos deu **HARRY**, um exemplo raro de uma banda de rock que passou bem longe de toda nossa caipirice.

Desde que surgiu em meados da década passada, brigou bravamente por seu espaço, teve conquistas e feitos notáveis para uma banda independente, mas acabou vencida pelo monte de bobagens armadas como rock e se retraiu, quebrada pela pequenez do mercado cada vez mais distante de novas propostas.

Chemical Arquives (Cri Du Chat) é uma coletânea do material que a banda registrou entre 86 e 90, contando ainda com mais quatro músicas inéditas. O CD saiu com distribuição independente e assim reafirmou a soberba música inteligente que o Harry sempre fez. Falando francamente, o rock brasileiro não precisava ter errado tanto. *René Ferri*

Oates e Daryl Hall estão no pacote do selo Europa

As edições vão do jazz ao clássico, mas o melhor está no pop/rock, em gravações raras: **BEE GEES** antes do grupo estourar (em 67), **NEIL SEDAKA** nos anos 70, acompanhado pelo 10cc, **STEELY DAN** em várias formações, **DARYL HALL AND JOHN OATES** em gravações de 70, quando ainda procuravam uma identidade musical, além de originais com **SLY AND THE FAMILY STONE** e **THE DRIFTERS**, mas o pessoal do country – **WILLIE NELSON CONWAY TWITTY** e **PATSY CLINE** compõem a melhor parte desta leva inicial da Europa. *Toninho Spessoto*

Tudo em formação

Mais uma vez, a informação vai parar na lata de lixo. Que dizer de um pacote de treze CDs que vão de **BILLIE HOLIDAY** a **LOUIS ARMSTRONG**, ou de **ROY ORBISON** a **THE PLATTERS**, que não trazem nenhuma nota, nenhuma frase, sobre as gravações que os discos agrupam. É o que ocorre com os mais recentes lançamentos do selo português Movieplay por aqui.

OK, exceção seja feita aos CDs editados de **GENE VINCENT** (**Rebel Heart**), **ELVIS PRESLEY** (**The Legend Begins**) e **JERRY LEE LEWIS** (**Live In Italy**, o melhor do pacote, com o *killer* em ação nos palcos italianos em 87. Os três têm textos informativos, com os músicos presentes, condições de gravações etc. Tornam o prazer da audição ainda maior. O duro é engolir os discos de **BILL HALEY AND HIS COMETS**, **FRANK SINATRA**, **CHUBBY CHECKER**, **THE MAMAS AND THE PAPAS**, **RAY CHARLES** e **NAT KING COLE** no escuro. É hora de aprenderem a tratar nossos cérebros – e, claro, nossos ouvidos. *Hélio Gomes*

Jerry Lee ao vivo: o melhor CD da Movieplay

Entre erros e acertos

A gravadora independente Velas já havia editado uma série de CDs de artistas brasileiros, mas agora investe também no campo internacional, especialmente no de edições com registros do passado.

Para começar, saem com a caixa quádrupla **Blues & Soul**, cuja pretensão é reunir os grandes nomes dos dois estilos. A seleção das 71 faixas é irregular, não apresentando nenhuma novidade e – pior – com pouca coisa boa entre o material "raro". O CD **Father Of Soul**, que chega trazendo **JAMES BROWN**, segue nessa linha, obscuros registros – na maioria ao vivo. Valeu a intenção do selo, mas as próximas edições merecem um capricho maior.

Já a gravadora independente Maurício apresenta o seu pacote com quatro "coletâneas-picadinhas" sem nenhuma grande novidade: **Sixties USA – Volume One**, **It's The 60's – Volume Two**, **60's US Songs** e **Hits Of The 70's**. A grande sacada, porém, é a compilação **The Best Of Dave Dee, Dozy, Beaky, Mick & Tich**, trazendo o *bubblegum* esperto do quarteto que se celebrizou com o hit "Legend Of Xanadu", além de outras faixas muito curiosas. *Celso Pucci*

Nestlé MENTEX®

Mentex faz do seu beijo uma cena de cinema.

Clássicos

NOS EMBALOS DAS NEGRAS MELODIAS

Diversos estilos da black music e alta nos lançamentos importados

O legado dos imperadores

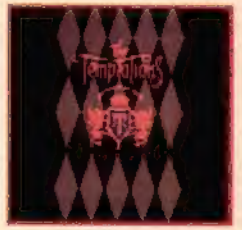
Grupo-chave da soul music é resgatado em caixa de CDs

The Temptations nos idos de 72, ao lançarem o hit "Papa Was A Rollin' Stone"

A gravadora Motown quis comemorar em grande estilo o aniversário de 30 anos de vida do grupo vocal **THE TEMPTATIONS** – um dos principais pilares da *soul music* – com um generoso caixote de cinco CDs.

Batizada com o apropriadíssimo título **Emperors Of Soul**, a *boxed set* traz 109 faixas selecionadas pelo mesmo Harryn Weinger, que foi premiado há alguns anos atrás com um Grammy, pelo trabalho meticuloso realizado na caixa de James Brown.

Weinger acompanhou os Temptations desde 59 – a partir do compacto "Come On", creditado a Otis Williams And The Distants, antigo grupo de Melvin Franklin, Richard Street e Elbridge Bryant, depois integrantes de algumas das várias encarnações dos Temptations.



E chegou até 94, completando o serviço com quatro canções gravadas especialmente para esta coleção, trazendo o caçulinha Theo Peoples no lugar de Richard Street).

Esta trajetória passou por hits obrigatórios ("Just My Imagination", "Ball Of Confusion", "Ain't Too Proud To Beg", "Papa Was A Rollin' Stone") e ainda ofereceu um punhado de raridades inéditas (como "Angel Doll", uma parceria com Stevie Wonder datada de 67, e "My Kind Of Woman, de 89, na qual Ice T participa fazendo um rap. *JOSÉ EMILIO RONDEAU*

Big Joe Turner: 45 anos de canções clássicas

Suingue no sangue

Sai antologia com um ás do boogie woogie

BIG JOE TURNER começou a sua carreira fonográfica em 38, quando gravou a tórrida "Roll'Em Pete", pelo selo roce Vocalion. E terminou em 83, um ano antes de morrer.

Turner é uma figuraça majestosa – em 45 anos de música gravada, não precisou mudar o estilo, apenas refinou-o à medida em que o tempo passou. Sua fase na gravadora Atlantic – de 51 a 62, a de maior sucesso – foi mais sofisticada se comparada ao material que ele gravou anteriormente. Mas não foi menos abrasiva, nem menos excitante.

Big, Bad & Blue – The Big Joe Turner Anthology (Rhino) é uma caixa de três CDs que cobre toda a sua carreira, com tudo que é essencial: "Shake, Rattle And Roll", "Honey Hush" e "Flip, Flop And Fly", num total de 61 clássicos, mais um detalhado *booklet*. A lista dos músicos da obra é um *who's who* do boogie woogie, do blues e do rhythm'n'blues. Para Big Joe, até os anjos dizem amém. *RENÉ FERRI*

"Shake with Bootsy"

Balance os quadris ao som do mestre funk

O discípulo predileto de James Brown e da *famiglia* Funkadelic/Parliament está de álbum novo: *Blasters Of The Universe*, que inclusive é bacana.

Mas a introdução ideal para o desvairado universo musical concebido pelo baixista/vocalista/*band leader*/multiinstrumentista **BOOTSY COLLINS** é mesmo a coletânea **Back In The Day: The Best Of Bootsy's Rubber Band** (Warner).

Ela cobre desde seu período solo áureo, o dos discos *Stretchin' Out In Bootsy's Rubber Band* (76) e *Ahh... The Name is Bootsy, Baby!* (77), até as incursões menos felizes nos anos 80, ao longo dos quais seu *psicofunk* foi sucumbindo às estratégias da *dance music* (para os desavisados, Bootsy Collins era aquele neguinho de óculos e baixo em forma de estrela que pegava carona no boom do Deee-Lite).

Mas os petardos "funkóides" que o cara detona em faixas como "Stretchin' Out", "The Pinochio Theory", "I'd Rather Be With You", entre outras, botam ordem na casa da criatura mais bizarra(!) criada pelo doutor George "Funkenstein" Clinton.

Além de tudo isso, esta compilação é quase perfeita no que diz respeito ao repertório escolhido. De bom mesmo, só ficou de fora a faixa "Jungle Bass", originalmente lançada em um EP homônimo, que foi co-produzido por Bootsy e Bill Laswell, em 90.)

Um disco que pode ser considerado como clássico absoluto. *ALEX ANTUNES*

Gangster do amor

Ressurge a guitarra que influenciou Hendrix

Que dizer de um guitarrista que foi reconhecido pelo próprio Jimi Hendrix como uma influência confessa dele?

No mínimo, que é "fera". Pois o texano **JOHNNY "GUITAR" WATSON** é a figura em questão. O cara atuava pelo circuito de blues e rhythm'n'blues desde os anos 50, mas só na década de 70 tornou-se conhecido, quando sua guitarra incorporou o fraseado rítmico do funk aos solos delirantes.

É exatamente este período que é agora resgatado pelo selo Collectables, através do relançamento de cinco álbuns: **Ain't That A Bitch** (76), **A Real Mother For Ya**, **Funk Beyond The Call Of Duty** (ambos de 77), **Giant** (78) e **Love Jones** (80). Para quem aprecia um suingue de balançar as paredes, trespassado por *riffs* na mais pura raiz do blues, este quinteto é realmente imperdível. *CELSO PUCCI*

Nestlé MENTEX®

Mentex faz do seu beijo uma cena de cinema.

Clássicos

Raridades interativas

Coleção britânica reúne registros exclusivos em revista e CD

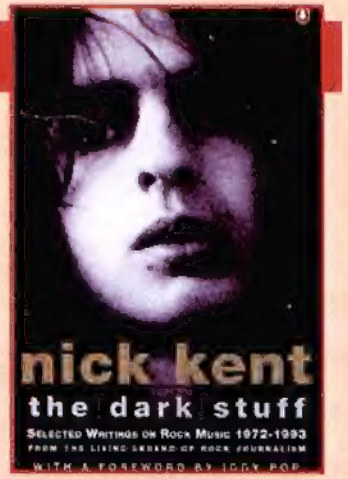
Editada trimestralmente na Inglaterra, **Volume** é uma publicação musical que procura explorar as possibilidades do universo interativo, com jogos e testes bem ao estilo corrosivo do *british humour*.

A inclusão de material exclusivo, gravações ao vivo, remixagens raras, versões demo etc. – por artistas de diversas tendências – é o que, em primeira instância, justifica o interesse em torno deste curiosíssimo *CD-magazine*: a cada edição, os editores Rob Deacon e Robin Gibson prestigiam desde as últimas novidades do circuito *etno-ambient-rave* (**SABRES OF PARADISE, LOOP GURU, TRANS-GLOBAL UNDERGROUND, RUB ULTRA**) até o que há de mais idiossincrático em termos de rap (**CREDIT TO THE NATION, CONSOLIDATED**), *dub* (**INSIDES, TERMINAL CHEESECAKE**), inclassificáveis esquisitices (**LITTLE AXE, dEUS, DISCO INFERNO**) e, claro, dos grandes astros do rock atual (**HELMET, SONIC YOUTH, THE BREEDERS, NINE INCH NAILS**). Interessados na assinatura, escrever para: 22/23 Brook Mews North, London, W2 3BW. *Arthur G. Couto Duarte*

Livro

Saltos no escuro

Um retrato fiel do lado "barra pesada" do rock'n'roll



Entre a crítica de rock'n'roll, existem montanhas de enciclopédias e livros especializados, biografias autorizadas ou não etc. Mas é certo que todo este material dificilmente agradaria alguém além daqueles que frequentam o meio ou ao fã mais ranhido.

Mas não é este o caso de **The Dark Stuff: Selected Writings On Rock Music 1972-1993** (Penguin). Trata-se do primeiro livro do jornalista britânico **NICK KENT**, que desde o início dos anos 70 – quando começou a escrever para o semanário *New Musical Express* – tornou-se um dos nomes mais conceituados e reconhecidos da imprensa rock.

Isto não quer dizer que ele fosse um escriba genial ou um sério e profundo analista da cena musical. Simplesmente o cara tinha rock'n'roll nas veias e, vivendo às últimas conseqüências este estilo de vida, acabou fazendo algumas das mais reveladoras entrevistas e artigos a respeito do "lado negro" dos *rockstars*. Tanto que ao longo de certo período nos anos 70, abandonou o jornalismo para trabalhar com os Sex Pistols e até montou uma banda.

O livro descreve turnês que acompanhou com os Rolling Stones, New York Dolls, Sex Pistols e traz entrevistas com Brian Wilson, Lou Reed, Neil Young e outros. Há relatos de sexo (poucos, mas escandalosos), drogas (em doses enormes) e rock'n'roll (como profissão de fé). Mas a melhor definição está no prefácio de Iggy Pop: "De magreza hospitalar, nariz vermelho escorrendo pela fissura por drogas, jogando a cabeça para trás em um 'efeito Keith Richards' e um interesse permanente por sujeira. Este era Nick Kent nos anos 70 e 80: um verdadeiro *rock'n'roller*". *Celso Pucci*

FUI ESSA...

- Os Stooges adoravam ser corruptos.... Eram drogas pesadas e garotas menores de idade. De repente, Hollywood estava fervilhando com uma porção de meninas de 14 anos chapadas com tranquilizantes de suas mães e abanando os cartões de crédito (roubados) de seus pais *(Kent, com os Stooges, em 73)*
- Lou não era meu amigo, pois não queria dividir suas drogas comigo. Ele tomava Octagel, que é a forma mais poderosa de anfetamina. Conhece? Faz você trincar os dentes. Eu tinha que sair de sua casa, quando ele começava a bater em sua namorada *(Nico, falando de Lou Reed em uma entrevista de 74)*
- Ron Wood estava tendo sérios problemas com "free base" *(cigarro temperado com cocaína)* e estava ficando embaçado e estúpido. Chegou a dormir no palco durante um show em Londres e Keith Richards teve que acordá-lo com um soco na cara *(Kent, relatando um episódio da confusa turnê dos Stones em 81)*

Jukebox

The Walker Brothers

O mais surpreendente fenômeno do showbiz inglês dos anos 60 foi o grupo **THE WALKER BROTHERS**. E que fenômeno! Durante o seu breve reinado (de meados de 65 até começo de 67), os Walkers talvez superaram os venerados Beatles em termos de popularidade, adulação fanática e provocação de histeria em massa. Nada mau para um grupo emigrado dos EUA, saído de Los Angeles depois de anos de obscuridade gastos em carreiras individuais.

John Maus e Scott Angel, gravavam solo nos Estados Unidos no início dos anos 60. Em dupla, como The Dalton Brothers, gravaram para o selo Tower. Quando se juntaram a Gary Leeds, baterista de P.J. Proby, estava formado The Walker Brothers. Fecharam contrato com a Philips e, a conselho de Jack Good, foram tentar a sorte na Inglaterra, onde tudo ocorria.

> "O grupo prova quão imprevisível era o sucesso nos bons tempos"

Faltava achar o som, mas o segundo compacto, cover de um obscuro single dos Everly Brothers – "Love Her" – mostrou-lhes o caminho.

Os Walkers iriam criar/recriar os maiores clássicos luxuriantes da música pop, as grandes *extravaganzas*, com arranjos bombásticos e vocais derramados pelos baritonos de Scott e John. Explodiram no terceiro single, a regravação de "Make It Easy On Yourself", antes lançada por Jerry Butler. Os ingleses os amaram incondicionalmente; toda a imprensa – até as famosas *pirate radios* – se derreteu em elogios. Como a fórmula não funcionou nos Estados Unidos, se fixaram em Londres.

The Walker Brothers *(à partir da esquerda)*: John Maus, Gary Leeds & Scott Angel

A imagem cuidada – Scott era "intelectual", fã de Sartre e de jazz moderno; John, o *heart throb* esportista, e Leeds, charmoso e despreocupado – escondia o óbvio: eram muito bons! Tinham mais a ver com Jack Jones do que com Beatles, reverenciando The Drifters, Curtis Mayfield, Bob Dylan e tantos outros.

No auge do sucesso, discos solos de John, Scott e Leeds já pipocavam. A separação era iminente. Scott foi quem se deu melhor. John casou-se com a ex-cantora *teen* Kathy Young, um dos meus prezados fetiches. Eles não podem ser ignorados e provam o quão imprevisível era o sucesso pop nos bons tempos. *René Ferri*

Discografia Selecionada

- **Take It Easy With The Walker Brothers** (65, Philips)
- **Portrait** (66, Philips)
- **Images** (67, Philips)
- **No Regrets – The Best Of Scott Walker And The Walker Brothers** (92, Phonogram)

Os três álbuns citados foram lançados originalmente na Inglaterra e só estão disponíveis em CD através de edições japonesas, via Phonogram. A compilação que saiu em 92 pela mesma selo pode ser encontrada também nos Estados Unidos e na Europa.

D.B.

Discoteca Básica

CREAM
Disraeli Gears

PERFORMANCE

Lançamento 1967 ■ **Produção** Felix Papallardi ■ **Faixas** "Strange Brew" • "Sunshine Of Your Love" • "World Of Pain" • "Dance The Night Away" • "Blue Condition" • "Tales Of Brave Ulysses" • "Swlabr" • "We're Going Wrong" • "Outside Woman Blues" • "Take It Back" • "Mother's Lament" ■ **Notas** *Disraeli Gears* foi gravado em quatro dias, entre 3 e 8 de abril de 67, no estúdio Atlantic, de Nova York • O estranhíssimo título do álbum é um trocadilho inglês sobre quedas em corridas de bicicleta (?!) • Apesar do sucesso estrondoso de "Sunshine Of Your Love", o primeiro single do álbum foi "Strange Brew", com "Tales Of Brave Ulysses" no lado B • O disco foi a primeira produção bancada pelo célebre empresário da banda, o americano Robert Stigwood ■ **Formatos** Disponível na Europa, Estados Unidos e Japão, em versão integral e remasterizada digitalmente. No Brasil, o disco nunca foi lançado. As únicas faixas incluídas em lançamentos nacionais são "Strange Brew", "Sunshine Of Your Love", "Tales Of Brave Ulysses" e "Swlabr", encontradas na coletânea em CD *Strange Brew – The Very Best Of Cream* e na caixa *Crossroads*, de Eric Clapton, que traz apenas as três primeiras.

"Foi apenas um *impromptu* (peça musical não preparada previamente) acontecido em quatro dias." Com essas palavras, o baixista Jack Bruce definiu o segundo álbum do Cream, *Disraeli Gears*, em meados de 68.

Bruce estava certo. Ele falava de uma obra que exalava liberdade criativa e urgência, a síntese de uma era da música pop. Um tempo chamado psicodelismo.

Disraeli Gears foi lançado em 67, em meio a obras-primas como *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (Beatles), *Between The Buttons* (Rolling Stones), o primeiro The Doors, *Are You Experienced?* (Jimi Hendrix) e *The Who Sell Out* (The Who).

O *power trio* formado por Eric Clapton (vocal, guitarra), Jack Bruce (vocal, baixo) e Ginger Baker (bateria) deixava para trás um primeiro álbum impecável (*Fresh Cream*, gravado em 66) para partir rumo a uma nova música.

Até então consagrado como "grupo de palco", o trio entrou no estúdio Atlantic, de Nova York, com a pretensão de criar uma releitura do blues elétrico – a escola dos três músicos.

Para obter o resultado desejado, a banda tinha a seu lado o produtor Felix Papallardi e o poeta Pete Brown, parceiro de Bruce até o fim do Cream, em 69.

"Nossa música não pode ser incluída no contexto de blues, porque muito do que tocamos é algo provavelmente novo", disse Clapton à época do lançamento do disco.

Não havia uma fórmula que definisse o álbum. Suas onze canções tinham um sotaque único, diferente a todo instante.

O cardápio era variado. "Sunshine Of Your Love", "Strange Brew" e "Blue Condition" usavam harmonias básicas do blues para alçar vôos vocais e guitarrísticos. Já "Tales Of Brave Ulysses", "Swlabr" e "World Of Pain" forjavam um verdadeiro tratado psicodélico, aliando letras lisérgicas a um instrumental calcado sobretudo na *wah wah guitar* inventada por Clapton. A banda ainda resvalava no velho blues em "Outside Woman Blues" e "Take It Back", onde a gaita de Jack Bruce dava o tom. Ainda havia espaço para a brincadeirinha "Mother's Lament", em que os três narravam um tolo drama familiar, com um piano infantil ao fundo.

Disraeli Gears proporcionou ao Cream trânsito livre nos Estados Unidos. Enquanto o single de "Sunshine Of Your Love" freqüentava o *Top Ten* da revista *Billboard* e virava trilha sonora para as loucuras de toda uma geração, a banda apresentava-se nos dois lados do país, abrindo espaço para outras bandas britânicas, como o Led Zeppelin.

O Cream no *downtown* londrino, *circa* 67: Baker, Bruce e Clapton

Nos palcos, Clapton tentava engolir a bateria de Baker com sua Gibson SG. O baterista lutava contra o baixo de Bruce, que, enquanto isso, digladiava-se com Clapton em uma guerra movida a barbitúricos e egocentrismo.

Este clima – que foi levado às últimas conseqüências no álbum duplo *Wheels Of Fire* (68) e abrandado em *Goodbye* (69) – contagiou os três músicos rapidamente. Estabelecido o caos entre os três membros da banda, o final tornou-se um fato irreversível. O resto é história.

Mas é óbvio que muito ficou. E o melhor registro da criatividade do Cream está em *Disraeli Gears*. HELIO GOMES

Verão 95

PRONTA ENTREGA (011) 826 4366

7 7 5